



AGATHA
CHRISTIE

**A Testemunha Ocular
do Crime**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Agatha
Christie

A

Testemunha

Ocular

Testemunha
Ocular
do Crime

Agatha Christie

A Testemunha Ocular do Crime

Título Original inglês

4.50 from Paddington

Círculo Livro

Tradução

Maria Aparecida Moraes Rego

1957

Personagens

ELSPETH MCGILLICUDDY — ela era o tipo da senhora sensata que sabia muito bem o que vira — e tinha visto um assassinato...

JANE MARPLE — uma trêmula e doce octogenária, aficionada de licores caseiros, bules de chá e investigações furtivas...

LUCY EYELESBARROW — empregada para todo o serviço com um diploma de Oxford, ela mimava jovens, velhos, cães e bêbados contumazes com a mesma eficiência...

EMMA CRACKENTHORPE — quase uma solteirona, fingia acreditar que o pai, Luther, era mesmo o inválido que pretendia ser...

LUTHER CRACKENTHORPE — um velho sovina e rabugento que vivia contando seus soberanos de ouro e planejando sobreviver aos três filhos...

ALEXANDER EASTLEY — o filho de Bryan achava os pudins de Yorkshire e as tortas de melão sensacionais, mas fenomenal mesmo seria encontrar uma pista...

DR. QUIMPER — o clínico geral de maneiras cínicas e desinibidas que costumava aparecer mesmo quando não havia ninguém doente...

CEDRIC CRACKENTHORPE — um pintor boêmio que vivia numa ilha do Mediterrâneo e que dizia não querer nada com as mulheres...

HAROLD CRACKENTHORPE — um correto cidadão que parecia acreditar que o crime fosse um insulto deliberado à honra de sua

família...

ALFRED CRACKENTHORPE — embora não propriamente desonesto, ele era esperto, tão esperto, que às vezes se machucava...

BRYAN EASTLEY — embora ex-piloto cheio de medalhas, comportava-se grande parte do tempo como um menininho infeliz...

INSPETOR-DETETIVE DERMOT CRADDOCK — ele tinha o hábito de revelar uma pequena parcela dos fatos como se fosse toda a verdade...

Capítulo 1



Na plataforma, Mrs. McGillicuddy seguia ofegante o carregador que levava a sua mala. O homem era alto e ágil e Mrs. McGillicuddy era baixa e gorducha, além de estar sobrecarregada com uma montanha de embrulhos, resultado de um dia febril de compras de natal. A competição era portanto desigual e, quando o carregador chegou ao final da plataforma, Mrs. McGillicuddy ainda vinha longe.

Naquela hora, a plataforma 1 não estava apinhada, pois um trem acabara de partir, mas, na terra-de-ninguém que a precedia, uma multidão esbaforida corria para lá e para cá, distribuindo-se entre o subsolo, o depósito de bagagens, o quadro de avisos e os pontos de contato com o mundo exterior: os portões de “Chegada” e “Partida”.

Mrs. McGillicuddy e seus embrulhos foram empurrados de um lado para outro, mas por fim ela conseguiu chegar à entrada da plataforma 3, colocou um pacote no chão, juntou os pés, e procurou na bolsa o bilhete que lhe permitiria passar pelo severo funcionário uniformizado que guardava o portão.

Nesse instante, uma voz áspera mas educada ressoou acima de sua cabeça:

— A composição da plataforma 3 sairá às dezesseis e cinquenta e quatro com destino a Brackhampton, Milchester, Waverton, Carvil Junction, Roxeter e demais estações até Chadmouth. Os passageiros que vão para Brackhampton e Milchester deverão tomar os últimos vagões; os passageiros com destino a Vanequay farão baldeação em Roxeter.

A voz calou-se com um estalido, mas logo recomeçou sua arenga, anunciando a chegada, na plataforma 9, do trem das dezesseis horas e trinta e cinco minutos, que vinha de Birmingham e Wolverhampton.

Mrs. McGillicuddy encontrou seu bilhete e mostrou-o ao guarda, que o perfurou, murmurando:

— A sua direita, últimos vagões.

Ela seguiu pela plataforma até encontrar o seu carregador, que olhava para o vazio com uma expressão entediada, junto à porta de um vagão de terceira classe.

— É aqui, minha senhora — disse ele.

— Vou viajar na primeira classe — retrucou Mrs. McGillicuddy.

— A senhora não explicou — resmungou o carregador, olhando com pouco-caso para o seu casaco *tweed* sal-e-pimenta, de corte masculino.

Mrs. McGillicuddy explicara, sim, mas resolveu não discutir. Estava sem fôlego e cansada.

O carregador voltou a pegar a mala e caminhou para o vagão seguinte, onde se acomodou a passageira em solitário esplendor. O trem das dezesseis e cinquenta e quatro não era muito procurado, os usuários da primeira classe preferiam o expresso matutino, bem mais rápido, ou o das dezoito e quarenta, que tinha carro-restaurante. Mrs. McGillicuddy deu ao carregador uma gorjeta, que ele recebeu com ar desapontado, obviamente considerando-a mais adequada a viajantes da terceira classe. Mas, embora Mrs. McGillicuddy estivesse disposta a pagar pelo seu conforto depois de uma noite no noturno e um dia exaustivo de compras, não era de seu hábito distribuir gorjetas extravagantes.

Com um suspiro, ela recostou-se nas luxuosas almofadas e abriu uma revista. Cinco minutos depois, os apitos soaram e a composição partiu. A revista escorregou-lhe das mãos, sua cabeça caiu para um lado e três minutos mais tarde ela adormeceu. Dormiu durante trinta e cinco minutos e acordou revigorada.

Empertigou-se, ajeitou o chapéu, que escorregara para um lado, e concentrou-se na paisagem fugidia. Já estava bem escuro lá fora, aquele entardecer sombrio e úmido de dezembro. Faltavam só cinco

dias para o Natal. Londres estava escura e lúgubre, e o campo não parecia melhor, embora ocasionalmente as luzes das estações e cidadezinhas que iam ficando para trás alegrassem o cenário.

— Este é o último chá — anunciou um cabineiro, abrindo a porta do corredor com a agilidade de um mágico, mas Mrs. McGillicuddy já tomara o seu chá num grande shopping center e ainda se sentia muito bem alimentada. O cabineiro seguiu pelo corredor, repetindo o seu refrão monótono. Com uma expressão satisfeita, Mrs. McGillicuddy ergueu os olhos para o porta-bagagem, onde colocara seus embrulhos. As toalhas de rosto que Margaret cobiçava tinham sido uma pechincha, a pistola espacial de Robby e o coelho de Jean eram plenamente satisfatórios, e o seu abrigo de noite era justamente o que andara procurando, quente mas elegante. O pulôver de Hector... Recapitulou com aprovação as boas compras do dia.

Contente, Mrs. McGillicuddy voltou os olhos para a janela. Um trem que ia em sentido contrário cruzou o seu com grande estardalhaço, sobressaltando-a e fazendo estremecer as janelas. O vagão trepidou ao passar sobre um cruzamento e deixou para trás a estação.

Pouco depois, o trem começou a diminuir a velocidade, provavelmente em obediência a algum sinal. Por alguns minutos, seguiu bem devagar, até parar completamente. Começara a acelerar outra vez, quando outra composição, que também ia para o sul, aproximou-se numa curva fechada, com efeito alarmante.

Durante algum tempo, os dois trens seguiram paralelos, ora um na dianteira, ora o outro. Da sua poltrona, Mrs. McGillicuddy via as janelas dos vagões paralelos. A maior parte dos estores estavam descidos, mas de vez em quando via-se os ocupantes das cabines. O outro trem não estava muito cheio e levava vários vagões vazios.

Num dado momento em que as duas composições davam a ilusão de estar paradas, o estore de uma janela fronteira subiu num estalo. Mrs. McGillicuddy viu claramente o interior da cabine de primeira classe, que estava a menos de um metro dela.

Prendeu a respiração e soergueu-se, aturdida.

Um homem estava de pé, de costas para a janela e para ela, com as mãos em torno do pescoço de uma mulher, que o encarava. Lenta e implacavelmente ele a estrangulava. Os olhos da mulher haviam saltado das órbitas, seu rosto estava roxo e congestionado. Enquanto Mrs. McGillicuddy olhava, fascinada, o fim chegou. Inerte, o corpo da mulher escorregou das mãos do homem.

Nesse instante, o trem de Mrs. McGillicuddy diminuiu a velocidade e o outro acelerou, adiantando-se, e em poucos segundos sumiu de vista.

Quase automaticamente, Mrs. McGillicuddy ergueu a mão para puxar a corda de emergência, mas conteve o ímpeto, indecisa. Afinal, de que adiantaria dar o alarme no trem em que viajava? O horror daquela visão, tão próxima, e as circunstâncias incomuns paralisavam-na. Precisava fazer alguma coisa imediatamente... mas o quê?

A porta de seu compartimento abriu-se e um funcionário da ferrovia pediu polidamente:

— Sua passagem, por favor.

Mrs. McGillicuddy virou-se para ele, veementemente:

— Uma mulher acaba de ser assassinada no trem que passou por nós agora mesmo — ela disse. — Eu vi!

O funcionário olhou-a com ar de dúvida.

— O que foi que a senhora disse?

— Vi uma mulher sendo estrangulada naquele trem! Eu vi... pela janela! — ela explicou, apontando para a vidraça.

— Estrangulada? — ele repetiu, incrédulo.

— Sim, estrangulada! Eu vi, estou lhe dizendo que vi! O senhor precisa fazer alguma coisa.

O fiscal tossiu à guisa de desculpas.

— Será que a senhora por acaso não cochilou e... — Ele deixou a frase diplomaticamente no ar.

— Eu tirei um cochilo, sim, mas se pensa que sonhei tudo isso, está muito enganado. Eu vi, estou dizendo que vi!

O olhar do fiscal caiu sobre a revista aberta sobre o banco. Numa ilustração da página da esquerda, via-se uma jovem sendo estrangulada, enquanto de uma porta entreaberta um homem

apontava um revólver para o estrangulador. Num tom persuasivo, o funcionário sugeriu: — Talvez a senhora estivesse lendo um conto policial, daí cochilou e acordou meio confusa...

Mrs. McGillicuddy interrompeu-o: — Eu vi! — afirmou. — E estava tão acordada quanto o senhor está agora.

Estava olhando a janela, e numa cabine do trem que ia ao lado do nosso eu vi um homem estrangulando uma mulher. O que quero saber é o que o senhor vai fazer a esse respeito!

— Bem... senhora...

— O senhor vai tomar alguma providência, não vai?

O fiscal suspirou, relutante, e consultou o relógio.

— Chegaremos a Brackhampton daqui a exatamente sete minutos.

Informarei a meus superiores o que a senhora acaba de me contar. Em que direção ia esse trem que a senhora mencionou?

— Na mesma direção que este, naturalmente. Ou acaso o senhor julga que eu poderia ter visto isso tudo se o outro trem tivesse cruzando conosco num relâmpago?

O fiscal fez cara de quem achava que Mrs. McGillicuddy era capaz de ver qualquer coisa que sua imaginação concebesse, mas tranquilizou-a cortesmente:

— Pode confiar em mim, senhora. Darei parte da sua denúncia. Por favor, dê-me o seu nome e endereço, talvez sejam necessários.

Mrs. McGillicuddy deu o endereço do lugar onde iria se hospedar nos próximos dias e o seu endereço permanente na Escócia. O homem anotou-os e retirou-se com um ar de quem cumprira seu dever, tendo lidado eficazmente com um cansativo espécime do público viajante.

Com a testa franzida, Mrs. McGillicuddy sentiu-se vagamente insatisfeita.

Iria o fiscal realmente relatar o incidente ou apenas quisera acalmá-la?

Provavelmente não era raro viajarem naqueles trens senhoras de idade que acreditavam ter descoberto um complô comunista, estar em perigo de morte, ou ter visto um disco voador ou espaçonaves secretas, velhinhas que denunciavam crimes que

nunca haviam sido cometidos. Se o fiscal julgasse que ela era uma delas...

O trem diminuiu a velocidade, trepidando ao passar por um entroncamento.

As luzes de uma cidade grande começaram a correr pela janela.

Mrs. McGillicuddy abriu a bolsa, pegou o recibo, o único pedaço de papel que encontrou, escreveu nas costas dele algumas palavras com sua esferográfica e meteu-o num envelope que afortunadamente levava consigo. Em seguida, fechou o envelope e sobrescreitou-o.

O trem parou suavemente ao lado de uma plataforma apinhada. A voz ubíqua anunciou:

— A composição que está entrando agora na plataforma 1 é o 17h38, com destino a Milchester, Waverton, Roxeter e estações até Chadmouth. Os passageiros com destino a Market Basing devem pegar o trem que está agora na plataforma 3.

Mrs. McGillicuddy correu os olhos ansiosamente pela plataforma. Tantos passageiros e tão poucos carregadores. Ah! Lá estava um. Ela chamou-o com autoridade.

— Carregador! Por favor, leve isso imediatamente ao escritório do chefe da estação.

Ela entregou-lhe o envelope e um selim.

Em seguida, com um suspiro, recostou-se na poltrona. Bem, fizera o que estava ao seu alcance. Com uma leve sensação de remorso, seu pensamento voltou ao xelim. Na verdade, *seis pence* teriam sido suficientes...

Sua mente retornou à cena que acabara de testemunhar. Horrível, simplesmente horrível. Ela era uma mulher de nervos fortes, mas estremeceu.

Que coisa estranha... que coisa mais fantástica... e acontecera logo a ela, Elspeth McGillicuddy. Se o estore não tivesse subido... Mas sem dúvida aquilo fora obra da Providência.

A Providência quisera que ela, Elspeth McGillicuddy, fosse testemunha de um crime. Sua boca assumiu uma expressão decidida.

Gritos, apitos, um bater de portas. O 17h38 deixou lentamente a estação de Brackhampton. Uma hora e cinco minutos mais tarde, chegava a Milchester.

Mrs. McGillicuddy pegou seus embrulhos e a maleta e desceu do trem.

Correu os olhos pela plataforma e reiterou sua conclusão anterior: não haviam carregadores suficientes. Os que existiam estavam sempre ocupados com as malas postais e os carros bagageiros. Hoje em dia esperava-se que os passageiros carregassem as próprias malas. Pois ela não tinha a menor intenção de carregar sua mala, o guarda-chuva e todos aqueles embrulhos; teria de esperar. Mias tarde, realmente, um carregador aproximou-se.

— Quer um táxi?

— Deve haver um esperando por mim lá fora.

Na frente da estação de Milchester, um motorista de táxi que estivera observando a saída adiantou-se e perguntou num sotaque local:

— A senhora é que é Mrs. McGillicuddy, que vai para St. Mary Mead?

Mrs. McGillicuddy anuiu. O carregador recebeu uma recompensa adequada, se não generosa, e o carro levando Mrs. McGillicuddy com a sua mala e os seus embrulhos iniciou o itinerário de quinze quilômetros. Sentada no banco de trás, muito empertigada, a passageira descobriu que não conseguia relaxar, sentia uma necessidade premente de desabafar seus sentimentos. Por fim o táxi entrou na ruazinha de aldeia que lhe era tão familiar e chegou ao seu destino. Mrs. McGillicuddy desceu e percorreu o caminhezinho de tijolos até a porta da casa. O motorista deixou as malas na soleira quando uma empregada de meia-idade abriu a porta, e Mrs. McGillicuddy atravessou o vestíbulo em direção ao portal da sala de visitas onde sua anfitriã, uma frágil velhinha, esperava-a.

— Elspeth!

— Jane!

Após uma troca de beijos, sem preâmbulos ou circunlóquios, Mrs. McGillicuddy foi direto ao assunto: — Oh, Jane! — gemeu ela. — Acabei de presenciar um assassinato!

Capítulo 2



Fiel aos ensinamentos de sua mãe e de sua avó — ou seja, de que uma verdadeira dama nunca se mostra chocada ou surpresa —, Miss Marple ergueu as sobrancelhas e sacudiu a cabeça.

— Que situação mais aflitiva, Elspeth! Extraordinária, sem dúvida! Acho melhor você contar tudo agora mesmo.

Isso era justamente o que Mrs. McGillicuddy desejava fazer. Ela deixou que sua anfitriã a conduzisse para mais perto da lareira, sentou-se, tirou as luvas e mergulhou numa vívida narrativa.

Miss Marple ouviu-a com grande atenção. Quando finalmente Mrs. McGillicuddy parou para tomar fôlego, Miss Marple interveio com decisão:

— Minha querida, creio que o melhor que você tem a fazer agora é subir, tirar o chapéu e lavar-se. Depois jantaremos e, durante a refeição, não tocaremos nesse assunto. Após o jantar, sim, voltaremos a falar da questão com cuidado, examinando todos os seus aspectos.

Mrs. McGillicuddy aceitou essas sugestões. As duas senhoras jantaram, enquanto comentavam a vida na aldeia de St. Mary Mead. Miss Marple falou da desconfiança geral em relação ao novo organista, contou o mais recente escândalo da esposa do farmacêutico, e aludiu à hostilidade existente entre a diretora da escola e a Associação Feminina. Em seguida, as duas conversaram sobre os respectivos jardins.

— As petúnias são imprevisíveis — disse Miss Marple, levantando-se da mesa. — Ou pegam ou não pegam. Mas quando gostam do lugar, tornam-se praticamente eternas, e hoje em dia existem variedades realmente lindíssimas.

As duas sentaram novamente em frente à lareira, e Miss Marple apanhou dois cálices Waterford muito antigos num armário de canto e uma garrafa num outro.

— Nada de café para você esta noite, Elspeth — disse ela. — Você já está superexcitada, o que não é de admirar, e provavelmente perderia o sono. Receito-lhe um cálice do meu vinho de primulas, e mais tarde talvez uma xícara de chá de camomila.

Mrs. McGillicuddy aquiesceu, e Miss Marple serviu o vinho.

— Jane — começou a visitante, saboreando um primeiro gole —, você não está pensando que eu sonhei ou imaginei esta história, está?

— Certamente que não — protestou calorosamente Miss Marple. Mrs. McGillicuddy soltou um suspiro de alívio.

— O fiscal achou que eu tinha sonhado — disse ela. — Ele foi amável, mas mesmo assim...

— Elspeth, nas circunstâncias, acho isso natural. A sua história realmente é inverossímil, e você era uma estranha para ele. Compreenda, não tenho a mínima dúvida de que você tenha mesmo visto o que me disse ter visto. O fato é espantoso, mas não é impossível. Lembro-me uma vez, quando um outro trem emparelhou com aquele em que eu viajava, de ter reparado que era possível ver-se clara e minuciosamente o interior do vagão ao lado. Certa vez vi uma garotinha que estava brincando com um urso de pelúcia atirá-lo inesperadamente em cima de um homem gordo que dormia a um canto. O homem acordou, indignado, enquanto os outros passageiros continham o riso. Vi-os todos muito claramente.

Mais tarde eu poderia até ter feito uma descrição deles e de suas roupas.

Mrs. McGillicuddy assentiu com gratidão.

— Pois foi o que aconteceu comigo.

— Você disse que o homem estava de costas para você, não foi? Então não viu o rosto dele, não é?

— Não.

— E a mulher, pode descreve-la? Era jovem ou velha?

— Mais para jovem. Eu diria entre os trinta e os trinta e cinco anos.

— Bonita?

— Não sei dizer. O rosto dela estava todo congestionado.

Miss Marple acudiu rapidamente:

— sim, sim, compreendo. E como ela estava vestida?

— Usava um casaco de pele, um casaco claro. Não usava chapéu, e os cabelos eram louros.

— E o homem? Lembra-se de algum detalhe de sua aparência?

Mrs. McGillicuddy levou algum tempo refletindo antes de responder:

— Ele era mais para alto... e moreno, creio. Vestia um sobretudo grosso, de modo que não tenho ideia precisa do eu talhe — ela disse, e acrescentou com desânimo: — Não é muito, não?

— Já é alguma coisa — retrucou a anfitriã, e fez uma pausa antes de perguntar: — Você não tem dúvidas de que a mulher realmente morreu...?

— Ela morreu, sim, tenho certeza. A língua veio toda para fora e... ah, eu preferia não falar sobre isso...

— Ora, certamente, certamente — concordou depressa Miss Marple. — Creio que amanhã saberemos mais detalhes.

— Amanhã?

— Acredito que o caso saia nos jornais matutinos. Depois que esse homem acabou de estrangular a mulher, ele ficou com um cadáver nas mãos, não foi? E o que fez então? Provavelmente saltou do trem logo na primeira estação. Por falar nisso, você se lembra se era um desses vagões de corredor lateral?

— Não, não era.

— Isso parece indicar que o trem não ia muito longe. E quase com certeza parou em Brackhampton. Vamos dizer que ele tenha saltado do trem em Brackhampton e deixado o cadáver sentado a um canto, talvez com a gola do casaco de pele levantada, tapando o rosto para retardar a sua descoberta. É...

creio que ele deve ter feito isso. As sem dúvida logo deram com o cadáver... Acho que é quase certo que a notícia de uma mulher morta descoberta num trem esteja nos jornais amanhã. Veremos.

II

Mas não havia nada nos jornais da manhã.

Depois de se certificarem desse fato, Miss Marple e Mrs. McGillicuddy terminaram seu desjejum em silêncio. Ambas refletiam.

Depois da refeição, deram uma volta pelo jardim. Entretanto, esse passatempo, em geral absorvente, naquele dia não entusiasmou nenhuma das duas. É verdade que Miss Marple chamou a atenção de sua hóspede para algumas novas e raras espécies que adquirira para o seu jardim de plantas rasteiras entre pedras, mas fê-lo de forma distraída. E Mrs. McGillicuddy não contra-atacou, como era o seu costume, com uma lista de suas mais recentes aquisições.

— Este jardim está longe de estar como devia — disse Miss Marple, ainda pensativa — O Dr. Haydock proibiu-me expressamente de abaixar-me ou ajoelhar-me, e o que posso fazer sem isso? Resta o velho Edwards, sem dúvida, mas ele é muito teimoso. E esses biscateiros de hoje em dia estão cheios de maus hábitos, xícaras de chá a toda hora, e muito tempo gasto em ninharias, em vez de atacar logo o trabalho grosso.

— É isso mesmo — disse Mrs. McGillicuddy. — Naturalmente ainda não me proibiram de abaixar-me, mas, com esse peso todo que arranjei — ela abaixou os olhos para suas formas generosas —, mexer na terra depois das refeições me dá azia.

Fez-se um silêncio. Mrs. McGillicuddy assentou os pés no chão com firmeza, deteve-se e virou-se para a amiga.

— E agora? — ela perguntou.

Duas pequenas e insignificantes palavras, mas, pela reflexão de Mrs. McGillicuddy, Miss Marple compreendeu perfeitamente o que

ela queria dizer.

— Tem razão — retrucou.

As duas entreolharam-se.

— Creio que poderíamos ir até a delegacia falar com o Sargento Cornish – sugeriu Miss Marple. — Ele é inteligente e paciente, conheço-o muito bem e ele me conhece. Acho que vai nos ouvir — e transmitir a informação a quem de direito.

E assim, quarenta e cinco minutos depois, Miss Marple e Mrs. McGillicuddy estavam falando com um homem de uns trinta a quarenta anos, de rosto descansado e ar grave, que as escutava com atenção.

Frank Cornish recebeu Miss Marple com cordialidade e até mesmo deferência. Ofereceu cadeiras para as duas senhoras e disse:

— Bem, em que lhe posso ser útil, Miss Marple?

— Eu gostaria, se for possível, que o senhor escutasse o que a minha amiga, Mrs. McGillicuddy, tem a dizer.

O Sargento Cornish escutou. Ao final da narrativa, ficou em silêncio alguns segundos e disse por fim:

— É uma história realmente espantosa.

Seus olhos haviam avaliado discreta e cuidadosamente Mrs. McGillicuddy enquanto ela falava. No todo, sua impressão fora favorável. Uma mulher sensata, que saia contar uma história com clareza. Não lhe parecia uma histérica ou uma mulher de imaginação fértil. Além disso, pelo jeito, Miss Marple acreditava na veracidade da história de sua amiga, e ele conhecia bem Miss Marple: trêmula e delicada na aparência, mas de espírito forte, e perspicaz Omo pouco.

Ele pigarreou e disse: — A senhora pode ter se enganado, naturalmente. Veja bem, não estou dizendo que se enganou, mas há uma possibilidade. Há muitos tipos violentos. O caso pode não ter sido sério, nem fatal.

— Eu tenho certeza do que vi — retrucou Mrs. McGillicuddy com firmeza.

“E manterá a sua história”, pensou Frank Cornish, “e por mais inverossímil que pareça, talvez ela tenha razão.”

Em voz alta ele retrucou: — A senhora informou as autoridades ferroviárias e veio a mim com os fatos. Seu procedimento foi absolutamente correto. Pode confiar em que farei as averiguações necessárias.

Miss Marple fez um gesto de assentimento, satisfeita. Mrs. McGillicuddy, não tão satisfeita, conservou-se em silêncio. O Sargento Cornish interpelou Miss Marple, não tanto pela resposta, mas para ouvir o que ela teria dizer a respeito do caso.

— Admitamos que a história de sua amiga seja verdadeira — disse ele —, o que acha que pode ter acontecido ao cadáver?

— Creio que só existem duas hipóteses — respondeu Miss Marple sem hesitar. — A mais verossímil, naturalmente, é que ele tenha ficado no trem. Mas agora isso já me parece pouco provável, pois ele deveria ter sido encontrado ontem à noite por algum passageiro ou pelo pessoal da ferrovia, no fim do percurso.

Frank Cornish assentiu.

— A única alternativa que restava ao assassino seria jogar o corpo fora do trem. Portanto, ele deve estar perto dos trilhos, em alguma parte, ainda oculto, por mais improvável que isso pareça. Mas não vejo outra forma de o assassino ter se livrado do cadáver.

— Num livro, o cadáver teria sido escondido num malão — acudiu Mrs. McGillicuddy —, mas hoje em dia ninguém viaja mais com malões, só com malas comuns, e é impossível enfiar um corpo numa mala.

— Concordo com as senhoras — disse Cornish. — O cadáver — se é que ele existe — já deve ter sido encontrado a essa altura, ou será em breve. Avisarei se surgir alguma novidade, embora acredite que lerão a notícia nos jornais. Mas sempre resta a possibilidade de essa mulher, apesar de ter sido violentamente sufocada, não ter morrido. Talvez ela tenha podido deixar o trem por suas próprias pernas.

— Dificilmente ela teria podido andar sem auxílio — replicou Miss Marple —, e nesse caso devem tê-la notado: uma mulher desfeita, amparada por um homem que justifica sua aparência dizendo-a doente.

— Sim, devem tê-la notado — anuiu Cornish. — Ou se a encontraram inconsciente ou em estado grave e a levaram para o hospital, isso deve constar dos relatórios. Creio que as senhoras podem ter certeza de que terão notícias minhas em breve.

Mas o dia passou sem novidades, e o seguinte também. Só ao anoitecer, Miss Marple recebeu um bilhete do Sargento Cornish.

“Em relação ao assunto que as trouxe aqui, foram feitas averiguações rigorosas, sem quaisquer resultados. Não foi encontrado nenhum cadáver de mulher. Nenhuma paciente, como a que as senhoras descreveram, deu entrada em qualquer hospital, e não consta nos relatórios nenhum caso de mulher em estado de choque ou aparentemente doente deixando a estação amparada por um homem. Acho que, apesar de sua amiga ter realmente testemunhado a cena que me descreveu, o caso foi muito menos sério do que ela supôs.”

Capítulo 3



— Menos sério? Tolice! — protestou Mrs. McGillicuddy. — Foi assassinato!

Ela lançou um olhar de desafio para Miss Marple, que a observava.

— Vamos, Jane — acrescentou Mrs. McGillicuddy. — Diga que foi tudo um engano! Diga que eu imaginei tudo! É isso que você está pensando, não é?

— Qualquer pessoa pode se enganar — ressaltou Miss Marple delicadamente. — Qualquer um, Elspeth, até mesmo você. Acho que não devemos nos esquecer disso. Mas ainda acho, tenho quase certeza, que você não se enganou. Você usa óculos para ler, mas enxerga muito bem de longe — e o que viu a impressionou vivamente. Você estava decididamente em estado de choque quando chegou aqui.

— Nunca esquecerei aquilo — retrucou Mrs. McGillicuddy com um estremecimento. — O problema é que não vejo o que mais eu possa fazer!

— Não creio que você possa fazer mais nada — disse Miss Marple pensativa (e se Mrs. McGillicuddy estivesse mais atenta teria notado que a amiga frisava levemente o “você”). — Já contou tudo o que viu, tanto às autoridades ferroviárias quanto à polícia. Não, não há mais nada que você possa fazer.

— De certa forma isso é um alívio — replicou Mrs. McGillicuddy —, pois, como você sabe, vou para o Ceilão e certamente não

gostaria de adiar a viagem. Há muito tempo venho sonhando com isso. Mas sem dúvida eu a adiaria, se julgasse que era o meu dever — acrescentou conscienciosamente.

— Estou certa disse, Elspeth. Mas, como eu dizia, acho que você já fez tudo o que lhe era possível fazer.

— Agora o caso está nas mãos da polícia — disse Mrs. McGillicuddy —, e se a polícia prefere ser cega...

Miss Marple sacudiu a cabeça numa negativa, com um ar convicto.

— Não, não — protestou —, a polícia não é cega. E isso torna o caso ainda mais interessante, não acha?

Mrs. McGillicuddy olhou-a sem compreender, e Miss Marple tornou a pensar que a amiga era uma mulher de excelentes princípios, mas sem nenhuma imaginação.

— Dá vontade de saber o que realmente aconteceu — explicou Miss Marple.

— Ela foi assassinada.

— Sim, mas quem a matou, e por quê, e o que aconteceu com o cadáver?

Onde ele está agora?

— Descobrir isso é tarefa da polícia.

— Exatamente. E a polícia ainda não descobriu nada. Isso significa que o homem é esperto, muito esperto. Sabe — disse Miss Marple, franzindo a testa —, eu não tenho nenhuma ideia de como ele se livrou do corpo. Matou a mulher num acesso de loucura... o crime não pode ter sido premeditado, ninguém escolheria um momento daqueles para cometer um assassinato, poucos minutos antes de chegar a uma estação. Não, deve ter havido uma discussão... ciúme ou coisa parecida... Ele a estrangula, e ei-lo com um cadáver nas mãos e o trem prestes a chegar numa estação... O que é que ele podia fazer a não ser deixar o cadáver num canto com o rosto encoberto, como se tivesse adormecido, o que já sugeri, e saltar o mais rápido possível? Não vejo outra possibilidade. Entretanto, tem de haver outra solução...

Miss Marple perdeu-se em seus pensamentos.

Mrs. McGillicuddy precisou dirigir-lhe a palavra duas vezes para que ela respondesse.

— Está ficando surda, Jane.

— Um pouquinho, talvez. Hoje em dia tenho a sensação de que as pessoas já não falam com a mesma clareza de antigamente. Mas receio que não lhe respondi porque não estava prestando atenção.

— Perguntei sobre o horário de trens para Londres. Há algum à tarde? Vou para a casa de Margaret, e ela só me espera depois do chá.

— Será que se incomoda de tomar o trem das onze e quinze? Poderíamos almoçar mais cedo.

— Está ótimo. Nós...

Abafando as palavras da amiga, Miss Marple acrescentou:

— E será também que não se incomoda de chegar mais tarde... digamos, às sete horas ou por aí?

Mrs. McGillicuddy olhou para a amiga com curiosidade.

— O que é que você está tramando, Jane?

— Elspeth, que tal se nós fôssemos até Londres e voltássemos a Brackhampton no mesmo trem em que você viajou no outro dia? Dali você voltaria para Londres e eu viria para casa. Naturalmente eu pagaria as despesas — ressaltou Miss Marple, frisando o aspecto financeiro.

— Que diabo você espera descobrir, Jane? — ela perguntou. — Outro cadáver?

— Claro que não! — protestou Miss Marple, chocada. — Mas confesso que gostaria de ver com meus próprios olhos, sob a sua orientação, o... ora, é difícil encontrar o termo correto... o terreno do crime.

E foi assim que, no dia seguinte, Miss Marple e Mrs. McGillicuddy se acomodaram em bancos opostos de uma cabine de primeira classe do trem que deixou a estação de Paddington, em Londres, às dezesseis e cinquenta e quatro.

A estação estava ainda mais cheia do que na sexta-feira anterior, pois agora só faltavam dois dias para o Natal, porém o trem ia relativamente vazio, pelo menos os últimos vagões.

Dessa vez, nenhuma outra composição se emparelhou com o 16h54. A intervalos, ele cruzou com vários trens que seguiam como relâmpagos para Londres, e por duas vezes outra composição ultrapassou-o em alta velocidade. De quando em quando, Mrs. McGillicuddy consultava o relógio, com um ar de dúvida.

— É difícil precisar a hora... Sei que acabáramos de passar por uma estação...

Mas as estações sucediam-se continuamente, e afinal Miss Marple disse:

— Devemos chegar a Brackhampton daqui a cinco minutos.

Um fiscal apareceu na porta. Miss Marple ergueu as sobrancelhas numa interrogação, mas sua amiga sacudiu a cabeça numa negativa. Não era o mesmo fiscal. O homem picotou as passagens e continuou o seu caminho, desequilibrando-se quando o trem diminuiu a velocidade ao entrar numa longa curva.

— Creio que estamos chegando a Brackhampton.

— Acho que já estamos nos subúrbios da cidade — disse Miss Marple.

Lá fora brilhavam luzes, e casas e ruas e ocasionalmente algum bonde ia ficando para trás. O trem diminuiu a velocidade e começou a passar sobre cruzamentos.

— Num minuto estaremos lá — disse Mrs. McGillicuddy —, e parece-me que essa viagem não adiantou nada. Você teve alguma ideia, Jane?

— Receio que não — retrucou Miss Marple, com pouca convicção.

— Um gasto inútil de dinheiro — disse Mrs. McGillicuddy com menos ênfase do que teria empregado se o prejuízo fosse seu. Miss Marple fora inflexível naquele ponto.

— Mesmo assim gostei de ver com meus próprios olhos o local do crime.

Este trem está atrasado alguns minutos. O seu chegou no horário, na sexta-feira?

— Creio que sim. Não reparei.

A composição entrou lentamente na movimentada estação de

Brackhampton. Os alto-falantes transmitiam...seus avisos, portas abriam-se e fechavam-se, gente subia e descia do trem e andava de um lado para outro na plataforma. Era um cenário movimentado.

“Seria fácil para um assassino misturar-se àquela multidão”, pensou Miss Marple, “e deixar a estação no meio da massa apressada, ou até mesmo subir em outro vagão e continuar a viagem até o seu ponto de destino.” Era fácil ser mais um passageiro entre tantos, mas não tão fácil fazer um cadáver dissolver-se no ar. Aquele corpo tinha de estar em algum lugar.

Mrs. McGillicuddy descera e agora falava da plataforma, através da janela aberta.

— Cuide-se bem, Jane — ela disse. — Não pegue friagem. Esta época do ano é perigosa, e você já não é tão nova quanto antes.

— Eu sei — retrucou Miss Marple.

— E não vamos nos amofinar com essa história. Fizemos tudo o que era possível.

Miss Marple assentiu e aconselhou:

— Não fique aí com esse frio, Elspeth, senão é você que vai se resfriar. Vá tomar uma boa xícara de chá bem quente no restaurante. Você ainda tem doze minutos antes que o seu trem saia pra Londres.

— É, talvez seja uma boa ideia. Até a vista, Jane.

— Até a vista, Elspeth. Um feliz Natal para você. Espero que encontre Margaret bem. Divirta-se no Ceilão e beije Roderick por mim, se é que ele ainda se lembra de quem eu sou, do que duvido.

— Naturalmente que se lembra, e muito bem! Você ajudou-o uma vez, quando ele ainda estava no colégio, algo a ver com dinheiro que estava desaparecendo de um escaninho. Ele nunca se esqueceu disso.

— Ora, aquilo? — espantou-se Miss Marple.

Mrs. McGillicuddy virou-se, um apito soou e o trem começou a se mover.

Miss Marple ficou olhando o vulto compacto da amiga distanciar-se. Elspeth iria para o Ceilão com a consciência limpa: cumprira o seu dever e não tinha mais obrigações no caso.

Quando o trem ganhou velocidade, Miss Marple não se recostou em seu banco: continuou empertigada e aplicou-se seriamente à reflexão. Embora ao se expressar fosse confusa e prolixa, seu raciocínio era claro e sagaz. Miss Marple tinha um problema a resolver, o problema de sua conduta futura. Por estranho que parecesse, o caso tornara-se para ela, como antes fora para sua amiga, uma questão de dever.

Mrs. McGillicuddy dissera que ambas tinham feito tudo o que era possível.

Talvez isso fosse verdade quanto à amiga, mas, quanto a si mesma, Miss Marple não tinha tanta certeza.

“Cada um tem seus talentos especiais”, pensou miss Marple. Era apenas uma questão de usá-los. Mas talvez ela estivesse sendo convencida. Afinal, o que poderia fazer? As palavras de sua amiga voltaram-lhe à mente: “Você já não é tão nova quanto antes...”

Sem paixão, como um general planejando uma campanha ou um contador examinando as contas de uma empresa, Miss Marple pesou os prós e os contras de um maior envolvimento. Na coluna do “haver” ela anotou mentalmente o seguinte:

“1) Minha longa experiência de vida e conhecimento da natureza humana.

2) Sir Henry Clithering e o sobrinho (creio que ele está agora na Scotland Yard), que foram gentis no caso de Little Paddocks.

3) David, o segundo filho do meu sobrinho Raymond, que trabalha (tenho quase certeza) nas Ferrovias Inglesas.

4) Leonard, o filho de Griselda, que entende tanto de mapas”.

Miss Marple recapitulou esses trunfos com aprovação. Seriam muito úteis para contrabalançar as deficiências da coluna dos débitos, particularmente a sua fragilidade física.

“Infelizmente não posso andar por aí investigando e procurando pistas”, pensou Miss Marple.

Sim, eram os principais obstáculos, a idade e a fraqueza. Embora sua saúde fosse relativamente boa, ela era um velha. E se o Dr. Haydock a proibira expressamente de tratar do jardim, era

pouquíssimo provável que aprovasse agora que ela fosse procurar um assassino — pois na verdade era isso o que estava planejando fazer. Portanto, tinha uma boa desculpa, pois se até então o crime lhe fora praticamente imposto, se desse mais um passo estaria deliberadamente procurando encrenca — e ela não tinha muito certeza de querer fazer isso. Estava velha, velha e cansada. Naquele instante, ao término de um dia exaustivo, sentia uma grande relutância em envolver-se em qualquer problema.

Não queria nada, a não ser chegar a casa, sentar-se junto à lareira com a bandeja da ceia e ir para a cama, e no dia seguinte podar alguns galhos no jardim, dando um jeitinho nos arbustos, tudo sem exageros, sem se abaixar, sem fazer esforço.

“Estou muito velha para aventuras”, disse Miss Marple para si mesma, fitando distraída, através da janela, a superfície curva do aterro.

Uma curva.

Uma ideia agitou-se levemente no fundo de sua mente. Pouco depois que o fiscal picotara as passagens...

Uma ideia. Apenas uma ideia totalmente diferente...

Um pouco de cor espalhou-se pelas faces de Miss Marple. Súbito, ela não se sentiu mais cansada.

“Amanhã de manhã escreverei para David”, prometeu a si mesma.

E no mesmo instante outro trunfo valioso acudiu-lhe à mente. É claro, minha fiel Florence!

II

Metodicamente, Miss Marple atacou o seu plano de campanha, levando em conta o Natal que se aproximava, sem dúvida um dado retardador.

Ela escreveu ao seu sobrinho-neto David e acrescentou aos votos de feliz Natal um pedido urgente de informações.

Felizmente ela fora convidada, como nos anos anteriores, para a ceia de Natal no vicariato, e ali pôde dirigir-se ao jovem Leonard,

que viera passar as festas em casa, e atacar a questão dos mapas.

Mapas, mapas de todos os tipos, constituíam a paixão de Leonard. O interesse da velha senhora não lhe causou estranheza. Ele percorreu sobre as generalidades do assunto com grande fluência e anotou num pedaço de papel o que ela desejava. Na verdade, fez ainda melhor: descobriu que tinha o tal mapa em sua coleção e emprestou-o a Miss Marple, tendo ela antes prometido que tomaria todo o cuidado e o devolveria logo que possível.

— Mapas — murmurou Griselda, a mãe de Leonard, que, apesar de ter um filho crescido, tinha um aspecto extraordinariamente jovem e primaveril para uma moradora de um velho e modesto vicariato. — O que ela quer com esse mapa? O que será que vai fazer com ele?

— Não sei — disse o jovem Leonard. — Acho que ela não disse.

— Aí dá dente de coelho... — tornou Griselda. — Estou achando isso muito suspeito. Aquela velhinha sapeca já tem idade para deixar essas coisas...

Leonard perguntou a que tipo de coisas a mãe se referia, e Griselda respondeu de forma um tanto obscura:

— Meter o nariz onde não é chamada, por exemplo... Para que será que ela quer esse mapa?

Logo Miss Marple recebeu uma carta carinhosa do seu sobrinho-neto David. A carta dizia:

"Querida tia Jane,

O que a senhora está tramando? Arranjei a informação que me pediu. Só dois trens preenchem os quesitos: o das dezesseis e trinta e três e o das dezessete horas. O primeiro é um trem comum, que pára em Haling Broadway, Barwell Heath, Brackhampton e as estações seguintes até Market Basing. O trem das dezessete é o expresso galês, com destino a Cardiff, Newport e Swansea. O primeiro pode ser ultrapassado em algum ponto pelo 16h54 embora deva chegar em Brackhampton cinco minutos antes dele, e o segundo ultrapassa o 16h54 pouco antes de Brackhampton.

Isso está me cheirando a um suculento escândalo. Será que, ao voltar de uma tarde de compras em Londres no 16h54, a senhora

viu num trem paralelo a mulher do prefeito abraçando o fiscal da Saúde Pública? Mas por que é importante determinar em que trem eles estavam? Um fim de semana em Porthcawl, talvez?

Obrigado pelo pulôver. É exatamente o que eu queria.

Como vai o seu jardim? Meio adormecido a essa época do ano, suponho.

Sempre seu,

David”.

Sorriu e passou a examinar as informações do sobrinho. Mrs. McGillicuddy afirmara, sem qualquer hesitação, que o vagão não possuía corredor lateral.

Portanto não era o expresso de Swansea. Tudo apontava para o 16h54.

Novas viagens pareciam inevitáveis. Miss Marple suspirou, mas começou os preparativos.

Como da vez anterior, ela tomou o 12h15 para Londres, mas não retornou pelo 16h54, e sim pelo 16h33, descendo em Brackhampton. A viagem decorreu sem incidentes, e ela anotou certos detalhes. O trem não estava muito cheio, o rush começava mais tarde. Somente um vagão de primeira classe estava ocupado, e assim mesmo por um único passageiro, um cavalheiro idoso que lia o New Statesman. Miss Marple fez a viagem num compartimento vazio, e nas duas paradas, Haling Broadway e Barwell Heath, debruçou-se para fora para observar os passageiros que subiam e desciam do trem. Um pequeno número de pessoas subiu nos vagões de terceira classe em Haling Broadway, e em Barwell Heath desceram alguns passageiros, também da terceira classe. Ninguém entrou ou saiu dos vagões de primeira classe, exceto o cavalheiro idoso com o seu New Statesman.

Quando o trem entrou numa curva ao se aproximar de Brackhampton, Miss Marple levantou-se e ficou de pé junto à janela, cujo estore ela acabara de abaixar.

Sim, concluiu, a curva súbita e a redução de velocidade podiam facilmente fazer um passageiro que estivesse de pé perder o equilíbrio e chocar-se contra a janela, soltando o estore. Ela

esquadrinhou o entardecer lá fora. Estava mais claro do que no dia em que Mrs. McGillicuddy fizera aquela viagem. Mas o sol já se escondera, e se desejasse observar o cenário teria que repetir o percurso mais cedo.

No dia seguinte, ela foi a Londres pelo primeiro trem da manhã, comprou quatro fronhas de linho (horrorizada com o preço), combinando as investigações com o suprimento de necessidades domésticas, e voltou pelo trem que saía de Paddington às doze e quinze. Novamente viajou sozinha no vagão de primeira classe. “São os impostos”, pensou Miss Marple, “é por isso. Ninguém mais tem dinheiro para viajar de primeira classe, a não ser os homens de negócios nas horas de rush, talvez porque possam debitar as passagens no rol das despesas.”

Cerca de um quarto de hora antes de o trem chegar a Brackhampton, Miss Marple pegou o mapa que Leonard lhe emprestara e começou a observar a paisagem. Antes ela estudara cuidadosamente em mapa, e, ao ler o nome de uma estação que passou como um raio pela janela, conseguiu precisar onde se encontrava no exato momento em que o trem reduziu a velocidade e entrou numa curva. Era uma curva longa e fechada. Miss Marple colou o nariz no vidro e examinou a ribanceira que se estendia ao longo dos trilhos (o trem corria sobre um aterro de boa altura). Até chegar a Brackhampton, ela continuou dividindo a atenção entre a paisagem e o mapa que tinha nas mãos.

Naquela noite, ela escreveu uma carta para Miss Florence Mill, Madison Road, 4, Brackhampton. Na manhã seguinte, dirigiu-se à biblioteca municipal e consultou a Lista de Assinantes e Guia Regional de Brackhampton, e uma história do município.

Até então nada parecia desencorajar a tênue ideia que se esboçara em sua mente. O que ela imaginara era possível. Mais do que isso não podia garantir.

Porém, o próximo passo exigia ação — muita ação —, o tipo de ação para a qual era fisicamente incapaz. Se quisesse verificar sua teoria, precisaria de ajuda de outra pessoa. O problema agora era: quem? Miss Marple considerou vários nomes e possibilidades, rejeitando-os todos com uma desanimadora sacudida de cabeça. As

peessoas capazes, em cuja inteligência podia confiar, estavam todas ocupadas. Não só desempenhavam tarefas de diversos graus de importância, como suas horas de folga eram programadas com grande antecedência. As pessoas menos atiladas, com tempo à disposição, simplesmente não serviam, decidiu Miss Marple.

Ela continuou refletindo, cada vez mais perplexa e desanimada.

De chofre, as rugas de sua testa desfizeram-se, e ela proferiu um nome em voz alta.

— Lucy Eyelesbarrow! — exclamou Miss Marple. — Lucy Eyelesbarrow, sem dúvida alguma!

Capítulo 4



O nome de Lucy Eyelesbarrow já se tornara conhecido em certos círculos.

Lucy Eyelesbarrow tinha trinta e dois anos. Diplomara-se em matemática em Oxford, granjeara a reputação de um cérebro brilhante, e esperava-se que fizesse uma bela carreira acadêmica.

Porém, Lucy Eyelesbarrow, além de brilhante erudição, possuía profundo bom senso. E não podia deixar de notar que uma vida de pesquisas acadêmicas era singularmente mal-remunerada. Ela não tinha inclinação para o ensino e sentia prazer em associar-se a mentes menos brilhantes do que a sua. Em resumo, gostava de gente, todo o tipo de gente, e gostava de variar de companhia. Além disso, com toda a franqueza, gostava de dinheiro, e para ganhar dinheiro é necessário explorar as deficiências do mercado.

Lucy Eyelesbarrow descobriu bem cedo uma deficiência muito grave: a falta de empregados domésticos qualificados. Para espanto de seus amigos e colegas da universidade, Lucy Eyelesbarrow elegeu o campo de serviços domésticos.

Seu sucesso foi imediato e indiscutível. Àquela altura, após alguns anos de trabalho, ela era conhecida em todas as ilhas britânicas. Era comum uma esposa anunciar alegremente ao marido: "Está tudo arranjado. Posso ir com você aos Estados Unidos. Consegui Lucy Eyelesbarrow!" As vantagens de se ter Lucy Eyelesbarrow como empregada eram que, no momento em que ela entrava numa casa, toda a trabalhadeira, a ansiedade e a preocupação terminavam. Lucy Eyelesbarrow fazia tudo,

providenciava tudo, dava um jeito em tudo. Ela era incrivelmente competente em todos os campos imagináveis. Tomava conta dos velhos, cuidava das crianças, tratava dos enfermos, cozinhava divinamente, dava-se muito bem com qualquer velho serviçal rabugento que os patrões tivessem (em geral não tinham), tratava com muito tato pessoas irritáveis, acalmava os bêbados inveterados e tinha um jeito enorme com cachorros. E, ainda mais, não se incomodava em fazer serviços pesados. Esfregava o chão da cozinha, revirava a terra de canteiros, limpava a sujeira de animais e carregava carvão!

Um dos seus princípios era nunca se comprometer a ficar muito tempo num mesmo lugar. Costumava empregar-se por duas semanas — um mês apenas em circunstâncias excepcionais. Por aquela quinzena o empregador pagava bastante alto, mas durante esse período sua vida era um céu aberto. Podia relaxar totalmente, viajar ou ficar em casa, fazer sossegadamente o que lhe apetecesse, pois no front familiar tudo correria bem graças às mãos capazes de Lucy Eyelesbarrow.

Naturalmente os seus serviços tinham uma enorme procura. Se ela quisesse, poderia preencher sua agenda de compromissos com três anos de antecedência. Já recebera ofertas tentadoras para assumir empregos permanentes, mas Lucy não tinha intenção alguma de aceitá-las, nem se comprometia com mais de seis meses de antecedência. E nesse período, sem que seus ansiosos clientes soubessem, ela se reservava semanas livres que lhe permitiam gozar umas férias luxuosas (pois nada gastava com a sua manutenção e era muitíssimo bem paga) ou aceitar em cima da hora algum serviço que lhe interessasse por alguma peculiaridade, ou porque “o pessoal lhe agradava”. Como podia se dar ao luxo de escolher entre diversos e clamorosos apelos aos seus serviços, deixava-se guiar em grande parte pela simpatia pessoal. Ela podia escolher, e escolhia. Tinha grande prazer em viver, e a vida constituía para ela uma fonte contínua de diversão.

Lucy Eyelesbarrow leu e releu a carta de Miss Marple. Ela conhecera a velha senhora quando fora contratada dois anos antes por Raymond West, um escritor, para tratar de sua velha tia, que se

recuperava de uma pneumonia. Lucy aceitara a tarefa e fora para St. Mary Mead. Gostara muito de Miss Marple.

Quanto à sua paciente, depois que vira pela janela Lucy preparando corretamente o canteiro para as ervilhas-de-cheiro, recostara-se nos travesseiros com um suspiro de alívio, comera a apetitosa refeição que Lucy lhe trouxera e ouvira, agradavelmente surpresa, a sua irascível e velha empregada contar-lhe que ensinara a Miss Eyelesbarrow um ponto de tricô que ela desconhecia, e que ela se mostrara adequadamente grata. Depois disso, Miss Marple surpreendeu o médico com a rapidez de sua convalescença.

Miss Marple escrevera perguntando se Lucy queria se encarregar de uma certa tarefa, uma tarefa bastante incomum. Na verdade, Lucy tinha o seu tempo todo tomado, mas o adjetivo "incomum" e a recordação da personalidade de Miss Marple levaram a melhor. Telefonou imediatamente para Miss Marple, explicando que, embora não pudesse ir a St. Mary Mead, pois no momento estava trabalhando, estaria livre das duas às quatro da tarde seguinte e poderia encontrar-se com ela em qualquer parte de Londres. Sugeriu o seu próprio clube, um prédio discreto que possuía a vantagem de ter vários pequenos gabinetes, em geral vazios.

Miss Marple aceitou a sugestão, e no dia seguinte as duas se encontraram.

Depois dos cumprimentos, Lucy Eyelesbarrow conduziu sua convidada para a sala de correspondência mais afastada e disse:

— Receio que o meu tempo já esteja quase todo tomado, mas, talvez, se a senhorita me explicasse a natureza dessa tarefa que deseja me propor...

— Na verdade, é muito simples — retrucou Miss Marple. — Incomum, mas simples. Quero que você procure um cadáver.

Por um momento Lucy suspeitou que Miss Marple estivesse mentalmente desequilibrada, mas depois rejeitou a ideia. Miss Marple gozava de juízo perfeito. Se dissera aquilo, era aquilo que queria?

— Que espécie de cadáver? — perguntou Lucy Eyelesbarrow com admirável compostura.

— O cadáver de uma mulher — respondeu Miss Marple. — O cadáver de uma mulher que foi assassinada, ou, para ser mais precisa, estrangulada num trem.

As sobrancelhas de Lucy ergueram-se ligeiramente. — Bem, isto é incomum, sem dúvida. Conte-me tudo.

Miss Marple contou. Lucy Eyelesbarrow ouviu com atenção, sem interrompê-la. Quando terminou, disse:

— Tudo isso se baseia no que sua amiga viu... ou pensa que viu...

Ela deixou a frase incompleta, com uma interrogação ou ar.

— Elspeth McGillicuddy não costuma imaginar coisas — disse Miss Marple. — É por isso que acredito em sua história. Se se tratasse de Dorothy Cartwright, seria diferente. Dorothy está sempre inventando coisas, e às vezes até acredita nelas. Em geral usas histórias têm um fundo de verdade, mas apenas isso.

Entretanto, Elspeth é o tipo de mulher que acha difícil acreditar que coisas extraordinárias possam realmente acontecer. Ela é imune à sugestão, como o granito.

— Compreendo — disse Lucy, pensativa. — Bem, vamos admitir que tudo seja verdade. Onde é que eu entro nisso?

— Tive uma ótima impressão a seu respeito — disse Miss Marple —, e você está vendo que não tenho mais a energia física necessária para me movimentar muito.

— A senhorita quer que eu saia por aí fazendo perguntas? Mas será que a polícia já não fez isso? Ou acha que eles não foram bastante eficientes?

— Não, não — replicou Miss Marple. — Eles foram eficientes, sem dúvida. Mas tenho uma teoria a respeito desse cadáver. Ele tem de estar em algum lugar. Se não foi encontrado dentro do trem, é porque o atiraram para fora. Contudo, não descobriram nenhum cadáver ao longo da linha. Eu mesma fiz aquela viagem para ver se existia algum ponto em que o cadáver pudesse ter ficado junto aos trilhos, se o tivessem jogado na composição... e existia sim. Pouco antes de entrar em Brackhampton, os trilhos descrevem uma longa curva sobre um aterro alto. Se o cadáver

fosse jogado do trem quando o vagão estava ligeiramente inclinado, ele teria caído lá embaixo, na ribanceira.

— Mas mesmo assim teria sido encontrado, não?

— Sim, mas com certeza foi removido. Mas chegaremos aí. Olhe, veja aqui o meu mapa, é este o lugar.

Lucy inclinou-se para estudar o ponto indicado pelo dedo de Miss Marple.

— Isso aqui atualmente já é um subúrbio de Brackhampton — explicou Miss Marple —, mas antigamente era uma propriedade rural com um parque imenso, que ainda permanece intacto, embora esteja rodeado de pequenas casas suburbanas.

Chama-se Rutherford Hall. Foi construído em 1884 por um rico industrial chamado Crackenthorpe. Parece que o filho dele, que já é velho, ainda mora lá com uma filha. A estrada de ferro margeia quase metade da propriedade.

— E o que é que a senhorita quer que eu faça?

— Quero que você arranje um emprego lá — respondeu prontamente Miss Marple. — Creio que não será difícil. Todo mundo anda louco atrás de empregados domésticos eficientes.

— É, não creio que seja difícil.

— Dizem que o velho Mr. Crackenthorpe é um tanto sovina. Se lhe propuserem um salário muito baixo, acrescentarei o suficiente para que você seja amplamente recompensada, bem acima dos salários atuais.

— Por quê? Acha difícil a tarefa que me propõe?

— Não só difícil, mas também perigosa. Creio que devo alertá-la do perigo.

— Não acho que a ideia do perigo me detivesse — retrucou Lucy, pensativa.

— Eu também não — retrucou Miss Marple. — Você não é desse tipo.

— Será que a senhorita pensou que isso pudesse me atrair? Não me defrontei com perigos muitas vezes em minha vida. A senhorita acredita mesmo que esse trabalho possa ser perigoso.

— Alguém cometeu um crime com grande eficiência. Não houve escândalo nem suspeita. Duas senhoras idosas relataram uma

história pouco verossímil, a polícia investigou e não encontrou nada. Está tudo sereno. Não creio que esse alguém, seja lá quem for, vá ficar muito satisfeito de ver o assunto investigado — principalmente se tiver êxito.

— O que devo procurar exatamente?

— Quaisquer rastros ao longo do aterro, galhos quebrados, fiapos de tecido, esse tipo de coisa.

Lucy assentiu.

— E depois?

— Eu estarei por perto — disse Miss Marple. — Uma antiga empregada minha, a fiel Florence, mora em Brackhampton. Ela tomou conta dos pais idosos durante anos. Agora eles estão mortos e ela mantém uma pensão; seus inquilinos são muito respeitáveis. Reservei um quarto na casa dela. Ela vai se desdobrar em cuidados comigo. Acho que devo ficar por perto. Sugiro que você diga que tem uma velha tia que mora na vizinhança e que deseja um emprego perto dela, com um número razoável de horas de folga para vê-la com frequência.

Lucy fez um gesto de assentimento.

— Eu ia para Taormina depois de amanhã — ela disse. — Mas essas férias podem esperar. Porém, só posso prometer-lhe três semanas. Depois disso tenho outro compromisso.

— Três semanas devem ser mais do que suficientes — replicou Miss Marple.

— Se não conseguirmos encontrar nada em três semanas, será melhor esquecermos a história.

Miss Marple retirou-se. Após alguns momentos de reflexão, Lucy telefonou para uma agência de empregos em Brackhampton cuja gerente era uma velha conhecida sua. Explicou-lhe que desejava um lugar nas redondezas para ficar perto de sua "tia". Depois de recusar, com certo custo e muitas tentativas, vários empregos mais tentadores, o nome de Rutherford Hall foi afinal mencionado.

— Esse lugar parece ser exatamente o que procuro — disse Lucy com firmeza.

A agência comunicou-se com Miss Crackentorpe e esta telefonou para Lucy.

Dois dias depois, Lucy deixou Londres com destino a Rutherford Hall.

II

Ao volante do seu próprio carrinho, Lucy Eyelesbarrow atravessou um imponente par de imensos portões de ferro. Junto ao muro, erguia-se a casa do guarda, agora em ruínas, sem que Lucy pudesse precisar se em consequência da guerra ou do abandono. Uma estrada sinuosa seguia entre frondosos grupos de rododendros até a mansão. Ao vê-la, Lucy prendeu a respiração. Parecia o Castelo de Windsor, em miniatura. Entretanto, a escadaria de pedra que levava à porta principal teria lucrado um pouco de atenção, e o pátio de cascalho fora invadido pela ervas daninhas.

Ela tocou uma antiga sineta de ferro batido e os tinidos pareceram ecoar no interior da casa. Enxugando as mãos num avental, uma mulher desmantelada abriu a porta e olhou-a com desconfiança.

— Eles a estão esperando, não é? — ela disse. — Você deve ser a Miss Lucy Não-sei-o-que-barrow.

— Isso mesmo — anuiu Lucy.

O interior da casa estava terrivelmente frio. Sua guia conduziu-a através de um imenso vestíbulo escuro e abriu uma porta à direita. Para sua surpresa, Lucy achou-se numa agradável sala de estar, cheia de livros e sofás forrados com pano florido.

— Vou avisar Emma — disse a mulher, e saiu fechando a porta, depois de brindar Lucy com um olhar de profunda desaprovação.

Depois de alguns minutos, a porta tornou a se abrir. Desde o primeiro instante, Lucy percebeu que gostava de Emma Crackenthorpe.

Ela era uma mulher de meia-idade, sem quaisquer traços especiais, nem feia, nem bonita, vestida comportadamente com um costume de tweed e um pulôver, os cabelos escuros puxados para trás, firmes olhos castanhos e uma voz muito agradável.

— Miss Eyelesbarrow? — ela perguntou, estendendo a mão. Logo em seguida seus olhos adquiriram uma expressão de dúvida.

— Será que esse lugar realmente lhe convém? — tornou a perguntar. — Sabe, não quero uma governanta para supervisionar a casa. Quero alguém para fazer o serviço.

Lucy retrucou que aquilo era o que quase todo mundo precisava.

Em tom de desculpas, Emma Crackenthorpe acrescentou:

— Compreendo — disse Lucy. — A senhora quer alguém para cozinhar e limpar a cozinha e a casa, e alimentar a caldeira. Está tudo bem, eu dou conta disse. Trabalho não me assusta.

— Receio que a casa seja muito grande e antiquada.

Naturalmente nós, eu e meu pai, só ocupamos uma parte dela. Ele é praticamente inválido, temos uma vida muito sossegada, e um fogão elétrico. Tenho vários irmãos, mas eles não aparecem com frequência. Duas mulheres fazer a limpeza pesada: Mrs. Kidder, que vem todas as manhãs, e Mrs. Hart, que vem três tarde por semana para polir os metais e coisas assim. Você tem carro?

— Tenho. Ele pode ficar ao relento, se não houver lugar na garagem. Está acostumado com isso.

— Ora, esta casa tem uma porção de cocheiras. Isso não será problema —

retrucou Emma Crackenthorpe, e acrescentou, franzido a testa:

— Eyelesbarrow é um nome muito pouco comum, não é? Alguns amigos meus, creio que foram os Kennedy, andaram me falando sobre uma Lucy Eyelesbarrow...

— É, estive com eles em Devon, quando Mrs. Kennedy teve bebê.

Emma Crackenthorpe sorriu.

— Eles me disseram que nunca passaram uma temporada tão agradável quanto aquela em que você esteve com eles no comando de tudo. Mas eu fiquei com a impressão de que o seu ordenado era altíssimo. O que me propus a pagar...

— É plenamente satisfatório — disse Lucy. — O que eu queria era um lugar em Brackhampton, perto de uma tia que está muito mal de saúde. É esse o motivo por que o salário é de importância

secundária, embora eu não possa ficar parada. Se a senhora pudesse me conceder algumas horas de folga durante a tarde...

— Ora, naturalmente. Depois do almoço até as seis, está bem?

— Está ótimo.

Miss Crackenthorpe hesitou um momento e acrescentou:

— Meu pai já é idoso e um tanto... difícil, às vezes. Quer que tudo seja feito com muita economia e volta e meia diz coisas que melindram as pessoas. Eu não gostaria que...

Lucy acudiu com rapidez: — Estou bastante acostumada a conviver com pessoas idosas, de todos os temperamentos — ela disse. — Geralmente consigo me relacionar muito bem com elas.

Emma Crackenthorpe demonstrou alívio.

“Problemas com o pai”, diagnosticou Lucy. “Aposto que é um velho bem ranzinza.”

Ela foi levada a um quarto grande e sombrio que um pequeno aquecedor elétrico tentava sem sucesso aquecer, e em seguida conduzida numa tournée pela casa, uma imensa e desconfortável mansão. Ao passarem diante de um porta que abria para o vestíbulo, uma voz rosou: — É você, Emma? A nova empregada está aí? Traga-a aqui. Quero dar uma olhada nela.

Emma corou e lançou um olhar de desculpas para Lucy.

As duas mulheres entraram numa sala ricamente forrada de veludo escuro e cheia de uma pesada mobília vitoriana de mogno. Janelas estreitas mal permitiam a entrada da luz.

O velho Mr. Crackenthorpe repousava numa cadeira de inválido, com uma bengala de castão de prata ao alcance da mão.

Era um homenzarrão macilento, cuja carne pendia em pregas frouxas. O rosto lembrava um buldogue, com seu queixo agressivo. A cabeleira escura, entremeada de fios prateados, era basta e os olhos, desconfiados.

— Deixe-me dar uma olhada em você, pequena.

Lucy adiantou-se, calma e sorridente.

— Há uma coisa que você precisa entender logo de saída — disse ele. — O fato de vivermos nessa casa enorme não significa que somos ricos. Vivemos com simplicidade, entendeu? Não adianta

vir com essas ideias de grandeza. Bacalhau é tão gostoso quanto rodovalho, não se esqueça disso. Não tolero desperdício.

Moro aqui porque meu pai construiu esta casa, e gosto dela. Depois que eu morrer, eles podem vendê-la, se quiserem... e provavelmente o farão; não tem nenhum senso de família. Esta casa foi bem construída, é sólida, e o terreno que a cerca é nosso e assegura nossa privacidade. Se lotearem isto aqui, vão ganhar um bom dinheiro, mas isso só quando eu morrer! Só quando me tirarem daqui num caixão.

Ele lançou um olhar feroz para Lucy.

— “A casa de um homem é o seu castelo” — citou Lucy.

— Está caçoando de mim?

— É claro que não. Acho fantástico poder viver numa casa de campo bem no meio da cidade.

— Sem dúvida. Daqui não se enxerga nenhuma outra casa.

Temos um pasto com vacas bem no meio de Brackhampton. Quando o vento vem de lá, ouvimos um pouco o ruído do tráfego, mas fora isso é como viver no campo.

E sem uma pausa ou mudança de inflexão, ele disse para a filha:

— Telefone para aquele médico idiota. Diga-lhe que o último remédio que me receitou é uma droga.

Lucy e Emma retiraram-se. Ele berrou quando elas saíram:

— E não deixe aquela mulher idiota entrar aqui com seu espanador! Ela tirou todos os meus livros do lugar.

Lucy perguntou: — Mr. Crackenthorpe está inválido há muito tempo?

— Emma respondeu evasivamente: — Ah, já faz alguns anos... Olhe, aqui é a cozinha.

A cozinha era imensa. Um enorme fogão à lenha estava abandonado ao canto. A seu lado reluzia um fogão elétrico.

Lucy perguntou as horas das refeições e inspecionou a despensa.

Em seguida, disse alegremente a Emma Crackenthorpe: — Já sei o necessário agora. Não se preocupe. Deixe comigo.

Ao se deitar naquela noite, Emma Crackenthorpe deixou escapar um suspiro de alívio.

— Os Kennedy tinham razão — disse. — Ela é maravilhosa.

Lucy levantou-se às seis na manhã seguinte. Arrumou a casa, cortou legumes, preparou e serviu o desjejum. Fez as camas com o auxílio de Mrs. Kidder, e às onze horas as duas sentaram-se na cozinha para uma xícara de chá forte e biscoitos. Tranquilizada pelo fato de que Lucy não era “metida a importante” e pelo líquido doce e revigorante, Mrs. Kidder relaxou e começou a fofocar. Ela era um mulherzinha magra, de olhos argutos e lábios estreitos.

— Ele é um tremendo pão-duro! Você não imagina o que ela tem de aturar!

Mesmo assim, ela não se deixa tyranizar. Sabe se impor quando é preciso.

Quando os outros senhores aparecem, ela sempre dá um jeito de apresentar refeições descentes.

— Que senhores?

— Ah, a família é grande. O irmão mais velho, Mr. Edmundo morreu na guerra. Depois vem Mr. Cedric; ele mora no estrangeiro, não é casado e pinta quadros. Mr. Harold mora em Londres; casou-se com a filha de um conde. Depois vem Mr. Alfred; ele é muito simpático, mas é uma espécie de ovelha negra, já se meteu em encrencas duas vezes... E por último o marido de Mrs. Edith, Mr. Bryan; ele é um amor. Ela morreu a alguns anos, mas ele não se afastou da família. E ainda há Mr. Alexander, o filhinho de Mrs. Edith. Ele está no colégio, mas sempre passar parte das férias aqui. Miss Emma é doida por ele.

Lucy digeriu todas essas informações, sempre abastecendo de chá sua informante. Por fim, Mrs. Kidder levantou-se com relutância.

— Esta manhã parece que voou! — ela comentou admirada. — Quer que eu a ajude com as batatas, querida?

— Elas já estão prontas.

— Nossa, você é bem ligeira! É melhor eu ir andando, parece que não há mais nada para eu fazer aqui.

Mrs. Kidder foi-se embora, e Lucy, que adiantara o serviço, deu uma boa esfregada na mesa da cozinha, tarefa que vinha querendo fazer desde cedo, mas que adiara por não querer ofender Mrs. Kidder. Em seguida, limpou a baixela até deixá-la reluzente, preparou o almoço, serviu-o, lavou os pratos, e às catorze e trinta estava pronta para começar a investigar, deixando a bandeja de chá preparada com sanduíches, coberto com um guardanapo úmido para mantê-los macios.

Primeiro deu uma volta pelos jardins, o mais normal a fazer. Uma horta rudimentar ostentava uns poucos canteiros. As estufas estavam em ruínas, e o mato invadira os caminhos. A cerca viva junto à casa era a única coisa que se apresentava em boas condições e livre de ervas daninhas, e Lucy desconfiou que por ali andara a mão de Emma. O jardineiro já era muito velho e quase surdo, e apenas fingia trabalhar. Lucy dirigiu-lhe a palavra amavelmente. O velho vivia numa casinha junto ao pátio de cavalaria maior.

Desse pátio saía uma aleia que atravessava o parque cercado por muros e passava sob um pontilhão da estrada de ferro, indo terminar numa ruela estreita.

A cada poucos minutos um trem passava com estardalhaço sobre o pontilhão. Lucy seguia-os com o olhar, quando reduziam a velocidade na curva fechada que limitava a propriedade dos Crackenthorpe. Passou por baixo do pontilhão e olhou em torno. A ruela parecia pouco usada. De uma lado erguia-se o aterro da linha férrea e do outro um muro alto atrás do qual viam-se os pavilhões de uma fábrica. Lucy seguiu a ruela até chegar a uma ruazinha de casas modestas. De uma pequena distância vinha o ruído do tráfego pesado. Ela consultou o relógio. Uma mulher saiu de uma das casas próximas e Lucy a deteve.

— Por favor, pode me dizer se há algum telefone público por aqui?

— No correio. Fica logo ali na esquina.

Lucy agradeceu e andou até o correio, que era uma combinação de loja e agência postal. Num canto via-se uma cabine telefônica. Lucy dirigiu-se para lá e discou um número. Quando pediu para

falar com Miss Marple, uma voz feminina respondeu, com certa agressividade: — Ela está dormindo e não vou incomodá-la. Ela precisa descansar, já tem muita idade. Quem quer falar com ela?

— Lucy Eyelesbarrow. Não precisa incomodar Miss Marple. Diga-lhe que cheguei e que está tudo bem. Quando houver alguma novidade, avisarei.

Lucy recolocou o fone no gancho e voltou a Rutherford Hall.

Capítulo 5



— A senhora não se incomoda se eu praticar um pouco o meu golfe no parque, não é?

— Oh, não. Claro que não. Você é boa no golfe?

— Não muito. Mas gosto de manter-me em forma. E o golfe é um exercício mais agradável do que simplesmente bater pernas sem destino.

— Não há lugar para uma ao caminhada fora desses muros — rosnou Mr. Crackenthorpe. — Só ruas miseráveis e casinhas deprimentes. Eles bem que gostariam de pegar as minhas terras e construir mais um monte delas. Mas não o farão enquanto eu for vivo, e não pretendo morrer tão cedo para lhes dar esse gostinho. Isso não! Esse prazer eu não lhes dou!

Emma Crackenthorpe acudiu docemente: — Calma, pai.

— Eu sei o que eles querem... e o que estão esperando. Todos eles, Cedric e aquela raposa matreira que é Harold, com aquele seu jeito presunçoso! Quanto a Alfred, não sei como é que ele ainda não tento me tirar do caminho, e nem estou muito certo de que não tenha tentado nesse último Natal. Aquela minha indisposição foi muito esquisita. Até o velho Quimper ficou desconfiado. Ele me fez uma porção de perguntas esquisitas.

— Todo mundo tem perturbações digestivas de vez em quando, papai.

— Está bem, está bem, por que não diz logo que eu comi demais, hem? É isso que você está pensando! E por que eu comi demais? Porque tinha comida demais na mesa, comida demais! Uma extravagância e um desperdício. Ah, e isso me faz lembrar uma coisa, moça. No almoço, hoje, você preparou cinco batatas grandes, bem grandes. Duas batatas são mais que suficientes para uma pessoa. No futuro não prepare mais do que quatro. A quinta foi desperdiçada hoje.

— Não foi desperdiçada, não, Mr. Crackenthorpe. Pretendo usá-la para fazer uma omelete espanhola hoje à noite.

Mr. Crackenthorpe fungou.

Ao deixar a sala com a bandeja de café, Lucy ouviu-o dizer: — É manhosa, essa moça. Tem sempre uma resposta na ponta da língua. Mas cozinha bem... e é bonita.

Lucy Eyelesbarrow escolheu um taco leve do jogo de golfe que prevenientemente trouxera na bagagem, e pulando por cima da cerca tomou o caminho do parque.

Começou a praticar. Após cinco minutos, uma tacada aparentemente canhestra atirou a bola na ribanceira junto aos trilhos da ferrovia. Lucy galgou-a e começou a procurar a bola. Olhou para a mansão. O prédio ficava bem distante e ninguém parecia interessado em seus movimentos. Continuou a praticar. De vez em quando, de cima da ribanceira, ela atirava a bola para a grama embaixo.

Durante a tarde, esquadrinhou cerca de um terço do terreno. Nada. Voltou suas tacadas na direção da casa.

No dia seguinte, porém, fez uma descoberta. Um arbusto cheio de espinhos que crescera a meia altura do aterro achava-se quebrado, com alguns galhos espalhados pelo chão. Preso a um espinho ela encontrou um fragmento de pele de animal, quase da mesma cor da madeira, marrom-claro. Lucy ficou olhando para o seu achado durante um tempo, e então, tirando uma tesoura do bolso, cortou o fragmento cuidadosamente ao meio, colocando a metade que retirara num envelope que trouxera consigo. Em seguida, desceu a encosta íngreme olhando atentamente o chão. Embaixo vasculhou o relvado até que julgou distinguir uns rastros

que alguém deixara entre o mato crescido. Mas estavam muito apagados, deviam estar ali há bastante tempo e eram demasiados imprecisos para que ela tivesse certeza de que não estava apenas imaginando coisas.

Começou a examinar cuidadosamente o mato na base do aterro, na direção do arbusto quebrado. Por fim, seus esforços foram recompensados. Encontrou um pequeno estojo de pó-de-arroz laqueado, um estojo barato e meio descascado.

Embrulhou-o no lenço e guardou-o no bolso, continuando a busca. Mas não encontrou mais nada.

Na tarde seguinte ela pegou o carro e foi visitar a “tia inválida”, Emma Crackenthorpe dissera-lhe amavelmente:

— Não se apresse. Só precisamos de você na hora do jantar.

— Obrigada. Às seis, no máximo, estarei aqui.

O número 4 da Madison Road era um casa pequena e sem graça, numa ruazinha sem graça, mas ostentava imaculadas cortinas de renda nas janelas, uma soleira muito limpa e uma maçaneta de bronze refulgente. Uma mulher alta, de aspecto taciturno, vestida de preto, com um grande coque de cabelos grisalhos, abriu a porta.

Levou Lucy até Miss Marple, olhando-a com desconfiança.

Miss Marple estava na sala de estar, nos fundos, que abria para um jardimzinho bem cuidado. A sala ostensivamente limpa, cheia de toalhinhas de crochê e bibelôs de porcelana, abrigava uma mobília pesada de estilo jacobino e dois vasos com samambaias. Sentada junto à lareira, numa grande poltrona, Miss Marple tricotava.

Lucy entrou, fechou a porta e sentou-se perto de Miss Marple.

— Sabe — disse ela —, parece que a senhorita tinha razão.

Ela exibiu seus achados e explicou com detalhes onde os descobrira.

Um leve rubor de excitação subiu às faces de Miss Marple.

— Talvez eu não devesse ter essa sensação — ela disse —, mas é muito gratificante armar uma teoria e ter provas de sua exatidão!

Correu o dedo sobre o pequeno pedaço de pele de animal.

— Elspeth disse que a mulher estava usando um casaco de pele de cor clara. Creio que o estojo estava no bolso do casaco e caiu

quando o corpo rolou na ribanceira. Parece um objeto muito comum, mas talvez ajude. Você não tirou todo o fragmento de pele que estava preso no espinho, tirou?

— Não, deixei metade lá.

Miss Marple balançou a cabeça em sinal de aprovação.

— Muito sensato. Você é muito inteligente, querida. A polícia vai querer comprovar nosso depoimento.

— A senhorita vai procurar a polícia... só com isso aí?

— Bem... ainda não... — Miss Marple refletiu. — Acho que seria melhor encontrarmos o cadáver primeiro, não concorda?

— Sim, mas não acha que está querendo demais, mesmo que sua teoria esteja correta? O assassino atirou o corpo fora do trem e mais tarde, talvez naquela mesma noite — foi ao aterro e removeu o cadáver. Certo, mas e daí? O que fez então? Ele pode tê-lo levado para qualquer lugar.

— Para qualquer lugar não — contestou Miss Marple. — acho que você não seguiu meu pensamento até sua conclusão lógica, minha cara Miss Eyelesbarrow.

— Só Lucy, por favor. Mas por que não para qualquer lugar?

— Por que será que ele não matou a mulher em algum lugar solitário, em vez de matá-la num trem? Você não refletiu que...

Lucy interrompeu-a.

— A senhorita está querendo insinuar que... que o crime foi premeditado?

— A princípio eu não pensava assim — disse Miss Marple. — Normalmente ninguém iria supor uma coisa dessas, e sim que o casal havia discutido, que o homem tinha perdido o controle e estrangulado a mulher e então se vira diante do problema de livrar-se do cadáver, problema que tinha de ser resolvido em poucos minutos. Mas na realidade é muita coincidência que ele tenha matado a moça num acesso de loucura, e depois olhado pela janela e visto que podia jogar o corpo e mais tarde removê-lo! Se o cadáver tivesse caído no aterro por uma casualidade, teria ficado lá e há muito tempo teria sido encontrado.

Ela fez uma pausa. Lucy tinha os olhos presos nela.

— Sabe — tornou Miss Marple, pensativa —, esse crime foi planejado de forma muito inteligente e muito cuidadosa também. É fácil manter o anonimato num trem.

Se ele a matasse no lugar onde ela morava, podiam vê-lo entrar ou sair. Se a levasse para algum lugar no campo, alguém podia se lembrar do carro ou da placa. Mas um trem está sempre cheio de estranhos. Num vagão sem corredor lateral, sozinho com a mulher num compartimento, seria bem fácil matá-la, especialmente quando percebemos que ele sabia exatamente o que faria em seguida. Ele estava perfeitamente informado — não há outra hipótese — a respeito de Rutherford hall. Conhecia sua posição geográfica, seu singular isolamento: uma ilha limitada pelos trilhos da ferrovia.

— Tem toda a razão — anuiu Lucy. — A propriedade é um anacronismo. A vida urbana fervilha em torno sem tocá-la. Os fornecedores fazem as entregas de manhã, e é só.

— Então suponhamos, como você sugeriu, que o assassino tenha ido a Rutherford Hall naquela noite. Já estava escuro quando o corpo caiu, e não é provável que fosse visto antes do dia seguinte.

— Nada provável mesmo.

— Como é que o assassino entraria lá? De carro? Por onde? Lucy refletiu.

— Nos fundos existe uma ruela que acompanha o muro de uma fábrica. Ele deve ter vindo de lá, passado por baixo do pontilhão da estrada de ferro e chegado ao portão dos fundos. Ali, deve ter pulado a cerca, acompanhado o sopé do aterro, encontrado o cadáver e o levado para o carro.

— E então — acrescentou Miss Marple — conduziu-o a um local que escolhera de antemão. Tudo foi premeditado, sabe? E não creio que ele tenha levado o cadáver para fora da propriedade, ou, se o fez, não para longe. A conclusão mais óbvia é que ele a enterrou em algum lugar, não acha? — perguntou ela, olhando inquisitivamente para Lucy.

— Creio que sim — respondeu Lucy, pensativa. — Mas isso não é tão fácil quanto parece.

Miss Marple anuiu.

— Ele não deve tê-la enterrado no parque. Seria uma tarefa extenuante e que dificilmente passaria despercebida. Mas talvez em algum lugar em que a terra já estivesse revolvida...

— Só se for na horta, mas ela fica muito perto da casinha do jardineiro. Ele é velho e surdo, mas ainda assim seria arriscado.

— Há cachorros por lá?

— Não.

— E se ele escondeu o cadáver em alguma estufa ou barracão?

— Seria bem mais simples e rápido. Lá existe uma série de velhas construções abandonadas: cocheiras, abrigos para porcos, oficinas que ninguém utiliza. Ou pode ser que o cadáver esteja escondido em alguma moita de rododendros ou alguma touceira de arbustos.

Miss Marple assentiu.

— É, isso é muito provável.

Depois de bater na porta, a taciturna Florence entrou com uma bandeja.

— Que bom que a senhorita tem uma visita, não é? — ela disse para Miss Marple. — Fiz aqueles bolinhos assados na chapa de que a senhorita tanto gosta.

— Os bolinhos de Florence são simplesmente deliciosos — disse Miss Marple.

Gratificada, Florence mostrou os dentes num inesperado e surpreendente sorriso.

Depois que ela saiu, Miss Marple disse:

— Querida, não vamos falar de assassinatos durante o chá. É um assunto muito desagradável, não acha?

II

Terminado o chá, Lucy levantou-se.

— Eu voltarei — prometeu. — Como já lhe disse, não há ninguém em Rutherford Hall que possa ser o homem que procuramos. Lá vivem apenas um ancião, uma mulher de meia idade e um jardineiro velho e surdo.

— Eu não disse que ele morava lá — retrucou Miss Marple. — Mas creio que é alguém que conhece muito bem a propriedade. Pensaremos nisso quando você encontrar o corpo.

— A senhorita parece muito confiante que eu o encontrarei — retrucou Lucy. — Eu não compartilho do mesmo otimismo.

— Estou certa de que você terá êxito, minha querida Lucy. Você é uma pessoa tão eficiente...

— Em algumas coisas, mas não tenho nenhuma experiência na procura de cadáveres.

— Estou certa de que tudo de que precisa é de um pouco de bom senso — encorajou-a Miss Marple.

Lucy olhou para ela e sorriu. Miss Marple devolveu-lhe o sorriso.

No dia seguinte, Lucy recomeçou a busca de forma sistemática.

Examinou o terreno em volta dos anexos, vasculhou as roseiras-bravas que envolviam o velho chiqueiro, e estava revistando o quartinho da caldeira embaixo da estufa quando ouviu uma tosse seca. Virou-se e deu com o velho Hillman, o jardineiro, olhando-a com desaprovação.

— Tome cuidado para não cair, senhorita — ele advertiu-a. — Esses degraus são perigosos. Vi a senhorita lá em cima no palheiro, e o assoalho de lá também não está nada firme.

Lucy teve o cuidado de não demonstrar embaraço.

— O senhor deve me achar muito curiosa — ela disse jovialmente. — Mas eu estava pensando que talvez esse lugar pudesse ser aproveitado... talvez pudessem cultivar cogumelos aqui, comercialmente. Tudo isso está tão terrivelmente abandonado.

— A culpa é do patrão, ele não quer gastar nem um centavo aqui. Para manter essa propriedade em forma, ele devia ter dois jardineiros e um ajudante, mas não quer nem ouvir falar nisso. Foi preciso eu gastar muita saliva para ele comprar um cortador de grama elétrico. Ele queria que eu aparasse todo o gramado com um cortador manual.

— Mas com alguns reparos esse lugar não poderia dar lucros?

— Não, não tem jeito, não, está tudo arruinado. E ele não quer modificar nada; tudo o que lhe importa é economizar. Ele sabe

muito bem o que vai acontecer quando morrer: os jovens senhores vão querer vender o mais rápido possível. Só estão esperando ele bater as botas. Ouvi dizer que herdarão um dinheirão quando ele se for.

— Ele deve ser muito rico, não? — perguntou Lucy.

— É o dono das Delícias Crackenthorpe. Foi o pai dele que montou a fábrica.

Ele era uma águia, fez fortuna e construiu o casarão. Dizem que era um homem duro, e nunca esquecia uma ofensa. Mas apesar disso era um mão-aberta, não tinha nada de sovina, sabe? Contam que os filhos o desapontaram. Ele lhes deu uma educação muito fina, para que se tornassem cavalheiros, mandou-os para Oxford e tudo o mais. E o resultado é que ficaram muito cheios de dedos e não quiseram tomar conta da fábrica. O mais novo casou-se com uma atriz e morreu num acidente quando estava dirigindo embriagado. O mais velho é o meu atual patrão. O pai não fazia muito gosto dele, não. Estava sempre viajando e tinha mania de comprar estátuas. Elas estão por aí. Quando era mais novo, não era tão mão-fechada; piorou quando começou a envelhecer. Parece que nunca se deu bem com o pai.

Lucy acolheu essas informações com uma expressão de interesse cortês. O velho jardineiro encostou-se na parede e preparou-se para continuar com a saga dos Crackenthorpe. Era óbvio que achava muito mais divertido falar do que trabalhar.

— O velho patrão morreu antes da guerra. Tinha um gênio terrível. Ninguém podia lhe responder, que ele ficava uma fera.

— E depois que ele morreu, o atual Mr. Crackenthorpe veio morar aqui?

— É, ele e a família. Os filhos já estavam crescidos naquela época.

— Como assim?... O senhor refere-se à Guerra de 1914, não é?

— Não, nada disso. O velho patrão morreu em 1928.

Lucy refletiu que realmente 1928 fora “antes da guerra”, embora aquele fosse uma forma um tanto estranha de qualificar o ano.

— Bem, o senhor deve estar querendo continuar o seu trabalho. Não deixe que eu o atrapalhe.

— Ah — retrucou Hillman, sem entusiasmo —, a esta hora não dá para fazer mais nada. A luz está muito fraca.

Lucy voltou para casa depois de parar no caminho para investigar uma promissora touceira de videiros e azáleas.

No vestíbulo encontrou Emma Crackenthorpe lendo uma carta. A correspondência da tarde acabara de ser entregue.

— Meu sobrinho vai chegar amanhã, com um colega. O quarto de Alexander é o que fica em cima do pórtico. O do lado ficará para James Stoddart-West. Eles usarão o banheiro que fica do outro lado do corredor.

— Sim, Miss Crackenthorpe. Providenciarei para que os quartos sejam arrumados.

— Eles chegarão antes do almoço — disse Emma, e hesitou. — Creio que com bastante fome.

— O que a senhorita acha de um rosbife? — sugeriu Lucy. — E talvez uma torta de melão...

— Alexander gosta muito de torta de melão.

Na manhã seguinte, os dois garotos chegaram. Ambos tinham cabelos muito bem penteados, rostos excessivamente angelicais e maneiras perfeitas.

Alexander Eastley era louro, de olhos azuis. Stoddart-West era moreno e usava óculos.

Durante o almoço, eles discorreram com ar solene sobre os últimos acontecimentos do mundo do esporte, com ocasionais referências aos mais recentes livros de ficção científica. Pareciam dois velhos professores discutindo sobre paleontologia. Em comparação a eles, Lucy sentiu-se muito jovem.

O rosbife desapareceu num instante, e todos os farelos da torta de melão foram consumidos.

— Vocês dois vão me levar à falência — resmungou Mr. Crackenthorpe.

Alexander endereçou-lhe um olhar de reprovação.

— Podemos comer pão com queijo, se achar a despesa excessiva, vovô.

— Não é isso, é que não gosto de desperdício.

— Não desperdiçamos nada, senhor — disse Stoddart-West olhando para o prato vazio que não o deixava mentir.

— Vocês, garotos, comem o dobro do que eu como.

— Nós estamos em fase de crescimento — explicou Alexander.

— Precisamos de muita proteína.

O velho resmungou.

Os meninos levantaram-se da mesa e Lucy ouviu Alexander desculpar-se com o amigo.

— Não dê bola para o vovô. Ele está de dieta e isso o faz ficar muito ranzinza. Ele é um bocado sovina também. Acho que deve ser algum complexo.

Stoddart-West retrucou, compreensivo:

— Eu tinha uma tia que estava sempre achando que ia ficar na miséria. Na verdade, ela tinha montanhas de dinheiro. O médico disse que era patológico.

Você trouxe a bola de futebol, Alex?

Depois de tirar a mesa e lavar os pratos do almoço, Lucy saiu. Ela podia ouvir os gritos dos rapazes no gramado distante. Seguindo na direção oposta, tomou o caminho da entrada e dirigiu-se a uma moita de rododendros. Começou a procurar com cuidado, afastando a folhagem e examinando a base dos arbustos.

Vasculhou as moitas metodicamente e estava experimentando o solo com um taco de golfe quando a voz cortês de Alexander lhe causou um sobressalto.

— Está procurando alguma coisa, Miss Eyelesbarrow?

— Uma bola de golfe — respondeu prontamente Lucy. — Na verdade, um monte delas. Tenho praticado quase todas as tardes e perdi uma série de bolas.

Decidi que hoje preciso reaver algumas.

— Nós vamos ajudá-la — ofereceu-se cortesmente Alexander.

— É muita delicadeza sua. Pensei que estivessem jogando futebol.

— Não se pode jogar a tarde toda — explicou Stoddart-West. — Já estamos muito suados. A senhorita gosta muito de golfe?

— Gosto, mas não tenho muita oportunidade de praticar.

— Suponho que não. A senhorita é quem cozinha aqui, não?

— Sim.

— Foi a senhorita que preparou o almoço hoje?

— Fui eu, sim. Estava bom?

— Espetacular — disse Alexander. — A carne da escola é horrível, seca demais. Gosto de rosbife quando está úmido e rosado por dentro. A torta estava sensacional, também.

— Vocês precisam me dizer do que gostam.

— Será que poderia fazer pastéis de maçã um dia desses? É meu prato favorito.

— Certamente.

Alexander soltou um suspiro de felicidade.

— Embaixo da escada temos guardado um tabuleiro em feitiço de relógio para treinar colocar a bola de golfe no buraco — ele disse.

— Podíamos levar para o gramado e jogar um pouco. O que acha, Stoddart?

— Sensacional — retrucou Stoddart-West.

Encorajados por Lucy, os dois foram buscar o jogo. Ao voltar para casa, mais tarde, ela encontrou-os colocando o tabuleiro no gramado e discutindo a respeito da posição dos números.

— Cada buraco terá de ser atingido de distâncias diferentes — disse Stoddart-West. — Senão é brincadeira de criança. É uma pena que os números estejam tão enferrujados. Mal posso vê-los.

— Eles precisam apenas de umas pinceladas de tinta branca — disse Lucy. — Vocês podem comprar uma latinha amanhã e pintá-los.

— Boa ideia — aprovou Alexander com entusiasmo. — Sabe, acho que no celeiro velho há uma porção de latas velhas de tinta deixadas lá pelos pintores. Vamos dar uma olhada?

— Onde é esse celeiro velho? — perguntou Lucy.

Alexander apontou para uma construção de pedra que se erguia atrás da casa, junto da estrada dos fundos.

— Ele é muito antigo. Vovô diz que é da época elizabetana, mas isso é pretensão dele. O celeiro pertencia à fazenda que existia aqui antes. Meu bisavô pôs a casa abaixo e construiu essa horrível que está aí — disse o garoto, e acrescentou: — Grande parte da coleção de vovô está lá no celeiro. São coisas que ele comprou no

estrangeiro, quando era jovem. Quase tudo horrível. Às vezes o celeiro velho é usado para jogos beneficentes e outras invenções da Associação Feminina. Venham ver.

Lucy acompanhou-o de boa vontade.

A porta de carvalho do celeiro era muito antiga e enfeitada por cabeças de pregos. Alexander ergueu o braço e pegou uma chave que estava pendurada num prego sobre a herá, a um canto da porta. Enfiou-a na fechadura, deu uma volta e empurrou a porta.

No primeiro instante, Lucy teve a impressão de estar num museu de muito mau gosto. Os olhos saltados dos bustos de mármore de dois imperadores romanos fitavam-na com malevolência junto a um enorme sarcófago de um período decadente da arte greco-romana e de uma Vênus melindrosa que segurava seus véus diáfanos sobre um pedestal. Além dessas obras de arte, o celeiro continha duas grandes mesas de pingue-pongue, algumas cadeiras empilhadas e uma série de objetos diversos: um cortador de grama enferrujado, dois baldes, dois bancos de automóvel roídos pelas traças e um banco de jardim de ferro fundido pintado de verde, que perdera uma das pernas.

— Acho que vi umas latas de tinta ali — disse Alexander, e dirigindo-se a um canto puxou uma cortina empoeirada que escondia uma prateleira.

Encontraram algumas latas de tinta e uns pincéis ressecados e imprestáveis.

— Vocês vão precisar de terebintina — disse Lucy.

Mas não havia nenhuma lata à vista. Os rapazes tiveram a ideia de apanhar as bicicletas e ir comprar uma lata, e Lucy animou-os. A pintura dos números do tabuleiro iria mantê-los ocupados durante algum tempo, pensou.

Os garotos saíram, deixando-a no celeiro.

— Isso aqui precisava de uma boa limpeza — ela murmurara.

— Acho que não vale à pena — retrucara Alexander. — Eles costumam fazer uma faxina quando vão utilizar o celeiro para alguma coisa, mas nesta época do ano quase nunca o abrem.

— Devo pendurar a chave do lado da porta novamente? Ela sempre fica lá?

— Fica, sim. Aqui não há nada para se roubar, sabe. Ninguém iria querer essas estátuas horrorosas, e além disso elas pesam uma tonelada.

Lucy concordara com ele. O gosto artístico do velho Mr. Crackenthorpe era muito duvidoso. Ele parecia ter um instinto infalível para escolher as piores peças de cada período.

Depois que os meninos se retiraram, ela correu os olhos em volta. Quando chegou ao sarcófago, seu olhar imobilizou-se. Aquele sarcófago...

Havia um miasma no ar, como se o ambiente há muito não fosse ventilado.

Ela dirigiu-se ao sarcófago. O monstrengo tinha uma tampa pesada que o fechava quase hermeticamente. Lucy fitou-o com ar especulativo.

Pouco depois, saiu do celeiro, foi à cozinha, apanhou um pesado pé-de-cabra e voltou.

A tarefa não era fácil, as Lucy atacou-a com decisão.

Lentamente a tampa começou a se erguer, forçada pelo pé-de-cabra, até que a fenda foi suficiente para que Lucy pudesse ver o que havia lá dentro.

Capítulo 6



Alguns minutos depois, muito pálida, Lucy saiu do celeiro, trancou a porta e pendurou a chave no prego.

Andou até a cocheira com passos rápidos, apanhou o carro e saiu pela estrada dos fundos, em direção à agência do correio que ficava junto à propriedade. Na cabine telefônica, colocou uma moeda no aparelho e discou.

— Quero falar com Miss Marple.

— Ela está repousando. É Miss Eyelesbarrow?

— Sim, sou eu.

— Eu não vou incomodá-la, de jeito algum. Ela já está muito velhinha e precisa descansar.

— Chame-a, por favor. É urgente.

— Eu não vou...

— Você precisa chamá-la. Imediatamente.

Quando queria, Lucy podia ser dura como o aço, e Florence reconhecia autoridade quando dava com ela.

Dali a pouco a voz de Miss Marple atendeu: — Lucy, o que foi?

Lucy suspirou fundo. — A senhora tinha razão — ela disse. — Encontrei.

— Um cadáver de mulher?

— Sim, uma mulher com um casaco de pele. Está dentro de um sarcófago de pedra, numa espécie de celeiro-museu perto da casa. O que quer que eu faça? Acho que devíamos avisar a polícia.

— Sim, avise-a imediatamente.

— Mas e o resto? E a senhora? A primeira coisa que vão querer saber é por que cargas-d'água eu estava tentando abrir uma tampa que pesa algumas toneladas. Quer que eu invente um motivo? Posso fazer isso.

— Não. Sabe, creio que a única coisa a fazer — ela disse num tom sereno, mas grave — é contar toda a verdade.

— Sobre a senhora?

— Sobre tudo.

Um súbito sorriso animou a palidez do rosto de Lucy.

— Isso será fácil — ela disse —, mas acho que eles vão custar a acreditar.

Ela desligou, esperou um momento e então pediu à telefonista que ligasse para a delegacia de polícia.

— Acabei de descobrir um cadáver dentro de um sarcófago no celeiro velho de Rutherford Hall.

— O que foi que a senhora disse?

Lucy repetiu a sua declaração e, prevendo a próxima pergunta, deu seu nome. Em seguida, voltou à propriedade, guardou o carro e dirigiu-se para a mansão.

No vestíbulo, parou uns instantes, refletindo.

Por fim, inclinou a cabeça num gesto decidido e entrou na biblioteca, onde Miss Crackenthorpe ajudava o pai a fazer as palavras cruzadas do *Times*.

— Posso falar-lhe um momento, Miss Crackenthorpe?

Emma ergueu a cabeça com expressão apreensiva. Sua apreensão era de natureza puramente doméstica, pensou Lucy. Era com tais palavras que os tão necessários empregados costumavam anunciar a partida iminente.

— Pois fale, moça, vamos, fale — disse o velho Mr. Crackenthorpe com irritação.

Lucy dirigiu-se para Emma.

— Eu gostaria de falar com a senhorita em particular, por favor.

— Tolice — retrucou Mr. Crackenthorpe. — Diga logo de uma vez o que está querendo.

— Um momento, papai — retrucou Emma, levantando-se e dirigindo-se para a porta.

— Deve ser alguma tolice. Ela que espere — tornou o velho, encolerizado.

— Receio que o assunto não possa esperar — disse Lucy.

— Que impertinência! — exclamou o velho.

Emma saiu para o vestíbulo seguida por Lucy e fechou a porta atrás de si.

— O que foi? — perguntou Emma. — Se você está achando o serviço muito pesado com os dois garotos aqui, posso ajudá-la...

— Não se trata disso — replicou Lucy. — Eu não quis falar na frente de seu pai porque, como ele é inválido, poderia ter um choque. Olhe, acabei de descobrir o cadáver de uma mulher assassinada dentro daquele grande sarcófago que está no velho celeiro.

Emma Crackenthorpe fitou-a com os olhos arregalados.

— Dentro do sarcófago? Uma mulher assassinada? É impossível!

— Receio que seja verdade. Chamei a polícia. Eles deverão chegar aqui a qualquer minuto.

Um leve rubor coloriu as faces de Emma.

— Você deveria ter falado comigo... antes de chamar a polícia.

— Sinto muito — disse Lucy.

— Eu não a ouvi telefonar... — os olhos de Emma dirigiram-se para o telefone da mesa do vestíbulo.

— Falei do correio aqui perto.

— Mas que coisa mais estranha... por que não falou daqui?

Lucy pensou depressa.

— Tive medo que os garotos estivessem por perto e ouvissem se eu telefonasse do vestíbulo.

— Compreendo... Sim, compreendo. Eles estão vindo aí... os policiais?

— Eles já chegaram — respondeu Lucy, ao ouvir o rangido dos freios de um carro na porta da frente. Um instante depois, a sineta soou.

II

— Lamento muitíssimo ter sido obrigado a lhe pedir isso — disse o Inspetor Bacon.

Segurando Emma pelo braço, ele conduziu-a para fora do celeiro. O rosto muito pálido de Emma mostrava que ela estava obviamente indisposta, mas seu andar era firme.

— Tenho certeza de que nunca vi aquela mulher antes, em toda a minha vida.

— Ficamos-lhes muito gratos, Miss Crackenthorpe. Era isso o que eu queria saber. A senhorita não gostaria de repousar um pouco?

— Meu pai precisa de mim. Telefonei para o Dr. Quimper assim que soube dessa história, e ele está lá dentro agora.

O Dr. Quimper vinha saindo da biblioteca quando os dois entraram no vestíbulo. Era um homem alto, bem-humorado, sem cerimônias, com uma veia irônica que os pacientes achavam estimulante.

Cumprimentou o inspetor com uma inclinação de cabeça.

— Miss Crackenthorpe desincumbiu-se com bravura de uma tarefa muito desagradável — disse Bacon.

— Muito bem, Emma — aprovou o doutor, com uma palmadinha em seu ombro. — Você é forte, eu sempre soube disso. Seu pai está bem. Pode ir dar uma palavrinha com ele, mas depois vá à sala de jantar e beba um cálice de *brandy*.

Isso é uma receita médica.

Emma sorriu, agradecida, e foi para a biblioteca.

— Ela é uma pessoa maravilhosa — disse o médico, seguindo-a com o olhar.

— Pena que nunca tenha se casado. Foi o resultado de ser a única mulher numa família de sete homens. A irmã conseguiu se libertar, e creio que se casou aos dezessete anos. Esta é realmente uma bela mulher. Teria sido um sucesso como esposa e mãe.

— Excessivamente devotada ao pai, suponho — disse o Inspetor Bacon.

— Nem tanto assim, mas possui aquele instinto de certas mulheres para dar felicidade aos homens de sua família. Ela percebe que o pai gosta de bancar o inválido e deixa que viva como se fosse. Ela é assim com todos os irmãos. Cedric acredita-se um

bom pintor, o tal de... Harold sabe que ela se apoia em seu bom senso... ela ouve com atenção e admiração as histórias dos grandes negócios de Alfred... Sim, ela é uma mulher inteligente, não é nenhuma tola. Bem, vocês precisam de mim para alguma coisa? Querem que eu dê uma olhada no cadáver, agora que Johnstone terminou com ele (Johnstone era o médico-legista), para ver se acaso é um dos meus erros clínicos?

— Gostaria, sim, doutor. Queremos identificá-la. Acho que não podemos exigir isso do velho Crackenthorpe, não? Seria um choque muito forte para ele.

— Choque? Tolice! Ele nunca o perdoará se você não o deixar dar uma olhadela. Ele está todo aceso, é a coisa mais excitante que lhe aconteceu nos últimos quinze anos, e não lhe custou nenhum centavo!

— Não há nenhum problema realmente sério com a sua saúde, há?

— Ele tem setenta e dois anos — disse o médico. — Na verdade isso é tudo o que há de errado com ele. Tem umas dorzinhas reumáticas, mas quem não as tem? E se diz artrítico. Tem palpitações depois das refeições — nada de mais, não — e diz que sofre do coração. Mas ele pode fazer tudo o que realmente desejar!

Tenho muitos pacientes assim. Os que estão realmente doentes em geral insistem desesperadamente em afirmar que estão perfeitamente bem. Bom, vamos dar uma olhada nesse seu cadáver. Creio que o espetáculo não é dos mais agradáveis, não?

— Johnstone calcula que ela tenha morrido a duas ou três semanas.

— Nada agradável, então.

O médico aproximou-se do sarcófago e olhou para o corpo com franca curiosidade, com uma indiferença profissional pelo seu aspecto "nada agradável", como ele próprio o qualificara.

— Nunca a vi antes. Não é uma das minhas pacientes, nem me lembro de tê-la visto aqui em Brackhampton. Ela deve ter sido bem bonita... hum... alguém a pegou de jeito, hem?

Eles saíram para o ar fresco. O Dr. Quimper voltou os olhos para o celeiro.

— Incrível, um cadáver no... como é mesmo que chamam?... no celeiro velho, dentro de um sarcófago! Fantástico! Quem a encontrou?

— Miss Lucy Eyelesbarrow.

— Oh, a empregada nova! O que ela pretendia, remexendo naquele monstrego?

— Isso é o que vou lhe perguntar — respondeu com ar resoluto o Inspetor Bacon. — Quanto a Mr. Crackenthorpe, será que o senhor podia...?

— Vou buscá-lo agora mesmo.

Pouco depois, Mr. Crackenthorpe apareceu, envolto em cachecóis, andando a passos curtos ao lado do médico.

— É um desaforo! — ele dizia. — É um tremendo desaforo! Eu trouxe aquele sarcófago de Florença em... deixe-me ver... acho que foi em 1908... ou terá sido em 1909?

— Agora tenha calma — advertiu o médico. — Isso não vai ser nada agradável.

— Embora eu não esteja nada bem, cumprirei o meu dever.

Entretanto, uma brevíssima visita ao celeiro foi mais do que fazer Mr. Crackenthorpe desejar respirar ar puro novamente.

— Nunca vi essa mulher em toda minha vida! — ele declarou lá fora. — Mas que ideia! É um ultraje! Ah, não foi em Florença, foi em Nápoles que eu o comprei!

Um exemplar tão belo e aquela mulher idiota resolve se deixar matar dentro dele!

Ele agarrou o tecido do sobretudo sobre o peito esquerdo.

— Isso foi demais para mim... o meu coração... onde está Emma? Doutor...

O Dr. Quimper segurou-lhe o braço.

— Logo o senhor estará bem — disse ele. — Recomendo-lhe um estimulante leve. Um cálice de *brandy*.

Os dois voltaram para a mansão.

— Senhor inspetor, por favor.

O Inspetor Bacon virou-se. Os dois garotos haviam chegado, ofegantes, em suas bicicletas. Seus rostos ansiosos tinham uma expressão de súplica.

— Por favor, senhor inspetor, podemos ver o cadáver?
— Não, não podem, não — disse o Inspetor Bacon.
— Ora, senhor, por favor. Quem sabe a gente não reconhece?
Oh, por favor, senhor, seja camarada. Não é justo! Imagine, um crime em nosso próprio celeiro!
Talvez nunca mais tenhamos uma oportunidade dessas. Seja camarada, senhor.
— Quem são vocês dois?
— Eu sou Alexander Eastley e este é meu amigo Stoddart-West.
— Você alguma vez viu por aqui uma mulher loura com um casaco claro de pele de esquilo?
— Bem... não tenho certeza — arriscou o astuto Alexander. — Se eu pudesse dar uma olhada...
— Leve-os Sanders — disse o Inspetor Bacon para o guarda que estava de pé ao lado da porta do celeiro. — Só somos jovens uma vez.
— Oh, muito obrigado, senhor! — os dois garotos agradeceram calorosamente. — É muita bondade sua.
Bacon virou-se em direção à casa.
“E agora”, disse para si mesmo, com decisão, “vamos a Miss Lucy Eyelesbarrow!”

III

Depois de conduzir a polícia até o celeiro velho e relatar sucintamente como fizera sua descoberta, Lucy retirara-se. Entretanto, não tinha a ilusão de que a polícia houvesse terminado o interrogatório com ela.

Estava acabando de cortar batatas para fritar à noite quando lhe avisaram que o Inspetor Bacon reclamava a sua presença. Pondo de lado a grande tigela de água gelada com sal na qual colocara as batatas de molho, Lucy seguiu o policial até onde o inspetor a aguardava. Sentou-se e esperou as perguntas com toda a calma.

Depois de declarar seu nome e o seu endereço em Londres, ela acrescentou voluntariamente:

— Vou dar-lhe alguns nome e endereços para o caso de querer tomar informações a meu respeito.

Os nomes eram de pessoas influentes. Um almirante de esquadra, o reitor da faculdade de Oxford, e uma dama do Império Britânico. Sem querer, o Inspetor Bacon ficou impressionado.

— Bem, Miss Eyelesbarrow, a senhorita foi ao celeiro procurar umas latas de tinta, não foi? E, depois de encontrar a tinta, foi buscar um pé-de-cabra, forçou a tampa do sarcófago e encontrou o cadáver, certo? Mas agora me diga: o que é que a senhora estava procurando lá dentro?

— Eu estava procurando um cadáver — disse Lucy.

— A senhorita estava procurando um cadáver... e então encontrou-o! Não acha que esta história é por demais fantástica?

— Sim, certamente é uma história fantástica. Mas talvez eu possa explicá-la para o senhor.

— É, eu acho que seria melhor.

Lucy narrou-lhe meticulosamente os acontecimentos que haviam antecedido sua sensacional descoberta.

Quando terminou, o inspetor recapitulou a sua história com um ar ultrajado:

— Quer dizer que a senhorita foi contratada por uma senhora idosa para obter um emprego neste lugar e vasculhar a propriedade à procura de um cadáver, foi isso?

— Foi.

— Quem é essa senhora idosa?

— Miss Marple. Atualmente está morando no número 4 da Madison Road.

O inspetor anotou o endereço.

— A senhorita espera que eu acredite nessa história?

— Lucy retrucou suavemente:

— Talvez só depois que o senhor tiver interrogado Miss Marple e obtido a sua confirmação.

— Vou procurá-la, sem dúvida alguma. Ela deve ser biruta.

Lucy conteve-se para não retrucar que a comprovação das teorias de Miss Marple dificilmente era indício de loucura. Em vez disso, perguntou:

— O que o senhor pretende dizer a Miss Crackenthorpe a meu respeito?

— Por que pergunta?

— Bem, já me desincumbi da tarefa para a qual Miss Marple me contratou, encontrei o cadáver que ela procurava. Mas ainda tenho um compromisso com Miss Crackenthorpe. Há dois garotos esfomeados em casa e provavelmente outros membros da família virão quando souberem do problema. Ela precisa de ajuda. Se eu lhe contar que aceitei o emprego apenas para procurar um cadáver, provavelmente ela me despedirá. Caso contrário, posso permanecer aqui e ser útil.

O inspetor lançou-lhe um olhar penetrante.

— No momento, não direi nada a ninguém — disse. — Ainda não verifiquei seu depoimento. Pode ser que a senhorita esteja inventando tudo isso.

Lucy levantou-se.

— Obrigada. Então vou para a cozinha continuar a preparar o jantar.

Capítulo 7



— Você está pensando que seria melhor chamarmos a Scotland Yard, não é, Bacon?

O chefe de polícia olhou interrogativamente para o Inspetor Bacon. O inspetor, um homenzarrão corpulento, tinha a expressão de quem estava enfiado da humanidade.

— A mulher não era daqui. Suas roupas íntimas parecem indicar que era estrangeira — disse o inspetor, e acrescentou apressadamente: — Naturalmente eu não espalhei essa história. Vamos manter isso em segredo até depois do inquérito.

O chefe da polícia fez um gesto de assentimento. — O inquérito será mera formalidade, suponho.

— Sim, senhor. Já estive com o juiz encarregado.

— E quando será?

— Amanhã. Parece que os outros membros da família Crackenthorpe estarão presentes. Sempre há uma chance de que um deles possa identificá-la.

Todos ele virão.

O inspetor consultou uma lista que tinha na mão.

— Harold Crackenthorpe: ocupa um lugar importante no centro financeiro de Londres, parece que é um figurão; Alfred: não sei o que faz; Cedric: vive no estrangeiro, é pintor.

O inspetor deu à última palavra uma inflexão sinistra. Sob o bigode, a boca do chefe de polícia contraiu-se num sorriso.

— Há alguma coisa que o leve a pensar que a família Crackenthorpe tenha ligação com esse crime? — ele perguntou.

— Nada além do fato do corpo ter sido encontrado em sua propriedade —

disse o Inspetor Bacon. — E naturalmente há a possibilidade de que o tal artista da família venha identificá-la. O que me desconcerta é essa história disparatada sobre o trem.

— Ah, sim. Você esteve com a tal velhinha... — ele consultou o bloco que estava sobre a mesa —, a tal Miss Marple?

— Sim, senhor. Confirmou todos os fatos. Ainda não sei se é ou não aluada, mas não se afasta nenhum milímetro de sua história, o que a amiga dela viu e tudo o mais. Eu diria que essa parte é fantasia, o tipo de coisa que as senhoras idosas vivem inventando, como ver discos voadores no jardim e espiões russos na biblioteca. Mas parece que ela contratou mesmo aquela moça, aquela empregada grã-fina, e encarregou-a de procurar um cadáver, o que ela fez.

— E acabou encontrando mesmo um — observou o chefe de polícia. — Bem, é realmente um caso fora do comum. Marple... Miss Jane Marple... esse nome me parece familiar... Bem, de qualquer forma vou me comunicar com a Yard. Acho que você tem razão, este não é um caso local. Mas não daremos publicidade a isso por enquanto. Vamos dizer o mínimo possível à imprensa.

II

O inquérito foi uma simples formalidade. Ninguém se apresentou para identificar a morta. Lucy foi chamada para contar como encontrara o corpo, e o médico legista depôs sobre a *causa mortis*: estrangulamento.

A manhã estava gelada e ventosa quando a família Crackenthorpe deixou o prédio onde se realizara o inquérito. Ao todo eram cinco pessoas: Emma, Cedric, Harold, Alfred e Bryan Eastley, o marido da irmã falecida, Edith. Lá estava também Mr. Wimborne, sócio mais antigo da firma de advogados encarregada

dos problemas legais dos Crackenthorpe. Viera de Londres, com prejuízo de vários compromissos, especialmente para assistir ao inquérito. O grupo ficou alguns instantes parado na calçada, tremendo de frio. Uma boa multidão ocorrera ao local: os detalhes picantes de "O Cadáver do Sarcófago" tinham sido publicados tanto na imprensa local como em Londres.

Um murmúrio correu em torno: "São eles..."

— Vamos sair daqui — disse Emma incisivamente.

O grande Daimler de aluguel encostou no meio-fio. Emma entrou e fez um gesto para que Lucy a seguisse. Mr. Wimborne, Cedric e Harold também entraram.

— Eu levarei Alfred no meu carrinho — disse Bryan Eastley.

O chofer bateu a porta e o Daimler preparava-se para partir quando Emma interveio.

— Pare aí! Lá estão os garotos.

Apesar de seus protestos veementes, os meninos tinham sido deixados em Rutherford Hall. Entretanto, agora lá estavam, sorrindo de orelha a orelha.

— Viemos em nossas bicicletas — explicou Stoddart-West. — Os policiais foram camaradas e nos deixaram assistir do fundo da sala. Espero que isso não a aborreça, Miss Crackenthorpe — acrescentou cortesmente.

— Ela não se aborrece, não — retrucou Cedric, respondendo pela irmã. — Só somos jovens uma vez. Este teve ter sido o seu primeiro inquérito, não?

— Ficamos desapontados — disse Alexander. — Acabou muito depressa.

— Não podemos ficar aqui conversando, com toda essa gente e esses fotógrafos! — interveio Harold, irritado.

A um sinal seu, o chofer deu partida ao carro. Os garotos acenaram alegremente.

— Acabou muito depressa... pois sim! — disse Cedric. — Isso é o que eles pensam, jovens inocentes... O caso está apenas começando.

— Mas que caiporismo! — exclamou Harold. — Que tremendo azar! Suponho que...

Olhou para Mr. Wimborne, que apertou os lábios finos e sacudiu a cabeça desgostoso.

— Creio que o assunto será resolvido a contento — disse ele pomposamente.

— A polícia é muito eficiente. Mas, como disse Harold, foi realmente um contratempo.

Ao falar, fitou Lucy, com óbvia desaprovação. “Se essa jovem não tivesse metido o nariz onde não era chamada”, seu olhos pareciam dizer, “nada disso teria acontecido.”

Esse sentimento, ou algo parecido, encontrou expressão na voz de Harold.

— Por falar nisso, Miss... ah... Miss Eyelesbarrow, o que a levou a mexer naquele sarcófago?

Lucy já tinha se perguntado quando a ideia iria ocorrer a algum membro da família. De antemão ela soubera que aquela era a primeira pergunta que a polícia faria. Estava surpresa de que ninguém mais parecia ter pensado nisso até aquele momento.

Cedric, Emma, Harold e Mr. Wimborne tinham se voltado para ela.

Sua resposta, naturalmente, estava preparada há algum tempo. — Na verdade — ela começou, com voz hesitante —, nem eu mesma sei... Achei que aquele lugar precisava de uma boa limpeza. Além disso, eu estava sentindo um cheiro esquisito, muito desagradável...

Ela contava acertadamente com que todos recuassem de imediato diante dessa evocação repulsiva.

— Sim, sim, naturalmente... Ela estava morta há umas três semanas, foi o que o legista disse. Mas não vamos pensar nisso agora. — E sorrindo encorajadamente para Emma, que ficara muito pálida, acrescentou: — Lembrem-se de que aquela infeliz jovem nada tinha a ver com nenhum de nós.

— Ah... — fez Cedric — mas como você pode ter certeza disso?

Lucy Eyelesbarrow olhou-o com interesse. As surpreendentes diferenças entre os três irmãos já a haviam intrigado. Cedric era um homenzarrão com um rosto rude, castigado pelo tempo, cabelos escuros maltratados e um ar jovial.

Viera do aeroporto com a barba por fazer, e embora tivesse se barbeado para o inquérito, ainda usava as mesmas roupas da viagem, que pareciam ser as suas únicas: umas calças velhas de flanela cinzenta e um paletó remendado e bastante gasto. Era o retrato vivo de um boêmio, e parecia orgulhar-se disso.

Seu irmão Harold, ao contrário, era a imagem perfeita de um cavalheiro citadino, diretor de uma importante companhia. Era alto, de porte ereto, com uma careta incipiente e um pequeno bigode escuro, impecavelmente vestido com um terno bem-cortado e uma gravata cinza-pérola. Parecia exatamente o que era: um homem de negócios astuto e de sucesso.

Ele disse secamente:

— Ora, Cedric, que suposição impertinente!

— Não vejo por quê. Afinal, ela estava em nosso celeiro. O que ela foi fazer lá?

Mr Wimborne tossiu e disse:

— Provavelmente algum... encontro clandestino. Creio que era do conhecimento geral que a chave ficava pendurada num prego do lado de fora.

Seu tom revelava desaprovação ante um hábito tão imprudente. Tão óbvia a sua atitude que Emma se justificou:

— O costume começou durante a guerra, por causa dos guardas da defesa antiaérea. Eles guardavam lá um fogareiro onde preparavam chocolate quente. E depois, como não havia nada que alguém pudesse roubar, continuamos a deixar a chave no prego. Era conveniente para a Associação Feminina. Se guardássemos a chave em casa, poderia causar transtornos quando necessitassem dela e não houvesse ninguém em casa, agora que só temos diaristas e nenhuma empregada permanente...

Ela deixou a frase no ar. Falara mecanicamente, dando a explicação detalhada como se estivesse pensando em outra coisa.

Cedric lançou-lhe um olhar intrigado.

— Você está preocupada, mana. O que há?

Harold interveio, exasperado.

— Ora, Cedric, ainda precisa perguntar?

— Preciso, sim. Sei que uma mulher estranha foi morta no celeiro de Rutherford Hall — isso parece um drama vitoriano —, e sei que Emma levou um choque, mas sei também que ela é uma mulher sensata, e não vejo por que está continua preocupada. Diabos, a gente se acostuma com tudo!

— Talvez algumas pessoas levem mais tempo a se acostumar com a ideia de um assassinato do que você — retrucou Harold com azedume. — Talvez os assassinatos sejam fatos banais em Maiorca, mas...

— Não é Maiorca, é Ibiza.

— É a mesma coisa.

— Não é, não. São duas ilhas muito diferentes.

Harold continuou:

— O que quero dizer é que, embora um assassinato seja um acontecimento comum para você, que vive entre latinos de sangue quente, aqui na Inglaterra nós levamos essas coisas a sério. — E acrescentou com maior irritação. — E, realmente Cedric, aparecer num inquérito público com essas roupas...

— O que há de errado com as minhas roupas? Elas são muito confortáveis.

— Mas inadequadas.

— Bem, de qualquer forma, são as únicas que eu trouxe. Não me preocupei com o meu guarda-roupa quando vim voando para estar ao lado da minha família nessa conjuntura. Sou um pintor, e os pintores se preocupam mais com o conforto.

— Então você ainda está tentando pintar?

— Olhe aqui, Harold, essa expressão “tentando pintar”...

Mr. Wimborne pigarreou e interveio com autoridade.

— Não vejo nenhum proveito nessa discussão. Minha querida Emma, quero que me diga se há alguma coisa que eu possa fazer por você antes de voltar a Londres.

A censura surtiu efeito. Emma Crackenthorpe disse depressa:

— Foi muita bondade sua ter vindo até aqui.

— De forma alguma. Era aconselhável que alguém estivesse presente ao inquérito para acompanhar os acontecimentos no interesse da família. Vou ter uma entrevista com o inspetor em sua

casa. Não tenho dúvidas de que essa situação embaraçosa logo se elucidará. Tenho quase certeza do que aconteceu.

Como Emma já disse, era do conhecimento geral que a chave do celeiro costumava ficar pendurada junto à porta. É muito provável que nos meses de inverno o local fosse usado como ponto de encontros clandestinos pelos casais da redondeza. Sem dúvida houve uma briga, e o homem deve ter perdido o controle.

Depois, horrorizado com o que fizera, deu com os olhos no sarcófago e percebeu que ali estava um excelente esconderijo para o cadáver.

“Sim, é uma explicação muito plausível, que ocorreria facilmente a qualquer um”, pensou Lucy consigo mesma.

Cedric retrucou:

— Você sugeriu um casal dos arredores, mas até agora ninguém foi capaz de identificar a vítima.

— É muito cedo ainda. Sem dúvida ela logo será identificada. Mas também é possível que apenas o rapaz seja daqui, e a moça de alguma outra parte, talvez de um bairro mais afastado. Brackhampton é uma cidade grande, cresceu muito nos últimos vinte anos.

— Se eu fosse uma garota e quisesse estar com meu namorado, não iria me meter num celeiro gelado no fim do mundo — objetou Cedric. — Eu preferiria assistir a um filme bem agarradinho, não acha, Miss Eyelesbarrow?

— Será que precisamos discutir esse assunto? — perguntou Harold numa voz queixosa.

A essas palavras, o carro parou em frente a Rutherford Hall e todos desceram.

Capítulo 8



Ao entrar na biblioteca, Mr. Wimborne pestanejou. Seus olhos astutos haviam passado do Inspetor Bacon, a quem já conhecia, para o homem louro e bem-apegoado que o acompanhava.

O Inspetor Bacon fez as apresentações: — Este é o Inspetor-Detetive Craddock, da New Scotland Yard — disse.

— New Scotland Yard... hum...

As sobrancelhas de Mr. Wimborne levantaram-se.

Dermot Craddock começou a falar com urbanidade e fluência:

— A polícia local pediu a nossa colaboração, Mr. Wimborne.

Como o senhor é o representante da família Crackenthorpe, acho justo que lhe transmitamos algumas informações confidenciais.

Ninguém melhor do que o jovem inspetor Craddock para revelar uma minúscula parcela dos fatos como se fosse toda a verdade.

— O Inspetor Bacon concordará comigo, estou certo — acrescentou, com uma olhadela para o colega.

Sem deixar transparecer a existência de uma prévia combinação, o Inspetor Bacon concordou, com a devida gravidade.

— O caso é o seguinte — começou Craddock —, temos motivos para acreditar, por informações que obtivemos, que a morta não é daqui, e que na realidade veio de Londres, tendo chegado recentemente do estrangeiro. Provavelmente veio da França, embora não possamos ter certeza.

Mr. Wimborne ergueu novamente as sobrancelhas.

— É mesmo? — ele disse. — É mesmo?

— Sendo assim — explicou o Inspetor Bacon —, o chefe de polícia achou que a Yard estava mais bem equipada para tratar do caso.

— Espero apenas que este problema seja resolvido com rapidez — retrucou Mr. Wimborne. — Como os senhores podem avaliar, este caso tem sido uma fonte de constrangimentos para a família. Embora não estejam de forma alguma envolvidos, mesmo assim...

Ele hesitou por um segundo, e o Inspetor Craddock concluiu seu pensamento:

— Não é uma coisa agradável uma mulher aparecer assassinada em nossa propriedade... Concordo plenamente com o senhor. Mas gostaria de dar uma palavrinha com os membros da família.

— Eu realmente não vejo...

— O que eles podem me dizer? Provavelmente nada de interessante. Mas nunca se sabe. Talvez possa obter do senhor a maioria das informações que procuro, dados sobre a casa e a família.

— E o que é que isso pode ter a ver com essa mulher estrangeira que foi assassinada aqui?

— Bem, esse é justamente o meu problema — disse Craddock.

— Por que ela veio até aqui? Será que teve alguma vez ligação com esta casa? Terá sido, por exemplo, empregada aqui? Uma criada de quarto, por exemplo? Ou será que veio aqui para encontrar com algum antigo morador de Rutherford Hall?

Mr. Wimborne retorquiu friamente que Rutherford Hall era a residência dos Crackenthorpe desde que Josiah Crackenthorpe a construía, em 1884.

— Isso é interessante — disse Craddock. — Se o senhor pudesse me dar uma noção sucinta da história da família...

Mr. Wimborne sacudiu os ombros.

— Há muito pouco a contar. Josiah Crackenthorpe era fabricante de biscoitos, conservas, pickles e outras coisinhas mais. Acumulou com isso uma grande fortuna. Foi ele quem construiu esta casa, onde atualmente reside o seu filho mais velho, Luther Crackenthorpe.

— Ele não teve outros filhos?

— Só mais um, Henry, que morreu num acidente automobilístico em 1911.

— E o atual Mr. Crackenthorpe nunca pensou em vender esta casa?

— Ele não pode fazer isso — replicou secamente o advogado. — O testamento do pai o impede.

— Talvez o senhor queira me falar sobre esse testamento...

— Por que o faria?

O Inspetor Craddock sorriu.

— Porque eu posso facilmente ter acesso a ele.

Contra a sua vontade, Mr. Wimborne deu um sorrisinho mal-humorado.

— Tem razão, inspetor. Protestei simplesmente porque achei que a informação que o senhor queria era irrelevante. Quanto ao testamento de Josiah Crackenthorpe, não há mistério algum. Ele deixou uma fortuna considerável nas mãos de um curador.

Enquanto viver, seu filho Luther recebe os rendimentos.

Após sua morte, o capital deverá ser dividido igualmente entre os seus filhos: Edmund, Cedric, Harold, Alfred, Emma e Edith. Mas Edmund morreu na guerra, e Edith há quatro anos. Assim, com a morte de Luther, o dinheiro irá para Cedric, Harold, Alfred, Emma e o filho de Edith, Alexander Eastley.

— E a casa?

— Ficarão para o filho mais velho de Luther Crackenthorpe, ou o seu herdeiro.

— Edmund Crackenthorpe era casado?

— Não.

— Então a propriedade ficará para...?

— O filho seguinte: Cedric.

— Mr. Luther Crackenthorpe não pode vendê-la?

— Não.

— E não possui nenhum controle sobre o capital?

— Não.

— Isso não é estranho? Dá a impressão de que o pai não gostava dele — comentou argutamente o Inspetor Craddock.

— Adivinhou — disse Mr. Wimborne. — O velho Josiah ficou desapontado quando o filho mais velho não mostrou nenhum interesse pelo negócio da família... nem, na verdade, por qualquer espécie de negócio. Luther passava o tempo viajando pelo estrangeiro e colecionando *objets d'art*. O velho Josiah não tinha nenhuma simpatia por esse comportamento e, assim, deixou o dinheiro para a geração seguinte.

— Mas enquanto isso seus netos não têm quaisquer rendimentos a não ser o que ganham ou recebem do pai, e este tem um grande capital do qual não pode dispor.

— Exatamente. E não posso imaginar o que isso tenha a ver com a morte de uma mulher desconhecida, de origem estrangeira.

— Realmente parece não ter nenhuma relação — concordou prontamente o Inspetor Craddock. — Eu só queria me certificar dos fatos.

Mr. Simborne lançou-lhe um olhar penetrante. Aparentemente satisfeito com o resultado do exame, levantou-se.

— Pretendo ir para Londres agora — disse. — A menos que os senhores desejem mais alguma coisa...

Ele olhou para os dois policiais.

— Não, mais nada, obrigado.

No vestíbulo ao lado, o gongo soou.

— Deus meu! — exclamou Mr. Wimborne. — Só pode ser um dos garotos.

Elevando a voz acima dos ruídos, o Inspetor Craddock disse: — Vamos deixar a família almoçar em paz, mas gostaríamos de voltar mais tarde... digamos, às catorze e trinta... para dar uma palavrinha com cada um da família.

— O senhor acha isso necessário?

— Bem... — começou Craddock, encolhendo os ombros — sempre há uma chance de que alguém se lembre de algo que nos dê uma pista da identidade da morta.

— Duvido, inspetor, duvido muito. Mas desejo-lhes boa sorte. Como eu disse há pouco, quanto mais cedo este assunto constrangedor for resolvido, melhor será para todos.

Sacudindo a cabeça, ele deixou lentamente a sala.



Ao voltar do inquérito, Lucy fora direto para a cozinha, e estava preocupada, preparando o almoço, quando Bryan Eastley enfiou a cabeça no portal.

— Posso ajudá-la de alguma forma? — perguntou. — Sou muito jeitoso com coisas domésticas.

Lucy lançou-lhe um olhar rápido, um tanto preocupado. Após o inquérito, Bryan voltara para casa em seu pequeno MG e ela não tivera muito tempo para formar uma opinião a seu respeito.

O seu jeito era bastante simpático. Eastley era um homem atraente, de uns trinta e poucos anos, cabelos castanhos, queixosos olhos azuis e um enorme bigode louro.

— Os garotos ainda não chegaram — disse ele, sentando-se numa das extremidades da mesa da cozinha. — Ainda vão levar uns vinte minutos para chegar aqui naquelas bicicletas.

Lucy sorriu.

— Eles não querem perder nada.

— Não os culpo. É o primeiro inquérito de suas jovens vidas, e praticamente no seio da família...

— O senhor se importa de se levantar daí, Mr. Eastley? Quero colocar a assadeira aí na mesa.

Bryan obedeceu.

— Nossa, essa gordura está quase fervendo. O que vai fazer com isso?

— Um pudim Yorkshire.

— Hum... o velho Yorkshire... o menu hoje é rosbife, não?

— Isso mesmo.

— O assado do funeral. O cheiro é delicioso — disse ele com ar de aprovação. — Você se incomoda que eu fique aqui tagarelando?

— Se sua intenção é mesmo ajudar, tenho uma tarefa para o senhor aqui —

disse Lucy, colocando uma frigideira no fogo. — Olhe, vá virando essas batatas até que coem por igual.

— Essas coisas todas estavam cozinhando enquanto fomos ao inquérito? E

se tivessem queimado?

— Era pouco provável. O forno tem termostato.

— Ah, uma espécie de cérebro eletrônico, não é?

Lucy lançou-lhe um olhar rápido.

— Isso mesmo. Agora pode colocar a frigideira dentro do forno. Na segunda prateleira. Quero a de cima para o pudim Yorkshire.

Bryan obedeceu, com uma exclamação de dor.

— Queimou-se?

— Um pouquinho, não tem importância. Cozinha é uma brincadeira bem perigosa, hem?

— O senhor nunca vai à cozinha?

— Na realidade, vou sim, e com bastante frequência. Mas não faço nada assim tão complicado. Sei fazer ovos quentes com perfeição, quando não me esqueço de olhar o relógio. E sei preparar ovos com toucinho, e um bom bife na grelha elétrica, e também abrir latas de sopa. Tenho um fogãozinho elétrico no meu apartamento em Londres.

— O senhor vive em Londres?

— Se você chama àquilo viver... sim.

Seu tom de voz era melancólico. Ficou observando Lucy ajeitar a massa do pudim e colocá-lo no forno.

— Que visão alegre — ele comentou, com um suspiro.

Com suas tarefas mais imediatas terminadas, Lucy olhou-o com mais atenção.

— O que é alegre? Esta cozinha?

— Sim. Faz-me lembrar a cozinha da minha casa, quando eu era criança.

Lucy percebeu que Bryan Eastley tinha um ar de extremo desamparo.

Olhando-o mais de perto, viu que era mais velho do que inicialmente julgara.

Devia ter quase quarenta anos. Era difícil pensar nele como o pai de Alexander.

Ele a fazia pensar em inúmeros jovens pilotos que conhecera durante a guerra, quando tinha a sugestionável idade de catorze anos. Ela crescera e amadurecera no mundo pós-guerra, mas sentia que o mesmo não se dera com Bryan, que apenas fora levado de roldão na passagem dos anos. As suas palavras seguintes confirmaram essa impressão. Ele tornara a se sentar na mesa da cozinha.

— É difícil a gente se orientar neste mundo de hoje, não é? — disse. — Sabe, não fui treinado para isso.

Lucy lembrou-se do que Emma lhe dissera.

— O senhor era piloto de caça, não era? — perguntou. — Creio que ganhou a Cruz de Combate da Aeronáutica, não foi?

— É, e esse tipo de coisa acaba atrapalhando. Muita gente tenta facilitar as coisas para nós porque fomos condecorados, arranjam-nos empregos e tudo o mais. Muito decente da parte deles. Mas são todos lugares administrativos, e não tenho nenhum talento para isso. Ficar sentado numa mesa, lidando com números... Eu já tive algumas ideias boas, sabe, tentei iniciar um negócio próprio, mas não consegui arranjar o capital. Não consegui convencer ninguém a me financiar. Se eu tivesse algum dinheiro...

Ficou remoendo seus fracassos.

— Você não conheceu Edie, não é? A minha esposa. Não, claro que não.

Pois ela era muito diferente do resto da família. Para começar, era muito mais jovem. Costumava dizer que o seu velho era um grande pão-duro. Ele é mesmo, sabe, um tremendo sovina. Talvez julgue que pode levar o dinheiro para a outra vida. Mas, quando morrer, o dinheiro será dividido, e a parte de Edie irá para Alexander, naturalmente. Mas ele só poderá tocar no capital quando completar vinte e um anos.

— Sinto muito, mas você terá de se levantar da mesa outra vez. Quero preparar o molho.

Nesse instante, Alexander e Stoddart-West entraram, ofegantes, com os rostos corados.

— Olá, Bryan — disse Alexander amavelmente para o pai. — Então foi aqui que você se meteu. Puxa, que rosbife sensacional! Vai ter pudim Yorkshire.

— Vai, sim.

— O da escola é horrível, molenga e sem gosto.

— Saiam da frente — disse Lucy. — Quero preparar o molho.

— Faça bastante. Será que dá para fazer duas molheiras?

— Dá, sim.

— Fenomenal! — disse Stoddart-West.

— Pode ficar sossegado.

— Ela é uma cozinheira fantástica — disse Alexander para o pai.

Por um instante, Lucy teve a impressão de que houvera uma inversão de papéis. Alexander parecia um pai amoroso falando com o filho.

— Podemos ajudá-la, Miss Eyelesbarrow? — perguntou cortesmente Stoddart-West.

— Podem, sim. Alexander, vá tocar o congo. James, quer levar esta bandeja para a sala de jantar? E o senhor, Mr. Eastley, pode levar o assado. Eu levo as batatas e o pudim Yorkshire.

— O homem da Scotland Yard está aí — disse Alexander. — Será que ele vai almoçar conosco.

— Isso depende de sua tia.

— Não creio que ela se importe; é muito hospitaleira. Mas acho que tio Harold não gostaria disso. Ele está todo enfarruscado por causa do crime — disse Alexander deixando a cozinha e acrescentando por cima do ombro: — Mr. Wimborne está na biblioteca com os homens da Scotland Yard, mas ele não vai ficar para o almoço: disse que precisava voltar para Londres. Vamos, Stodders.

Oh, ele tocar o gongo.

Naquele instante o gongo ribombou. Stoddart-West era um artista.

Desincumbiu-se de sua tarefa com entusiasmo, e a conversação tornou-se impossível.

Lucy seguiu com os legumes atrás de Bryan, que levava o prato do assado, e voltou em seguida à cozinha para apanhar as duas molheiras repletas.

Emma desceu apressada as escadas e deu com Mr. Wimborne no vestíbulo.

— O senhor tem certeza de que não quer ficar para o almoço? Já está tudo pronto.

— Não. Tenho um compromisso importante em Londres. O trem tem vagão-restaurante.

— Foi muita bondade sua ter vindo — disse Emma, agradecida.

Os dois inspetores saíram da biblioteca. Mr. Wimborne segurou as mãos de Emma.

— Não precisa se preocupar, minha querida — disse ele. — Este é o Inspetor-Detetive Craddock, da New Scotland Yard, que está encarregado do caso. Ele vai voltar às catorze e quinze para pedir-lhes algumas informações que poderão ajudá-lo em suas investigações. Mas, como eu já disse, não precisa se preocupar.

Olhou para Craddock.

— Posso contar a Miss Crackenthorpe o que o senhor me disse?

— Certamente, Mr. Wimborne.

— O Inspetor Craddock acabou de me dizer que acreditar que o crime não seja um caso local. A morta parece ter vindo de Londres, e provavelmente era estrangeira.

Emma Crackenthorpe replicou, com voz aguda:

— Estrangeira? Era francesa?

Mr. Wimborne, que evidentemente pretendia tranquilizá-la, ficou desconcertado. Dermot Craddock dirigiu o olhar rapidamente para o rosto de Emma. “Por que”, pensou ele, “ela teria chegado à conclusão de que a morta era francesa, e por que essa ideia a perturbava tanto?”

Capítulo 9



As únicas pessoas que realmente fizeram justiça ao excelente almoço de Lucy foram os dois garotos e Cedric Crackenthorpe, que aparentemente não fora afetado pelas circunstâncias que haviam provocado a sua volta à Inglaterra. Na verdade, ele parecia encarar o caso como uma boa piada, um tanto macabra, é verdade.

Lucy notou que essa atitude era extremamente desagradável a seu irmão Harold, para quem o assassinato constituía uma ofensa pessoal à família Crackenthorpe. Sua indignação era tão grande que mal tocou no almoço. Emma tinha um ar infeliz e preocupado e também comeu muito pouco. Quanto a Alfred, parecia imerso em profundas cogitações, e falou com parcimônia. Ele era um homem bonito, de rosto magro e moreno e olhos um pouco juntos.

Após a refeição, os policiais voltaram e perguntaram polidamente se podiam ter uma palavrinha com Mr. Cedric Crackenthorpe.

O Inspetor Craddock mostrou-se amável e amistoso.

— Sente-se, Mr. Crackenthorpe. O senhor acabou de chegar das ilhas Baleares, não foi? O senhor mora lá?

— Moro em Ibiza há seis anos. Dou-me melhor lá do que neste lúgubre país.

— Suponho que devam ter muito mais hora de sol do que aqui — retrucou afavelmente o Inspetor Craddock. — O senhor esteve

aqui não faz muito tempo, não é? No Natal, para sermos precisos. O que o fez voltar tão cedo?

Cedric sorriu.

— Recebi um telegrama de Emma, minha irmã. Nunca antes tivemos um assassinato na propriedade, e eu não queria perder coisa alguma. Por isso vim?

— O senhor se interessa por criminologia?

— Ora, não precisa recorrer a um termo tão empolado! Digamos apenas que gosto de crimes, livros de mistério e tudo mais. Com um mistério desses praticamente em nossas mãos... Eu não podia perder essa oportunidade. Além disso, achei que a nossa querida Emma talvez precisasse de um pouco de ajuda — para lidar com o velho, a polícia e tudo o mais. Com um mistério desses praticamente em nossas mãos... Eu não podia perder essa oportunidade. Além disso, achei que a nossa querida Emma talvez precisasse de um pouco de ajuda — para lidar com o velho, a polícia e tudo o mais.

— Compreendo. A situação despertou seus instintos de caçador e também seus sentimentos de família. Tenho certeza de que sua irmã apreciou o seu gesto, embora seus dois outros irmãos também tenham vindo.

— Mas não para alegrá-la ou consolá-la — disse Cedric. — Harold está aborrecidíssimo. Não fica bem para um magnata estar associado de uma mulher de antecedentes duvidosos.

— Ela tinha antecedentes duvidosos?

— bem, o senhor é que é a autoridade no assunto. Mas, a julgar pelos fatos, parece-me muito provável.

— Pensei que talvez o senhor pudesse ter alguma ideia de quem ela era.

— Ora, inspetor, o senhor já sabe que eu não pude identificá-la, como o seu colega poderá confirmar.

— Eu falei em ideia, Mr. Crackenthorpe. Mesmo que o senhor nunca tenha a visto antes, talvez possa arriscar um palpite de quem ela era, ou de quem poderia ser.

Cedric sacudiu a cabeça numa negativa.

— O senhor está batendo na porta errada. Não tenho a mínima ideia.

Suponho que o senhor esteja sugerindo que ela foi ao celeiro para encontrar-se com um de nós, não é? Mas não moramos aqui. As únicas pessoas que estavam em casa eram uma ancião e uma mulher. O senhor certamente não acredita que ela marcaria um encontro com um velho, não é?

— Acredito — e o Inspetor Bacon concorda comigo — que a morta talvez tenha tido alguma ligação com esta casa. Por ter sido há muitos anos. Pense na passado, Mr. Crackenthorpe...

Cedric refletiu alguns instantes e sacudiu a cabeça negativamente.

— Tivemos algumas empregadas estrangeiras, como todo mundo, mas não me lembro de nenhuma que pudesse ser a mulher do celeiro. É melhor perguntar aos outros. É provável que eles lembrem melhor do que eu.

— Faremos isso, sem dúvida.

Craddock recostou-se na poltrona e prosseguiu:

— Como o senhor ouviu no inquérito, o médico-legista não pôde fixar com precisão a data da morte, apenas calculou que foi entre duas e quatro semanas atrás, ou seja, perto do Natal. Sabemos que o senhor esteve aqui nessa época.

Pode nos dizer quando chegou e quando partiu?

Cedric refletiu.

— Deixe-me ver... Vim de avião. Cheguei no sábado antes do Natal... acho que foi no dia 21.

— O senhor veio direto de Maiorca?

— Sim. Saí de lá às cinco da manhã e cheguei aqui ao meio-dia.

— E quando foi embora?

— Na sexta-feira seguinte, do dia 27.

— Obrigado.

— infelizmente — disse Cedric, com um sorriso —, isso me coloca bem dentro dos limites perigosos, não? Mas, com franqueza, inspetor, estrangular mulheres não é o meu passatempo favorito.

— Espero que não, Mr. Crackenthorpe.

O Inspetor Bacon limitou-se a assumir um ar de reprovação.

— Haveria uma censurável negação do espírito de boa vontade num ato desses, não concorda?

Cedric endereçara essa pergunta ao Inspetor Bacon, que apenas grunhiu em resposta. O Inspetor Craddock disse amavelmente:

— Bem, obrigado, Mr. Crackenthorpe. Isso é tudo.

— O que você acha dele? — perguntou Craddock, quando Cedric fechou a porta ao sair.

Bacon resmungou outra vez.

— Arrogante demais para o meu gosto — disse ele. — Não gosto de gente do seu tipo. Esses artistas são todos uns libertinos, sempre metidos com mulheres de má fama.

Craddock sorriu.

— Não gosto do seu modo de se vestir — acrescentou Bacon. — Foi uma falta de respeito assistir ao inquérito daquela maneira, com as calças mais sujas que vi nos últimos tempos. E viu a gravata dele? Acho que era de crochê. Se quer saber a minha opinião, ele é do tipo que não exitaria em estrangular uma mulher, sem qualquer remorso.

— Bem, mas esta ele não estrangulou, se é que só saiu de Maiorca no dia 21. E isso é coisa fácil de averiguar.

Bacon lançou-lhe um olhar penetrante.

— Notei que está mantendo em segredo a data real do crime.

— Vamos ocultar isso por enquanto. Nesta primeira fase, prefiro guardar alguns trunfos.

Bacon concordou plenamente:

— É melhor surpreende-los no momento adequado. É a melhor política.

— E agora — tornou Craddock —, vejamos o que o nosso eficiente executivo tem a dizer sobre o caso.

Harold Crackenthorpe, os lábios apertados, pouco tinha a dizer. Um acontecimento muito desagradável, realmente infeliz... Os jornais... repórteres querendo entrevistas... Era extremamente lamentável...

As frases inacabadas de Harold cessaram. Ela recostou-se na cadeira com a expressão de alguém que estava sentindo um cheiro muito desagradável.

As sondagens do inspetor foram infrutíferas. Não, se ele não tinha nenhuma ideia de quem pudesse ser a morta. Sim, estivera em Rutherford Hall no Natal. Só pudera chegar na véspera, mas ficara até o domingo seguinte.

— Obrigado, isso é suficiente — disse o Inspetor Craddock, resolvendo não pressionar mais. Concluía que Harold Crackenthorpe não lhes iria ser útil.

Passou a Alfred, que entrou na sala com um ar de indiferença um tanto forçado.

Ao vê-lo, Craddock teve a sensação de que já o conhecia. Sem dúvida ele já vira esse membro da família em algum lugar. Ou ele ou o seu retrato nos jornais. Ele perguntou a Alfred qual a sua profissão, e a resposta foi vaga.

— No momento, trabalho no ramo dos seguros. Até pouco tempo atrás estive ocupado no lançamento de um novo tipo de fonógrafo no mercado, completamente revolucionário. E tive um bom lucro, para ser franco.

O Inspetor Craddock pareceu ficar devidamente impressionado. Ninguém diria que ele estava apreciando a falsa distinção do terno de Alfred e avaliando corretamente o seu baixo preço. As roupas de Cedric estavam amarfanhadas e muito gastas, mas eram de bom corte e excelente tecido. Ali, a elegância barata falava por si só. Amavelmente Craddock passou às perguntas de rotina. Alfred pareceu interessado, até mesmo divertido.

— É bem plausível a ideia de a mulher ter sido empregada aqui. Mas não uma criada de quarto, creio que minha irmã nunca teve tal coisa. Acho que hoje em dia ninguém mais tem. Certamente existem empregados domésticos estrangeiros por aí. Nós mesmo já tivemos uma polonesa e uma alemã muito temperamental. Mas, como Emma não reconheceu a mulher, suponho que isso ponha fim a essa hipótese. Emma é ótima fisionomista. Mas se a mulher veio de Londres... Por falar nisso, o que o faz pensar que ela veio de Londres, inspetor?

Ele propôs a pergunta com naturalidade, mas seu olhar era atento e interessado.

O Inspetor Craddock sorriu e sacudiu a cabeça numa negativa.

Alfred lançou-lhe um olhar perscrutador.

— Não vai me contar, não é? Será que ela tinha o bilhete de volta no bolso do casaco?

— Talvez, Mr. Crackenthorpe.

— Bem, admitindo que ela tenha vindo de Londres, parece que o homem com quem ela veio se encontrar achou que o celeiro velho era um ótimo lugar para um assassinatozinho tranquilo. É evidente que ele conhece os nossos hábitos. Se eu fosse o senhor, inspetor, começaria a procurá-lo.

— Já começamos — retrucou o Inspetor Craddock tranquilamente, e, agradecendo a Alfred, dispensou-o

— Sabe — disse a Bacon —, já vi esse camarada em algum lugar...

O Inspetor Bacon deu o seu veredicto:

— É um espertinho — disse ele. — Tão esperto que às vezes se machuca.

II

— Creio que o senhor não esteja muito interessado em falar comigo — disse Bryan Eastley em tom de desculpas, hesitando junto à porta. — Não sou exatamente um membro da família...

— Deixe-me ver... o senhor não é Bryan Eastley, o marido de Mrs. Edith Crackenthorpe, que morreu há quatro anos?

— Isso mesmo.

— Bem, é bondade sua querer nos ajudar, especialmente se sabe de alguma coisa que nos possa ser útil.

— Sinto muito, mas não sei de nada. Gostaria de saber. O caso parece grosseiramente familiar, não acha? Mas um encontro num celeiro velho e gelado no meio do inverno certamente não seria do meu paladar.

— Sem dúvida é muito curioso — concordou o Inspetor Craddock.

— É verdade que ela era estrangeira? Ouvi falar isso.

— Esse fato lhe desperta alguma lembrança? — perguntou o inspetor, olhando-o com atenção, mas a expressão amistosa de Bryan nada revelou.

— Não. Para falar a verdade, nada.

— Talvez ela fosse francesa — acrescentou o Inspetor Bacon, num tom sinistro.

— O rosto de Bryan animou-se e uma expressão interessada surgiu em seus olhos azuis. Ele coçou o bigode louro.

— É verdade? Talvez uma dançarina do Lido de Paris, hem? — sugeriu, e em seguida abanou a cabeça: — Se é verdade, parece-me ainda mais improvável que ela fosse ao celeiro para um encontro amoroso... Vocês não têm notícias de outros crimes em sarcófagos, por acaso? Pode ser algum maluco pensando que é Calígula ou coisa parecida...

O Inspetor Craddock não se deu ao trabalho de refutar essa teoria. Em vez disso, perguntou em tom casual:

— Alguém da família tem negócios ou relações com franceses, que o senhor saiba?

Bryan respondeu que os Crackenthorpe eram muito pacatos para isso.

— Harold é um respeitável homem casado — disse ele. — A mulher dele é filha de um par do reino arruinado e tem cara de peixe. Acho que Alfred não dá muita importância a mulheres, passa o tempo metendo-se em negócios escusos, que geralmente fracassam. Quanto a Cedric, suponho que tenha uma porção de espanholas tocando castanholas para ele em Ibiza. As mulheres caem facilmente por Cedric. Ele não faz a barba com frequência, e parece que nunca toma banho, mas tem qualquer coisa que agrada às mulheres, por mais estranho que pareça...

Ora, não estou sendo de grande ajuda, estou?

Sorriu para os outros dois.

— Talvez devam incluir Alexander nas investigações. Ele e James Stoddart-West andam por aí atrás de pistas. Aposto que encontrarão alguma coisa.

O Inspetor Craddock retrucou que esperava que sim. Em seguida, agradeceu a Bryan Eastley e disse que gostaria de falar

com Emma Crackenthorpe.

O Inspetor Craddock olhou para Emma Crackenthorpe com mais atenção do que da última vez em que a vira. Não se esquecera da expressão que surpreendera em seu rosto antes do almoço.

Uma mulher tranquila. Nem obtusa nem brilhante. Uma dessas mulheres amáveis e acolhedoras cuja presença os homens não costumam questionar, e que possuem o dom de transformar uma casa num lar, dando-lhe uma atmosfera repousante e harmoniosa. Assim era Emma Crackenthorpe, pensou.

Mulheres como ela eram frequentemente subestimadas. Por trás da fachada tranquila, possuíam força de caráter e capacidade de luta. “Talvez”, pensou Craddock, “a pista para a solução do mistério da mulher morta estivesse no fundo da mente de Emma.

Enquanto esses pensamentos lhe passavam pela cabeça, Craddock desfiou várias perguntas sem importância.

— Creio que a senhorita já disse praticamente tudo o que queríamos saber ao Inspetor Bacon — disse. — Portanto, não vou incomodá-la com muitas perguntas.

— Por favor, pergunte-me o que desejar.

— Como Mr. Wimborne já lhe disse, chegamos à conclusão de que a morta não era natural desta região. Isso pode ser um alívio para a senhora... Mr. Wimborne achou que seria... mas dificulta as coisas para nós. É menos fácil identificá-la.

— Mas ela não tinha nada com ela? Documentos? Bolsa?

Craddock abanou a cabeça.

— Nem bolsa, nem nada nos bolsos.

— O senhor não tem nenhuma ideia do seu nome, de onde ela veio, nada?

“Ela quer saber, está muito ansiosa para saber quem é aquela mulher”, pensou Craddock. “Será que tece essa curiosidade desde o início? Duvido. Bacon não teve essa impressão, e ele é um homem sagaz...”

— Não sabemos nada sobre ela — respondeu. — É por isso que esperávamos que a senhora pudesse nos ajudar. Tem certeza de que não pode? Mesmo que não a tenha reconhecido, não tem ideia de quem ela possa ser?

Talvez fosse apenas imaginação, mas pareceu-lhe que ela hesita antes de responder:

— Não tenho a mínima ideia.

A atitude do Inspetor Craddock alterou-se imperceptivelmente. Talvez apenas um leve endurecimento da voz denunciasse a alteração.

— Por que concluiu que a mulher era francesa quando Mr. Wimborne lhe disse que ela era estrangeira?

Emma não se desconcertou, e alteou de leve as sobrancelhas.

— Eu fiz isso? É, creio que sim. Realmente não sei a razão. Geralmente penso num estrangeiro como sendo francês, até descobrir a sua nacionalidade. A maior parte dos estrangeiros que vêm a este país são franceses, não?

— Bem, eu não diria isso, Miss Crackenthorpe, não atualmente. Atraímos gente de muitas nacionalidades, italianos, alemães, austríacos, escandinavos...

— É, suponho que tenha razão.

— A senhorita não teve nenhum motivo especial para achar que a morta fosse francesa?

Ela não se apressou em negar. Refletiu um instante e depois sacudiu a cabeça, quase com pesar.

— Não — disse ela. — Acho que não.

Fitou-o placidamente, sem tentar se esquivar.

Craddock olhou para o Inspetor Bacon. Este se adiantou e mostrou a Emma um pequeno estojo colorido de pó-de-arroz.

— Reconhece isso, Miss Crackenthorpe?

Ela pegou o objeto e examinou-o.

— Não. Meu não é.

— Não tem ideia da pessoa a quem ele possa pertencer?

— Não.

— Então acho que não devemos mais aborrecer-la, por enquanto.

— Obrigada.

Ela despediu-se com um leve sorriso, levantou-se e deixou a sala.

Novamente Craddock pensou que talvez fosse imaginação sua, mas parecera-lhe que ela saíra depressa, como que aliviada.

— Acha que ela sabe alguma coisa? — perguntou Bacon.

— Neste estágio, tendemos a achar que todos sabem um pouco mais do que estão dispostos a revelar — retrucou Craddock, descontente.

— E geralmente sabem mesmo — replicou Bacon, apoiado em sua profunda experiência. — Só que quase sempre é algo que nada tem a ver com o caso em pauta. Em geral é algum pecadilho familiar ou alguma falta trivial que as pessoas temem possa vir a público.

— Sim, eu sei. Pelo menos...

O Inspetor Craddock, entretanto, não teve tempo de completar o que ia dizer, pois a porta abriu-se com violência e o velho Crackenthorpe entrou bastante indignado.

— Mas o que está acontecendo aqui? — berrou. — Isto é uma desconsideração! Então a Scotland Yard não tem nem a cortesia de se dirigir primeiro ao chefe da família? Quem é o dono desta casa, eu gostaria de saber!

Vamos, respondam! Quem é o dono aqui?

— O senhor, naturalmente, Mr. Crackenthorpe — disse Craddock, erguendo-se para apaziguá-lo —, mas como o senhor já contou tudo o que sabia ao Inspetor Bacon, e como sua saúde não é muito satisfatória, não queremos perturbá-lo. O Dr. Quimper disse que...

— Já sei, ele disse que não sou muito forte. Conversa, o Dr. Quimper é um exagerado. Ele é um bom médico e compreende o meu caso, mas me trata como eu fosse um frágil bibelô. E é meio perturbado em relação à comida. No último Natal, tive uma indisposição e ele bombardeou-me com perguntas. O que é que eu comi? Quem preparou? Quem serviu? Uma lenga-lenga sem fim! Ora, embora a minha saúde não seja das melhores, estou suficientemente bom para ajudá-lo no que estiver ao meu alcance. Um assassinato em minha própria casa! No meu próprio celeiro, pelo menos! E olhe que é uma construção muito interessante, da época elisabetana. O arquiteto daqui não concorda, mas ele não sabe o que fala.

Aquele celeiro data no mínimo de 1580. Mas não é isso o que importa agora, não é? O que o senhor quer saber? Qual é a sua

teoria, no momento?

— Ainda é muito cedo para teorias, Mr. Crackenthorpe. Ainda estamos tentando descobrir quem era a morta.

— Ela era estrangeira, não?

— Achamos que sim.

— Uma agente inimiga?

— Pouco provável. Muito pouco provável, eu diria.

— O senhor diria... hum! Hoje em dia estão em toda parte, infiltrando-se! Não entendo por que o Ministério dos Negócios Interiores não põe um fim nisso! Pois eu aposto que ela estava tentando se apoderar de segredos industriais!

— Brackhampton?

— Temos fábricas em toda parte. Há uma bem nos fundos da propriedade.

Craddock endereçou um olhar inquisitivo ao Inspetor Bacon, que informou: — Caixas de metal.

— Como é que se pode saber o que eles estão realmente fabricando? Não se pode acreditar em tudo o que esses camaradas dizem. Mas está certo, se ela não era nenhuma espiã... então quem era? O senhor acha que ela tinha relação com algum dos meus preciosos rebentos? Só se fosse com Alfred. Harold é muito cuidadoso. E Cedric não se rebaixa a morar neste país. Só se ela era algum rabo-de-saia de Alfred e algum amante ciumento a seguiu até aqui, achando que ela ia se encontrar com Alfred, e deu cabo nela. O que acha da ideia?

O inspetor retrucou diplomaticamente que sem dúvida era uma boa teoria.

Porém, Mr. Alfred não reconheceu a morta, ressalvou.

— Ora! Ele tem medo, está na cara! Alfred sempre foi um covarde. E lembre-se, é um mentiroso, sempre foi! Mente até sem sentir. Nenhum dos meus filhos presta. São um bando de urubus esperando que eu morra, é só isso que eles fazem na vida — disse o velho com uma risadinha. — Mas eles que esperem... Não vou morrer só para satisfazê-los! Bem, se é tudo o que posso fazer pelos senhores... Estou um pouco cansado. Preciso repousar.

E saiu arrastando os pés.

— Um rabo-de-saia de Alfred? — repetiu o Inspetor Bacon. — Na minha opinião, isso é pura invenção do velho. Pessoalmente — acrescentou depois de uma leve hesitação —, acho que Alfred está limpo. Talvez tenha outras culpas no cartório, mas não é o nosso assassino. Se quer saber, já pensei naquele piloto...

— Bryan Eastley?

— Sim. Já conheci alguns do seu tipo. Eles se sentem desorientados neste mundo atual. Conheceram a morte e o perigo muito cedo, e agora acham tudo monótono. Monótono e insatisfatório. De certa forma, somos seus devedores, mas não sei como saldaremos essa dívida. E aí estão eles, com um belo passado e sem futuro. E são do tipo que não teme arriscar. O homem comum prefere as jogadas seguras, por instinto, mais por prudência do que por princípios morais. Mas esses caras não têm medo, as jogadas seguras não os atraem. Se Eastley estivesse metido com uma mulher e quisesse se livrar dela...

Bacon calou-se, ergueu as mãos para o alto e concluiu: — Mas por que ele ia querer matá-la? E por que iria escondê-la logo no sarcófago do sogro? Não, se quer saber a minha opinião, nenhum deles teve qualquer coisa a ver com o crime. Se tivessem, não fariam a bobagem de deixar o cadáver praticamente em sua própria porta.

Craddock concordou em que parecia pouco verossímil.

— Quer mais alguma coisa aqui?

— A resposta foi negativa.

Bacon sugeriu que os dois fossem tomar uma xícara de chá na delegacia, mas o Inspetor Craddock disse que pretendia visitar uma velha conhecida.

Capítulo 10



Sentada, muito empertigada, em meio a uma coleção de crianças e cachorrinhos de porcelana, Miss Marple sorriu com aprovação para Dermot Craddock.

— Estou muito satisfeita por terem-no designado para este caso — disse. — Torci muito para isso.

— Quando recebi sua carta — disse Craddock —, levei-a imediatamente ao subcomissário. Acontece que ele acabara de receber o pedido de auxílio da polícia de Brackhampton: achavam que o crime não era um assunto local. O

subcomissário ficou muito interessado no que lhe contei sobre a senhora. Parece que ele já ouvira meu tio mencionar o seu nome.

— O querido Sir Henry — murmurou carinhosamente Miss Marple.

— Tive de contar com detalhes o caso de Little Paddocks. Quer saber o que o subcomissário disse depois?

— Quero, sim, se não for indiscrição.

— Ele disse: “Bem, isso parecia ser apenas uma história completamente fantástica inventada por duas velhas senhoras, mas como, contra todas as probabilidades, elas provaram ter a razão, e como você já conhece uma delas, vou designá-lo para este caso”. E aqui estou eu! E agora, querida Miss Marple, qual deve ser o meu próximo passo? Esta não é uma visita oficial, como deve estar

percebendo. Vim desacompanhado, achei que podíamos ter uma conversinha confidencial.

Miss Marple sorriu para ele.

— Estou certa de que quem o conhece profissionalmente não é capaz de adivinha que você possa ser tão humano, tão atraente. Ora, não precisa corar.

Agora diga-me exatamente o que sabe sobre o caso.

— Acho que já sei de tudo: o depoimento de sua amiga, Miss McGillicuddy, para a polícia de St. Mary Mead, a confirmação de suas declarações pelo chefe da estação de Brackhampton. O pessoal da ferrovia e da polícia fez as investigações cabíveis no caso, mas não há dúvida de que a senhorita passou a perna em todos eles por algum fenomenal método de adivinhação.

— Não foi adivinhação — disse Miss Marple —, e eu levava uma grande vantagem sobre eles: eu conhecia Elspeth McGillicuddy. Não havia nada que confirmasse a sua história, e, como nenhuma mulher fora dada como desaparecida, era natural que julgassem que tudo não passava de imaginação. É comum as pessoas imaginarem coisas, mas este não é o caso de Elspeth McGillicuddy.

— Não é o caso de Elspeth McGillicuddy — repetiu o inspetor. — Sabe, estou ansioso para conhecê-la. Por falar nisso, estamos tomando providências para que ela possa prestar depoimento lá mesmo no Ceilão.

— Meu processo de raciocínio não foi muito original — disse Miss Marple. — Aprendi-o lendo Mark Twain, naquela história do menino que procurava um cavalo. Ele imaginou aonde iria se fosse um cavalo, foi até lá e encontrou o animal.

— A senhorita imaginou o que faria se fosse um assassino frio e cruel? — perguntou Craddock, olhando pensativamente para a frágil e rosada velhinha. — Realmente, esta sua mente é...

— Um verdadeiro sorvedouro, costumava dizer meu sobrinho Raymond. Mas eu retrucava que as pias também o são e não deixam de ser muito úteis e higiênicas.

— Será que a senhorita poderia ir um pouco mais longe, colocar-se na pele do assassino, e dizer-me onde ele está?

Miss Marple suspirou.

— Gostaria, mas não tenho a mínima ideia. Entretanto, ele deve ser alguém que já morou em Rutherford Hall ou que conhece bem a propriedade.

— Estou de acordo. Mas isso abre um campo muito amplo: uma longa série de diaristas que já trabalharam lá, a Associação Feminina, os guardas antiaéreos, toda essa gente conhece o celeiro velho, o sarcófago e o local onde era guardada a chave. A propriedade poderia escolhe-la para seus propósitos sinistros.

— É verdade. Compreendo as suas dificuldades.

— Porém nunca chegaremos a lugar nenhum se não identificarmos o cadáver — disse Craddock.

— E acha que isso também será difícil?

— Oh, acabaremos por chegar lá. Estamos averiguando as notificações de desaparecimento de mulheres do mesmo aspecto e idade que a morta, mas nenhuma parece ajustar-se a todas as suas características. O médico-legista acredita que ela tinha uns trinta e cinco anos, era saudável, provavelmente casada e concebera pelo menos um filho. O casaco de pele é barato e foi comprado em Londres. Nos últimos três meses foram vendidas centenas de casacos semelhantes, uns sessenta por cento dos quais a mulheres louras. Nenhuma vendedora foi capaz de reconhecer a fotografia da morta, nem há probabilidades disso se a compra foi feita pouco antes do Natal. As roupas dela eram estrangeiras, compradas na maioria em Paris. Não há marcas inglesas de lavanderia. Comunicamo-nos com Paris e eles estão investigando por lá. Mais cedo ou mais tarde alguém dará parte de alguma hóspede ou parente desaparecida. É questão de tempo.

— O estojo de pó-de-arroz não ajudou em nada?

— Infelizmente, não. É de um tipo que se vende às centenas na Rue de Rivoli, bem barato. Por falar nisso, a senhorita deveria tê-lo entregue logo à polícia, ou melhor, Miss Lucy Eyelesbarrow devia tê-lo feito.

Miss Marple abanou a cabeça numa negativa.

— Na ocasião não havia provas de que um crime fora cometido — redarguiu a velhinha. — Só porque uma jovem praticando o seu golfe encontra um estojo de pó-de-arroz sem qualquer valor

especial no meio da grama, ela não vai sair correndo para o posto policial mais próximo, não é verdade?

Miss Marple fez uma pausa e acrescentou com firmeza: — Achei muito sensato encontrar o cadáver primeiro.

O Inspetor Craddock sorriu, delicado.

— A senhorita não tinha dúvidas de que ele seria encontrado, não é?

— Nenhuma, Lucy Eyelesbarrow é uma pessoa extremamente eficiente e inteligente.

— E como! Aquela tremenda eficiência me apavora! Nenhum homem ousará se casar com ela.

— Está aí, eu não diria isso. Mas teria de ser um tipo especial de homem, sem dúvida — disse Miss Marple, pensativa. — Como é que ela vai indo lá em Rutherford Hall?

— Pelo que pude observar, eles dependem totalmente dela. Comem em suas mãos, literalmente. Por falar nisso, eles nada sabem de sua ligação com ela.

Estamos mantendo isso em segredo.

— Ela não tem mais nenhum elo comigo. Já fez o que lhe pedi para fazer.

— Então ela pode demitir-se do emprego, se desejar?

— Certamente.

— Mas ficou. Por quê?

— Ela ainda não me deu suas razões. Mas é uma mulher muito inteligente.

Suspeito que esteja interessada.

— No problema ou na família?

— Talvez seja difícil separar as duas coisas — retrucou Miss Marple.

Craddock dirigiu-lhe um olhar penetrante.

— A senhorita está escondendo alguma coisa?

— Oh, não. Deus meu, não!

— Pois eu acho que está.

Miss Marple sacudiu a cabeça numa negativa.

Dermot Craddock suspirou.

— Então, a única coisa que posso fazer é prosseguir nas investigações. A vida de um policial é mesmo maçante!

— Você chegará a uma solução, tenho certeza.

— Tem algum palpite? Mais alguma de suas inspirações?

— Estava pensando numa companhia teatral — respondeu de forma um tanto vaga Miss Marple. — Viagens contínuas, poucos laços familiares... Uma atriz secundária não faria muita falta...

— É, talvez valha a pena investigar esse lado — retrucou Craddock, e acrescentou: — Por que está sorrindo?

— Estava pensando na cara de Elspeth McGillicuddy quando souber que encontramos o cadáver! — disse Miss Marple.

— Que coisa! — exclamou Miss McGillicuddy. — Mas que coisa! Palavras adequadas escapavam-lhe. Olhou o jovem amável e simpático que, depois de apresentar suas credenciais, lhe entregara as fotografias que agora examinava.

— É ela mesma! — disse. — Sim, é ela, pobrezinha. Bem, devo dizer que estou satisfeita por terem encontrado o seu cadáver. Ninguém acreditava no que eu dizia! Nem a polícia, nem o pessoal da ferrovia, nem ninguém mais. É muito aborrecido não nos darem crédito. Mas, de qualquer modo, ninguém pode dizer que não fiz tudo o que era possível.

O jovem emitiu alguns ruídos de simpatia e compreensão.

— Onde é mesmo que o cadáver foi encontrado?

— No celeiro de uma casa chamada Rutherford Hall, nos subúrbios de Brackhampton.

— Nunca ouvi falar nela. Mas como será que o corpo foi parar lá?

O jovem não deu resposta.

— Jane Marple encontrou-o, suponho. Ela é mestra nessas coisas.

— O cadáver foi encontrado por Miss Lucy Eyelesbarrow — informou-a o rapaz, depois de consultar suas anotações.

— Nunca ouvi falar nela também — disse Mrs. McGillicuddy. — E ainda acho que Jane Marple teve alguma coisa a ver com isso.

— De qualquer forma, Miss McGillicuddy, a senhora não tem dúvidas em identificar a pessoa dessa fotografia como a mulher que viu no trem?

— A que foi estrangulada por um homem? Não, nenhuma.

— Pode descrever esse homem?

— Ele era alto — disse Mrs. McGillicuddy.

— Sim?

— E moreno.

— Sim?

— É só o que posso dizer — disse ela. — Ele estava de costas para mim. Não vi o seu rosto.

— Poderia reconhecê-lo, se o tornasse a ver?

— Claro que não! Ele estava de costas, não vi o seu rosto.

— Tem alguma ideia da idade desse homem?

Mrs. McGillicuddy refletiu.

— Não, não tenho... Quero dizer, não sei... Estou quase certa que ele não era muito jovem pelo jeito dos seus ombros...

Decididos, compreende?

O jovem fez um gesto de assentimento.

— Acho que devia ter mais de trinta anos, é só o que posso dizer. Eu não estava realmente olhando para ele, sabe? Fiquei olhando para ela, para as mãos em torno do seu pescoço, para o seu rosto, já roxo... Sabe, algumas vezes ainda sonho com isso.

— Deve ter sido uma experiência angustiante — retrucou o jovem com compreensão, e acrescentou, fechando o caderno de notas: — Quando é que a senhora pretende voltar à Inglaterra?

— Só daqui a três semanas. Minha presença lá não é necessária, é?

Ele tranquilizou-a rapidamente:

— Oh, não. Não há nada que a senhora possa fazer no momento. Naturalmente, se prendermos alguém...

Ele deixou a frase no ar.

O correio da tarde trouxe uma carta de Miss Marple para a sua amiga. A caligrafia era pontiaguda, obscura e muito sublinhada. Miss Marple fizera um relatório completo, que a amiga devorou palavra por palavra, com grande satisfação.

Ela e Jane tinham mostrado a eles!

Capítulo 11



— Simplesmente não consigo entendê-la — disse Cedric Crackenthorpe.

Ele deixou-se escorregar do muro baixo do chiqueiro onde estivera sentado fitando Lucy Eyelesbarrow.

— O que é que não consegue entender?

— O que você está fazendo aqui.

— Estou ganhando a minha vida.

— Como faxineira? — disse ele, num tom depreciativo.

— Você está muito atrasado — retrucou Lucy. — Faxineira coisa nenhuma!

Sou uma ajudante doméstica, uma faz-tudo profissional, a resposta a uma prece, principalmente o último item.

— Você não pode gostar de fazer tudo isso que tem de fazer — cozinhar e fazer camas, passar o aspirador e meter a mão em água gordurosa.

Lucy riu. — Talvez alguns detalhes não me agradem muito, mas cozinhar satisfaz meus instintos criativos, e adoro pôr em ordem uma boa bagunça.

— Pois eu vivo em meio a uma bagunça permanente — disse Cedric, e acrescentou com ar de desafio: — e gosto disso.

— Pelo seu jeitão, creio que gosta mesmo.

— No meu chalé em Ibiza tudo é simples e funcional. Tenho três pratos, duas xícaras, uma cama, uma mesa e duas cadeiras. Em

toda parte há pó, manchas de tinta e fragmentos de pedra — também sou escultor —, e ninguém tem permissão para mexer em nada. Não quero mulheres por lá.

— Em hipótese alguma?

— Por que pergunta?

— Eu suponha que um homem com o seu temperamento artístico devia ter alguma espécie de vida amorosa.

— Minha vida amorosa, como você diz, é assunto particular — retrucou Cedric com dignidade. — O que não tolero é a presença de mulheres autoritárias com mania de limpeza!

— Eu bem que gostaria de dar uma boa arrumação no seu chalé — disse Lucy. — Seria um desafio.

— Pois você não terá esse gostinho.

— É uma pena.

Alguns tijolos caíram do muro. Cedric virou a cabeça e olhou para dentro do chiqueiro invadido pelas urtigas.

— Eu costumava vir aqui ver a velha Madge — disse ele. — Lembro-me bem dela. Era uma porca com temperamento muito pacífico, e mãe extremosa. Na última ninhada teve dezessete leitões. Costumávamos coçar as costas dela com uma vara. Ela adorava.

— Por que deixaram isso ficar nesse estado? Não pode ter sido apenas por causa da guerra.

— Suponho que gostaria de dar um jeito nisso tudo, não? Você é um bocado intrometida, hem? Agora estou vendo por que descobriu aquele cadáver.

Não pode deixar em paz um pobre sarcófago romano. — Cedric fez uma pausa e acrescentou: — Não, não foi apenas a guerra a causa desse abandono. É meu pai.

E, por falar nisso, o que acha dele?

— Não tive muito tempo para formar uma opinião.

— Não fuja da questão. Ele é mesquinho, e creio que meio maluco também.

Detesta-nos a todos, com exceção de Emma, talvez. Provavelmente por causa do testamento do meu avô.

Lucy olhou-o com curiosidade.

— Meu avô foi quem juntou toda a grana, com os crocantes, os petiscos e os tostados. Crackenthorpe, uma série de gulodices para a hora do chá. Sendo um homem de visão, iniciou muito cedo na linha de pãezinhos de queijo e canapés, de forma que agora ainda faturamos fornecendo bufês. Mas a sensibilidade de meu pai estava acima de coisas tão materiais, e ele decidiu dedicar-se à arte para passar o tempo viajando pela Itália, Grécia e Bálcãs. Meu avô ficou furioso, concluiu que papai não tinha jeito para negócios nem gosto artístico (e tinha razão nos dois pontos) e deixou o dinheiro para os netos. Meu pai teria direito aos rendimentos enquanto vivesse, mas não poderia tocar no capital.

Sabe o que ele fez? Parou de gastar dinheiro. Veio morar aqui e começou a economizar. Creio que a esta altura ele já acumulou uma fortuna tão grande quanto a que meu avô deixou. Enquanto isso, nós todos, Harold, eu, Alfred e Emma, nunca vimos nem um centavo do dinheiro de vovô. Sou um pintor completamente falido. Harold, o único que herdou o dom de fazer dinheiro, tem hoje uma bela posição, embora eu tenha ouvido rumores de que está em dificuldades. Quanto a Alfred... Bem, Alfred é conhecido na intimidade como "O Raio"...

— Por quê?

— Você é curiosa, hem? Alfred é a ovelha negra da família. Nunca chegou a ser preso, mas escapou por pouco. Esteve no Ministério de Abastecimento durante a guerra e teve de demitir-se abruptamente em circunstâncias suspeitas.

Depois meteu-se numa encrenca com a venda de ovos e enlatados... nada em grande escala, apenas umas transaçõezinhas suspeitas.

— Não acha imprudente falar disso a estranhos?

— Por quê? Por acaso você é espiã da polícia?

— Quem sabe?

— Acho que não é, não. Você já estava aqui dando duro antes que a polícia se interessasse por nós. Eu diria...

Ele deixou a frase no ar ao ver Emma aparecer no portão da horta.

— Olá, Emma. Você está com uma cara muito preocupada.

— Estou mesmo. Quero falar com você, Cedric.

— Preciso entrar agora — disse Lucy diplomaticamente.

— Não vá — retrucou Cedric. — O assassinato transformou-a praticamente num membro da família.

— Tenho muito o que fazer — disse Lucy. — Vim apenas pegar um pouco de salsa.

E retirou-se. Os olhos de Cedric seguiram-na através da horta.

— Ela é uma mulher atraente — disse. — Quem é ela, realmente?

— Oh, ela é bem conhecida em seu meio profissional — disse Emma. — Especializou-se nesse tipo de trabalho. Mas não vamos falar de Lucy Eyelesbarrow, Cedric. Estou terrivelmente preocupada. Parece que a polícia acha que a morta era estrangeira, provavelmente francesa. Cedric, não acha que ela poderia ser... Martine?

Por alguns instantes, Cedric olhou-a como se não tivesse compreendido.

— Martine? Mas quem diabos é... Oh, você se refere a Martine...

— Sim... Você acha que...

— Mas por que diabos ela havia de ser Martine?

— Pense bem, aquele telegrama dela foi muito estranho, e chegou mais ou menos na mesma época. Não acha que talvez ela tenha vindo até aqui e...

— Tolicice. O que Martine iria fazer naquele celeiro velho? Parece-me totalmente improvável.

— Não acha que eu deveria falar com o Inspetor Bacon ou com o outro?

— Falar o quê?

— Bem... sobre Martine. Sobre a carta.

— Ora, não comece a complicar as coisas, irmã. Não vejo necessidade de revelar coisas irrelevantes que nada têm a ver com o caso. Aquela carta da tal Martine nunca me convenceu, por falar nisso.

— Pois me pareceu sincera.

— Você sempre foi muito ingênua, mana. Aconselho-a a ficar quietinha, com a boca bem fechada. Deixe à polícia o trabalho de

identificar o cadáver.

Aposto que Harold seria da mesma opinião.

— Ah, eu sei disso. E Alfred também. Mas estou preocupada, Cedric, estou muito preocupada. Não sei o que devo fazer.

— Não faça nada — aconselhou Cedric prontamente. — Fique de boca fechada, Emma. Evite as confusões, este sempre foi o meu lema.

Emma Crackenthorpe suspirou e voltou intranquila para casa.

Ao chegar à alameda, viu o Dr. Quimper dirigindo-se para o seu velho Austin. Quando a viu, ele parou e seguiu em sua direção.

— Bem, Emma — disse —, seu pai está em boa forma. O crime fez-lhe bem, deu-lhe interessa pela vida. Vou recomendá-lo a meus outros pacientes.

Emma deu um sorriso mecânico. Como de hábito, o Dr. Quimper notou-lhe a reação.

— Há algum problema? — perguntou.

Emma ergueu os olhos para o médico. Estava acostumada a contar com a sua simpatia e gentileza. Ele tornara-se um amigo em quem podia confiar, não apenas um médico. Sua rudeza intencional não a iludia. Percebia bondade oculta por trás dessa fachada.

— Sim, estou preocupada — admitiu.

— Gostaria de me contar o que está havendo? Se não quiser, não diga nada.

— Gostaria, sim. Você já conhece parte do problema. A questão é que não sei o que devo fazer.

— O seu bom senso geralmente é inatacável. Mas o que há?

— Lembra-se quando lhe falei sobre o meu irmão que morreu na guerra?

Talvez já tenha se esquecido.

— Refere-se ao fato de ele ter se casado, ou ter querido se casar, com uma francesa? É isso?

— Sim. Logo depois que recebi aquela carta ele foi morto. Nunca mais tivemos notícias dessa moça. Tudo o que sabíamos a seu respeito, na verdade, era o nome de batismo. Sempre esperamos que ela escrevesse ou aparecesse, mas isso nunca aconteceu. Não soubemos de mais nada... até um mês atrás, pouco antes do Natal.

— Eu me lembro. Vocês receberam uma carta, não foi?

— Isso mesmo. Na carta, ela dizia que estava na Inglaterra e gostaria de nos ver. Estava tudo combinado, mas na última hora ela mandou um telegrama dizendo que fora chamada à França inesperadamente.

— E daí?

— A polícia acha que a mulher assassinada... era francesa.

— Eles acham, é? A mim pareceu mais uma inglesa, mas isso é difícil de dizer. Então, o que está preocupando é a ideia de que essa mulher possa ser a esposa de seu irmão?

— É.

— Acho muito pouco provável — disse o Dr. Quimper, e acrescentou: — Mas, mesmo assim, compreendo como se sente.

— Eu estava me perguntando se o meu dever não seria contar tudo isso à polícia. Cedric e os outros não julgam necessário. O que acha?

— Hum... — fez o Dr. Quimper, os lábios apertados. Durante alguns instantes ele ficou em silêncio, refletindo, e então, quase contra a vontade, disse: — Seria bem mais simples não dizer nada. Compreendo a reação de seus irmãos. Mas mesmo assim...

— Sim?

Quimper fitou-a com um brilho de afeição no olhar.

— Eu iria em frente e contaria tudo — disse ele. — Você vai continuar preocupada se não o fizer. Conheço-a bem.

Um leve rubor coloriu as faces de Emma.

— Talvez seja uma bobagem minha.

— Faça o que está com vontade de fazer, minha querida, e mande o resto da família para o inferno. Ficarei a seu lado em qualquer situação.

Capítulo 12



— Ei, moça! Você aí, moça! Venha cá!

Lucy virou a cabeça, surpresa. De trás de uma porta, o velho Crackenthorpe lhe acenava vigorosamente.

— Quer falar comigo, Mr. Crackenthorpe?

— Não fale tanto! Venha até aqui.

Lucy obedeceu a seu gesto imperativo. O velho segurou-a pelo braço, puxou-a para dentro do quarto e fechou a porta.

— Quero lhe mostrar uma coisa — disse.

Lucy olhou em torno. Estavam num pequeno compartimento mobiliado como um gabinete de leitura, e que evidentemente há muito tempo não era utilizado. Pilhas de papéis empoeirados enchiam a mesa e teias de aranha decoravam o teto. O ar cheirava a mofo e umidade.

— O senhor quer que eu faça uma limpeza aqui? — perguntou ela.

— Não, nada disso. Conservo este quarto fechado à chave. Emma gostaria de meter o bedelho aqui, mas não deixo. Este quarto é meu. Está vendo essas pedras? São exemplares geológicos.

Lucy examinou a coleção de uns doze ou catorze fragmentos de rocha, alguns polidos e outros não.

— Lindos — ela comentou amavelmente. — Muito interessantes.

— Você tem razão, eles são mesmo interessantes. Você é uma moça inteligente. Eu não as mostro para qualquer um, não. Olhe, vou lhe mostrar outras coisas.

— É muita bondade sua, mas realmente preciso continuar o meu serviço.

Com seis pessoas em casa...

— Eles estão querendo me deixar na miséria comendo do jeito que comem!

É só o que fazem quando vêm aqui: comer! E não se oferecem para pagar as despesas, de modo algum! São uns sanguessugas! Estão esperando que eu morra! Pois bem, não vou morrer tão cedo — não para satisfazê-los! Sou mais forte do que pensam, até mesmo do que Emma pensa.

— Estou certa de que é.

— E nem sou tão velho assim também. Emma pensa que sou um velho, trata-me como se fosse um ancião. Mas você não me acha velho, acha?

— Claro que não — disse Lucy.

— Moça de juízo. Veja só isso.

Ele indicou um desenho grande e desbotado pendurado na parede. Lucy viu que era uma árvore genealógica com algumas anotações tão minúsculas que seria preciso o uso de uma lente para decifrá-las. Os nomes dos ancestrais remotos, entretanto, estavam escritos em graúdas e orgulhosas maiúsculas, encimados por coroas.

— Descendo de reis — disse Crackenthorpe. — Esta é a árvore genealógica da família de minha mãe. Meu pai era um simples plebeu, um homenzinho vulgar!

Não gostava de mim. Sempre fui superior a ele. Puxei ao lado de mamãe. Tenho uma sensibilidade natural para a arte e para a escultura clássica... o velho não entendia isso. Não me lembro de minha mãe, ela morreu quando eu tinha dois anos. Era a última de sua família. Eles estavam arruinados e ela casou-se com meu pai. Mas veja isso: Eduardo, o Confessor, Ethereld, o Despreparado — o grupo todo. Isso foi antes de os normandos chegarem. Antes dos normandos, note bem. É alguma coisa, não é?

— Sem dúvida.

— Agora vou lhe mostrar outra coisa.

Ele guiou-a até um móvel imenso, de carvalho escuro. Lucy estava desagradavelmente consciente da força com que os dedos dele agarravam o seu braço. Certamente, naquela manhã, nada nele sugeria debilidade.

— Está vendo isso? Era de Lushington, a propriedade da família de mamãe.

É elisabetano. São precisos quatro homens para tirá-lo do lugar. Você não sabe o que eu guardo aí dentro, sabe? Quer que eu lhe mostre?

— Por favor — respondeu cortesmente Lucy.

— Você é curiosa, não? Todas as mulheres o são.

Ele tirou do bolso uma chave e abriu uma porta embaixo. Do interior do móvel tirou uma caixa de metal de aspecto surpreendentemente novo, e abriu-a com uma outra chave.

— Dê uma olhada, minha querida. Sabe o que é isso?

Ele apanhou um pequeno cilindro envolto em papel e desfez o invólucro de um dos lados. Várias moedas de ouro rolaram-lhe na mão.

— Olhe-as, minha cara. Olhe-as, toque-as, segure-as! Sabe o que são?

Aposto que não sabe, é jovem demais para isso. Pois é ouro, são soberanos de ouro. Era isso que usávamos antes que esses imundos pedaços de papel se tornassem comuns. Vale muito mais do que esse dinheiro de hoje. Juntei-os há muito tempo. Tenho outras coisas nesta caixa, também. Um bocado de coisas valiosas. Preparei-me para o futuro. Emma não sabe, ninguém sabe. Este é o nosso segredo, moça. Sabe por que estou lhe contando tudo isso?

— Não.

— Porque não quero que pense que sou um velho exaurido e doente.

Tenho muita vida ainda nesta carcaça. Minha esposa morreu há muito tempo.

Vivia reclamando de tudo. Não gostou dos nomes que dei aos nossos filhos, bons nomes saxões. Não se interessava por sua

árvore genealógica. Nunca lhe dei atenção, ela era uma criatura fraca, cedia sempre. Já você é uma potranca vigorosa, uma bela potranca, na verdade. Deixe-me dar-lhe um conselho. Não desperdice a sua vida comum com um homem jovem, são todos uns tolos. Você deve cuidar do seu futuro. Espere.

Seu dedos pressionaram o braço de Lucy e ele chegou a boca mais perto do ouvido dela.

— Espere. Não direi nada por enquanto. Aqueles todos pensam que vou morrer logo. Mas não vou, não. Não me surpreenderia se sobrevivesse a todos eles. E então veremos! Ah, sim, veremos! Harold não tem filhos. Cedric e Alfred não se casaram. Emma... Emma não se casará mais agora. Ela tem uma queda por Quimper, mas Quimper nunca pensará em casar-se com ela. Resta Alexander, sem dúvida. Sim, resta Alexander. Mas, sabe, eu gosto de Alexander. Sim, é uma pena. Gosto de Alexander.

Ele calou-se um momento, franziu a testa e então disse:

— Bem, moça, o que acha disso? O que acha disso, hem?

— Miss Eyelesbarrow...

A voz de Emma soou muito fraca através da porta fechada do gabinete.

Agradecida, Lucy agarrou a oportunidade.

— Miss Crackenthorpe está me chamando. Preciso ir. Muito obrigada por ter me mostrado tudo isso.

— Não se esqueça... É o nosso segredo...

— Não esquecerei — disse Lucy saindo apressada, sem saber ao certo se acabara de receber uma proposta de casamento.

Dermot Craddock estava sentado diante da escrivaninha, em sua sala da New Scotland Yard. Inclinará o tronco para o lado, numa posição confortável, e falava ao telefone, que segurava com um cotovelo apoiado na mesa. Conversava em francês, língua que dominava com certa fluência.

— É apenas uma ideia, compreenda — disse.

— Mas é uma boa ideia — retrucou a voz na outra extremidade do fio, na prefeitura de Paris. — As investigações já foram iniciadas, e meu auxiliar informou-me de que está seguindo algumas pistas promissoras. A menos que tenham uma amante ou alguma vida

particular, essas mulheres desaparecem facilmente de circulação, e ninguém se incomoda com elas. Às vezes saem em *tournée* ou estão com algum novo amiguinho, e ninguém tem nada a ver com isso. É uma pena que a fotografia que nos enviou seja tão difícil de identificar. Um estrangulamento não melhora a aparência de ninguém, não é verdade? Mas isso não tem remédio.

Agora vou verificar os últimos relatórios de meus subordinados sobre o assunto.

Talvez tragam alguma novidade. *Au revoir, mon cher.*

Enquanto Craddock se despedia também cortesmente, alguém colocou um bilhete sobre a sua mesa. Ele leu:

“Miss Emma Crackenthorpe deseja falar com o Inspetor-Detetive Craddock sobre o caso de Rutherford Hall”.

O inspetor desligou o telefone e virou-se para o policial:

— Faça entrar Miss Crackenthorpe.

Enquanto esperava, ele recostou-se em sua cadeira. “Eu não me enganava”, pensou, “ela sabia de alguma coisa, talvez não muito importante, mas sabia”. E decidira lhe contar.

Quando ela entrou, ele levantou-se, apertou-lhe a mão, fé-la sentar-se e ofereceu-lhe um cigarro, que ela recusou. Fez-se um pequeno silêncio. Ela estava tentando encontrar as palavras apropriadas para dizer o que a trouxera ali. Ele inclinou-se para ela.

— Veio me dizer alguma coisa, não foi? Posso ajudá-la? A senhorita tem andado preocupada, não é? Talvez seja alguma coisinha que acha que certamente nada tem a ver com o caso, mas que não pode ser ignorada, algo que se relaciona com a identidade da morta? Acha que talvez saiba quem ela era?

— Não, não é bem isso. Na verdade acho que é muito improvável, mas...

— Mas sempre existe uma possibilidade, e isso a está preocupando. É melhor me contar tudo. Talvez eu possa tranquilizá-la.

Emma ainda hesitou alguns momentos antes de falar. Mas afinal disse: — O senhor conhece três dos meus irmãos, mas eu tive um outro, Edmund, que morreu na guerra. Pouco antes de morrer, ele me escreveu uma carta da França.

Ela abriu a bolsa, tirou uma velha carta amarelada e leu:

— “Espero que isto não seja um choque para você, Emma. Vou me casar com uma moça francesa. Tudo aconteceu muito depressa, mas sei que gostará de Martine e tomará conta dela se algo me acontecer. Contarei todos os detalhes na próxima carta, quando já serei um homem casado. Dê a notícia ao velho com jeitinho, certo? Provavelmente ele ficará furioso”.

O Inspetor Craddock estendeu a mão. Emma hesitou, mas entregou-lhe o papel e continuou falando:

— Dois dias depois recebemos um telegrama dizendo que Edmund estava desaparecido e provavelmente morrera em ação. Mais tarde recebemos uma confirmação. Isso foi pouco antes de Dunkerque, numa época caótica. Nos registros do exército não consta o seu casamento, mas, como já disse, a época era um caos. Nunca tivemos nenhuma notícia da moça. Depois da guerra tentei fazer algumas investigações, mas dela eu sabia apenas o nome de batismo.

Aquela parte da França fora ocupada pelos alemães, e era quase impossível descobrir alguma coisa sem saber o sobrenome da moça ou detalhes de sua vida.

Por fim, concluí que o casamento não chegara a se realizar e que provavelmente a moça se casara com outro homem antes que a guerra terminasse, ou que talvez tivesse morrido.

O Inspetor Craddock assentiu, e Emma continuou:

— Imagine a minha surpresa quando há cerca de um mês recebi uma carta assinada *Martine Crackenthorpe*.

— Trouxe-a também?

Emma tirou a carta da bolsa e entregou-a ao inspetor, Craddock leu-a com interesse. Fora escrita num caligrafia inclinada, de uma pessoa culta.

"Cara senhorita:

Espero que esta carta não lhe cause um choque. Não sei se o seu irmão Edmund chegou a lhe comunicar o nosso casamento. Ele me disse que iria escrever, mas foi morto poucos dias depois da cerimônia, quando os alemães ocuparam a nossa aldeia. Quando a guerra terminou, resolvi não procurá-la nem escrever, embora

Edmund tenha me aconselhado o contrário. Agora, entretanto, as coisas mudaram. Estou lhe escrevendo esta carta para o bem do meu filho. Ele também é filho do seu irmão, e não posso mais dar-lhe as vantagens e a educação que deveria ter. Pretendo ir à Inglaterra no início da próxima semana.

Gostaria de saber se posso procurá-la. Escreva para Elvers Crescent, 126, Caixa 10. Novamente faço votos que esta carta não lhe tenha causado choque.

*Com respeito e afeição,
Martine Crackenthorpe.”*

Craddock permaneceu em silêncio alguns instantes, e releu cuidadosamente a carta antes de devolvê-la.

— O que fez quando recebeu essa carta, Miss Crackenthorpe?

— Na ocasião, Bryan Eastley, meu cunhado, estava lá em casa, e falei-lhe sobre o assunto. Também telefonei para meu irmão Harold e consultei-o. Ele mostrou-se cético e aconselhou-me muita cautela. Deveríamos, disse ele, investigar cuidadosamente as credenciais dessa mulher.

Emma fez uma pausa e prosseguiu:

— Seu conselho era muito sensato, e concordei com ele. Mas se essa mulher, essa tal Martine, fosse a mesma mulher a quem Edmund se referira em sua última carta, achei que devia recebê-la bem. Escrevi para o endereço que enviara na carta convidando-a para vir conhecer-nos em Rutherford Hall. Alguns dias depois recebi um telegrama de Londres: “Lamento muito. Forçada a voltar inesperadamente França. Martine”. Não tive mais nenhuma notícia dela.

— Quando aconteceu tudo isso?

— Foi pouco antes do Natal. Lembro-me porque pretendia convidá-la para passar o Natal conosco. Mas meu pai não quis nem ouvir falar nisso, e, assim, sugeri que ela viesse no fim de semana seguinte, quando a família ainda estaria reunida. Creio que o telegrama avisando que ela iria voltar para a França chegou alguns dias antes do Natal.

— E a senhorita acredita que a mulher encontrada no sarcófago possa ser essa Martine?

— Não, claro que não. Mas quando o senhor disse que provavelmente ela era estrangeira, eu não pude me impedir de pensar... que talvez...

A frase ficou incompleta.

Craddock tentou tranquilizá-la.

— A senhorita fez muito bem em me contar tudo isso. Vamos investigar o assunto. Acredito que é quase certo que a mulher que lhe escreveu voltou realmente para a França e está viva e gozando de boa saúde. Por outro lado, existe uma certa coincidência de datas, como a senhorita mesma muito sagazmente percebeu. Como foi dito no inquérito, segundo o testemunho do médico-legista, a morte da mulher deve ter ocorrido há umas três ou quatro semanas. Mas não se preocupe, Miss Crackenthorpe. Deixe isso conosco — disse ele, e acrescentou em tom casual: — A senhorita disse que consultou Harold Crackenthorpe. E quanto a seu pai e seus outros irmãos?

— Tive de contar a papai, naturalmente. Ele ficou muito excitado — ela disse com um leve sorriso. — Estava convencido de que tudo era uma falsa para arrancar dinheiro dele. Meu pai fica agitadíssimo quando se toca em dinheiro. Ele acredita ou finge acreditar que é um homem paupérrimo que precisa economizar todos os seus níqueis. Creio que é comum pessoas idosas ficarem às vezes com essa espécie de obsessão. Naturalmente, isso não é verdade. Ele tem uma boa renda, da qual não gasta nem a quarta parte, ou pelo menos não gastava antes de os impostos subirem tanto. Sem dúvida, ele tem um bom pé-de-meia guardado em algum lugar.

Emma fez uma pausa e acrescentou:

— Falei com os meus dois outros irmãos também. Alfred pareceu encarar o assunto como uma piada, achou que quase certamente a mulher era impostora.

Cedric não se mostrou interessado, ele é um tanto egocêntrico. Afinal, resolvemos que deveríamos receber Martine, mas que o advogado da família teria de estar presente.

— O que Mr. Wimborne achou do assunto?

— Não chegamos a discutir o assunto com ele. Íamos consultá-lo quando recebemos o telegrama de Martine.

— Tomaram alguma outra providência?

— Escrevi para o endereço de Londres pedindo que remetessem a carta para Martine, mas não recebi nenhuma resposta.

— É uma história bem curiosa. Hum...

Ele lançou-lhe um olhar penetrante e perguntou:

— E qual é a *sua* opinião sobre o caso?

— Não sei o que pensar.

— Qual foi a sua reação na época? A senhorita achou que a carta era genuína ou concordou com seu pai e seus irmãos? E, por falar nisso, o que o seu cunhado achou do caso.

— Oh, Bryan achou que a carta era genuína.

— E a senhorita?

— Eu fiquei em dúvida.

— E quais seriam os seus sentimentos se essa mulher fosse realmente viúva de Edmund?

A expressão de Emma suavizou-se.

— Eu gostava muito de Edmund, ele era o meu irmão favorito. A carta pareceu-me ser exatamente o tipo de carta que uma mulher na situação de Martine escreveria. Sua história pareceu muito plausível. Quando a guerra terminou, ela provavelmente casou ou passou a viver com um homem que a protegia e a seu filho. Mais tarde esse homem morreu ou abandonou-a, e pareceu-lhe correto recorrer à família de Edmund, como ele próprio aconselhara.

A carta pareceu-me genuína e verossímil, mas Harold ressaltou que, se tivesse sido escrita por uma impostura, teria de ser alguém que conhecesse Martine e o seu passado, podendo assim conceber um texto plausível. Tive que admitir que ele tinha razão, mas mesmo assim...

Emma calou-se e Craddock sugeriu delicadamente:

— Teria preferido que fosse verdadeira, não é?

Ela lançou-lhe um olhar agradecido.

— Sim, eu queria que fosse verdade. Ficaria muito feliz se Edmund tivesse deixado um filho.

Craddock fez um gesto de assentimento.

— Como a senhorita já disse, a carta é bem verossímil. Estranhos são os acontecimentos seguintes: a partida abrupta de Martine Crackenthorpe para Paris e o fato de que nunca mais ouvira falar dela. A senhorita respondeu-lhe amavelmente propondo-se a acolhê-la em sua casa. Ora, mesmo que ela tenha tido que regressar à França, por que não tornou a escrever? Isto é, presumindo-se que não fosse uma impostora. Nesse caso, a explicação é bem mais fácil. Julguei que a senhorita tivesse consultado Mr. Wimborne e ele houvesse iniciado as investigações que alarmaram essa mulher, mas já me disse que não fez isso.

Entretanto, sempre há a possibilidade de que um dos seus irmãos tenha tomado essa iniciativa. É possível que essa impostora tivesse antecedentes que não resistissem a averiguações. Ela podia estar preparada para enfrentar uma irmã amorosa de Edmund, mas não frios e astutos homens de negócios. Talvez ela tivesse esperança de arrancar-lhe uma bela quantia para a educação do tal filho, que deveria agora ter uns quinze ou dezesseis anos, não? Em vez disso, descobriu que teria de enfrentar algo muito diferente. Afinal, suponho que o caso iria assumir sérios aspectos legais, não? Se Edmund Crackenthorpe deixou um filho legítimo, esse menino seria um dos herdeiros dos bens de seu pai.

Emma assentiu.

— E além disso, pelo que sei, herdaria Rutherford Hall e a propriedade, terrenos muito valiosos hoje em dia.

Ela pareceu surpresa.

— Ora, eu não tinha pensado nisso.

— Bem, em seu lugar, eu não me preocuparia — disse o Inspetor Craddock.

— Fez muito bem em contar-me tudo isso. Farei averiguações, mas parece-me pouco provável que não exista nenhuma ligação entre a mulher que lhe escreveu essa carta, que estava provavelmente tentando extorquir-lhe dinheiro, e a encontrada morta dentro do sarcófago.

Emma levantou-se, com um suspiro de alívio.

— Estou contente por ter lhe falado. O senhor foi muito bondoso.

Craddock acompanhou-a até a porta. Em seguida, chamou o Sargento-Detetive Wetherall.

— Bob, tenho um trabalho para você. Vá a Elvers Crescent, 126. Leve fotografias da mulher assassinada em Rutherford Hall. Veja o que pode descobrir sobre uma mulher que se intitulava Mrs. Martine Crackenthorpe. Ela morou lá ou ia lá buscar a sua correspondência, isso mais ou menos entre 15 de dezembro e o final do mês.

— Sim, senhor.

Craddock voltou-se para vários outros problemas que exigiam sua atenção. À tarde, foi ver um agente teatral, um velho conhecido. Suas investigações foram infrutíferas.

Ao voltar para o escritório, encontrou em cima da mesa um telegrama de Paris:

“Características enviadas podem ser de Anna Stravinska do Ballet Maritski. Oportuna a sua presença aqui. Dessin, Prefeitura”.

Craddock deixou escapar um grande suspiro de alívio e sua expressão desanuviou-se.

Finalmente! Aquilo era o fim de Martine Crackenthorpe, pensou. Resolveu atravessar o canal ainda aquela noite, rumo a Paris.

Capítulo 13



— Foi muita bondade sua convidar-me para este chá — disse Miss Marple a Emma Crackenthorpe.

Miss Marple tinha um ar particularmente frágil e doce, a imagem perfeita de uma inofensiva velhinha. Olhou em torno, sorrindo delicada para Harold Crackenthorpe, com seu bem-talhado terno escuro, para Alfred, que lhe ofereceu sanduíches com um sorriso encantador, e para Cedric, que em é junto à lareira, num surrado paletó de *tweed*, olhava carrancudo para o resto de sua família.

— Ficamos muito satisfeitos de que tivesse podido vir — retrucou Emma cortesmente.

Não restavam vestígios da cena que se desenrolara depois do almoço daquele dia, quando Emma exclamara:

— Minha nossa! Eu tinha quase esquecido; eu disse a Miss Eyelesbarrow que podia convidar sua velha tia para o chá de hoje à tarde!

— Protele — dissera Harold rudemente. — Ainda temos muito o que conversar. Não queremos estranho aqui.

— Ela que tome chá na cozinha ou em qualquer outro lugar com a sobrinha

— disse Alfred.

— Oh, não. Não posso fazer uma coisa dessas — retrucou Emma com firmeza. — Seria muito indelicado.

— Ora, deixe-a vir — disse Cedric. — Poderemos sondá-la um pouco sobre a sua maravilhosa Lucy. Gostaria de saber mais sobre essa moça. Não confio de todo nela. É esperta demais.

— Ela tem ótimas referências — disse Harold. — Eu as verifiquei. Queria me tranquilizar, achei que ela estava metendo o nariz onde não era chamada...

— Se ao menos soubéssemos quem era aquela maldita mulher... — tornou Alfred, e Harold acrescentou, encolerizado:

— Emma, você só podia estar fora de si quando sugeriu à polícia que a mulher assassinada podia ser a namorada francesa de Edmund. Agora eles devem estar convencidos de que ela veio até aqui e um de nós a matou.

— Oh, Harold. Não seja exagerado.

— Harold tem razão — acudiu Alfred. — Eu também não consigo entender o que lhe deu na cabeça. Ando com a sensação de que há sempre um policial à paisana seguindo-me aonde quer que eu vá.

— Eu disse que ela não fizesse isso — protestou Cedric.— Mas o Dr. Quimper resolveu incentivá-la.

— E o que é que ele tem a ver com isso? — interveio Harold, furioso. — Ele devia se ater às suas pílulas e à saúde pública.

— Ora, parem com essa discussão — atalhou Emma, aborrecida. — Ainda bem que esta velhinha, essa Miss Não-sei-o-quê, vem para o chá. Será ótimo termos uma pessoa estranha entre nós. Só assim vamos parar de falar nesse assunto. Preciso me arrumar um pouco.

Emma deixou a sala.

— Essa Lucy Eyelesbarrow... — começou Harold — como Cedric lembrou bem, é mesmo esquisito que ela tenha ido fuçar no celeiro e remexer naquele sarcófago, tarefa digna de um Hércules. Talvez devamos nos precaver. Achei a atitude dela no almoço muito agressiva.

— Deixa comigo — disse Alfred. — Logo descobrirei se ela está escondendo alguma coisa.

— E por que ela resolveu abrir o sarcófago?

— Talvez ela não seja Lucy Eyelesbarrow — sugeriu Cedric.

— Mas com que propósito ela... — Harold calou-se, transtornado. — Que diabo!

Eles entreolharam-se, preocupados.

— E essa velha caquética ainda tem que vir tomar chá aqui. Justamente quando precisávamos conversar!

— Voltaremos a falar no caso esta noite — disse Alfred. — Por ora vamos ver se conseguimos arrancar da velha algumas informações sobre Lucy.

E, assim, Lucy fora buscar Miss Marple e instalara-a confortavelmente junto à lareira, onde ela agora sorria para Alfred com a aprovação que sempre reservava para os homens bem-aparecidos.

— Muito obrigada — disse ela, aceitando um sanduíche. — Se me permite a pergunta, de que são?... Ah, ovo e sardinha, que delícia. Receio estar ficando muito gulosa, sabe? Quando a gente envelhece... Mas à noite faço uma refeição muito ligeira. Tenho de tomar cuidado, farei noventa anos no ano que vem.

— Oitenta e sete — corrigiu Lucy.

— Não, querida, noventa. Vocês, jovens, nem sempre sabem de tudo — disse Miss Marple com azedume, e voltou-se novamente para a sua anfitriã. — Que linda casa a sua. Tem tantas coisas bonitas... Aqueles bronzes me fazem lembrar umas peças que meu pai comprou na Exposição Internacional de Paris. Verdade?

Seu pai também? O estilo é clássico, não é? Lindo! Como deve ser agradável estarem todos os irmãos reunidos assim... É tão comum hoje em dia as famílias se dispersarem... Índia... suponho que isso agora acabou, não é? África... o clima deve ser horrível...

— Dois dos meus irmãos moram em Londres.

— Que ótimo para a senhorita.

— Mas meu irmão Cedric é pintor e mora em Ibiza, uma das ilhas Baleares.

— Os pintores costumavam ter predileção por ilhas, não é? — disse Miss Marple. — Veja Chopin e sua Maiorca... Ah, mas ele era músico... Era em Gauguin que eu estava pensando. Que vida mais triste e desperdiçada, não acha? Nunca consegui achar graça nos seus retratos de nativas, embora saiba que eles são muito apreciados. Eu realmente não gosto daquela desagradável cor de mostarda.

Parece-me que todas elas sofrem do fígado.

Ela olhou para Cedric com leve ar de desaprovação.

— Fale-nos sobre a infância de Lucy, Miss Marple — pediu Cedric. Ela sorriu para ele, encantada.

— Lucy sempre foi muito inteligente — disse ela. — Foi, sim, minha querida.

Ela era extraordinária em matemática. Ora, lembro-me uma vez, quando o açougueiro exagerou no preço de um pedaço de lagarto...

Miss Marple mergulhou num mar de reminiscências da infância de Lucy e dali passou a experiências de vida de aldeia. O fluxo das lembranças foi interrompido pela entrada de Bryan e dos garotos, sujos e suados em consequência de uma entusiástica expedição em busca de pistas. O chá estava sendo servido, quando chegou o Dr. Quimper. Depois de ser apresentado à velha dama, o médico olhou em torno e ergueu de leve as sobrancelhas.

— Espero que seu pai não esteja num dos seus maus dias, Emma.

— Oh, não. Ele só estava se sentindo um pouco cansado esta tarde.

— E provavelmente com pouca disposição para receber visitas — acrescentou Miss Marple com um sorriso malicioso. — Isso me faz lembrar o meu pai, que era um amor de pessoa. “A velharia toda vem aí, não é?”, ele costumava perguntar a minha mãe, e quando a resposta era positiva ele dizia: “Pois mande servir o meu chá no escritório”.

— Por favor, não pense que... — começou Emma, mas Cedric interveio:

— Quando os seus queridos filhos estão aqui, ele sempre toma chá no escritório. É psicologicamente explicável, não é, doutor?

O Dr. Quimper, que devorara um bolo e sanduíches com o prazer de quem em geral não tem muito tempo para dedicar às refeições, disse:

— Deixemos a psicologia aos psicólogos. O problema é que hoje em dia todos se julgam psicólogos amadores. Antes que eu abra a boca, meus pacientes vão logo diagnosticando todas as neuroses e complexos que os afligem.

Obrigado, Emma, aceitarei outra xícara. Não tive tempo de almoçar hoje.

— Acho que os médicos levam uma vida muito nobre e cheia de altruísmo

— disse Miss Marple.

— A senhorita não deve conhecer muitos médicos — retrucou o Dr. Quimper. — Fomos muitas vezes considerados sanguessugas, e não sem razão.

De qualquer forma, hoje em dia pelo menos recebemos nossos honorários, o Estado encarrega-se disso. Não precisamos mais enviar contas sem saber se serão pagas. O problema agora é que todos os nossos pacientes querem tirar tudo o que podem “do governo”, e, como resultado, se Mary tosse duas vezes numa mesma noite, ou se Edward comeu maçãs verdes, o médico tem de se despencar para ir vê-los de madrugada. Puxa, que bolo delicioso, Emma! Você é uma cozinheira fantástica.

— Esse não fui eu que fiz. Foi Miss Eyelesbarrow.

— Os seus não ficam atrás — disse Quimper lealmente.

— Quer dar uma olhadinha em papai?

Ela levantou-se seguida pelo médico. Miss Marple observou-os enquanto saíam da sala.

— Miss Crackenthorpe é uma filha muito dedicada, não? — disse ela.

— Não sei como é que ela consegue suportar o velho — comentou o franco Cedric.

— Aqui ela tem um lar confortável e papai lhe é muito afeiçoado — retorquiu Harold depressa.

— Emma está satisfeita — disse Cedric. — Nasceu para ser solteirona.

Um brilho malicioso apareceu nos olhos de Miss Marple, que replicou:

— Ah, o senhor acha mesmo?

Harold disse rapidamente:

— Meu irmão não empregou o termo solteirona com a conotação depreciativa, Miss Marple.

— Ah, eu não me ofendi — retrucou ela. — Apenas não estou certa de que ele tenha razão. Não creio que Miss Crackenthorpe esteja destinada a ser solteirona. Penso que é do tipo que se casa mais tarde, e é bem capaz de ser muito feliz no casamento.

— É muito pouco provável, se ela continuar vivendo aqui — disse Cedric. — Ela nunca vê ninguém que pudesse lhe interessar.

O brilho malicioso dos olhos de Miss Marple intensificou-se.

— Sempre há clérigos, e os médicos.

Seu olhar doce e travesso correu pelos três. Era evidente que o que ela insinuara nunca lhes passara pela cabeça antes, nem lhes era muito agradável.

Miss Marple levantou-se, deixando cair sua manta de lã e a bolsa. Os três irmãos acorreram prestimosamente para ajudá-la.

— Muito, muito obrigada — trauteou Miss Marple. — Ah, o meu cachecol azul. Foi muita bondade dos senhores convidarem-me. Eu tentava imaginar como era esta casa, sabem, para poder visualizar a minha Lucy trabalhando aqui.

— Um ambiente doméstico perfeito — disse Cedric —, com um assassinatozinho de bonificação.

— Cedric! — exclamou Harold, numa voz irada.

Miss Marple sorriu para Cedric. — Sabe quem o senhor me lembra? O jovem Thomas Eade, filho do gerente do nosso banco. Ele adorava chocar as pessoas, mas isso naturalmente não o recomendou nos meios bancários, e ele teve de ir para as Índias Ocidentais.

Voltou para casa quando o pai morreu e lhe deixou um bocado de dinheiro. Para ele foi uma sorte: tinha muito mais talento para gastar dinheiro do que para ganhá-lo.

Lucy levou Miss Marple para casa. Na volta, uma silhueta pulou da escuridão e colocou-se diante dos faróis do seu carro no instante em que ela ia entrar pelos fundos da propriedade. O vulto acenou e ela reconheceu Alfred Crackenthorpe.

— Aqui está muito melhor — observou ele ao entrar. — Brrr, está frio! Pensei que gostaria de uma boa caminhada revigorante, mas estava enganado. Levou a velha senhora para casa direitinho.

— Sim. Ela se divertiu bastante.

— Era visível. É engraçado como essas velhinhas gostam de gente, por mais maçantes que sejam, não é? E nada poderia ser mais maçante do que Rutherford Hall. Dois dias aqui me são mais do que suficientes. Como é que você pode aguentar isso aqui, Lucy? Posso tratá-la por você, não posso.

— Sem dúvida. Eu não acho isso aqui maçante. Naturalmente não é um emprego permanente.

— Estive observando-a, Lucy. Você é uma moça inteligente. Inteligente demais para desperdiçar os seus talentos varrendo e cozinhando.

— Obrigada. Mas prefiro esse tipo de trabalho do que serviço de escritório.

— Ora, eu também. Mas há outros meios de se ganhar a vida. Você podia ser *free-lancer*.

— E sou.

— Não dessa forma. Você deveria trabalhar para si mesma, jogar a sua inteligência contra...

— Contra o quê?

— Os poderes estabelecidos! Contra todos esses regulamentos e leis estúpidas que nos tolhem todo sai. Verá como é interessante descobrir que sempre existe uma maneira de burlá-los, se formos inteligentes para procurá-la. E você é muito esperta. Vamos, a ideia não a atrai?

— Pode ser.

Lucy entrou com o carro no estábulo, de marcha à ré.

— Não quer me dar uma resposta agora?

— Tenho que saber mais detalhes.

— Falando francamente, minha cara, eu poderia usá-la. Você possui uma qualidade valiosa: as pessoas confiam instintivamente em você.

— Quer que eu o ajude a vender barras de ouro falso?

— Não, nada tão arriscado assim. Só umas pequeninas contravenções, nada além disso — disse Alfred, e sua mão fechou-se sobre o braço de Lucy. —

Você é uma mulher extremamente atraente, Lucy. Gostaria de tê-la como sócia.

— Ficou muito lisonjeada.

— Isso quer dizer que a sua resposta é não? Você não sabe como é agradável passar a perna nos tolos. O problema é que é preciso capital.

— Receio não ter nenhum.

— Ora, não era uma indireta. Logo porei as mãos numa boa grana. Meu venerável pai não vai viver para sempre. Quando aquele velho mesquinho bater as botas, ficarei com uma bela quantia. O que acha de uma sociedade, Lucy?

— Que tipo de sociedade?

— Conjugal, se quiser. As mulheres costumam querer, por mais avançadas e liberais que sejam. Além disso, as esposas não podem testemunhar contra os maridos.

— Não está sendo muito lisonjeiro.

— Deixe disso, Lucy. Não percebeu que estou caído por você?

Surpresa, Lucy sentiu uma estranha fascinação. Alfred possuía um charme inegável, que talvez fosse puro magnetismo animal. Ela riu e livrou-se do seu braço.

— Isso não é hora para namoros. Tenho de pensar no jantar.

— É verdade, minha adorável cozinheira. O que teremos para comer?

— Espere e verá! Você é tão guloso quanto os garotos!

Entraram na casa e Lucy seguiu apressadamente para a cozinha. Dali a pouco teve a surpresa de ver sua tarefa interrompida por Harold Crackenthorpe.

— Miss Eyelesbarrow, posso lhe dar uma palavrinha?

— Não pode deixar para depois, Mr. Crackenthorpe? Estou um pouco atrasada.

— Naturalmente, naturalmente. Depois do jantar, então?

— Sim, está bem.

O jantar foi servido na hora estipulada e devidamente apreciado. Lucy terminou a lavagem dos pratos e, ao sair da cozinha, encontrou Harold Crackenthorpe no vestíbulo, à sua espera.

— Sim, Mr. Crackenthorpe?

— Vamos para a sala?

Ele abriu a porta da sala de estar, fez-lhe sinal para entrar e fechou a porta.

— Vou para Londres amanhã de manhã — explicou ele —, mas quero dizer-lhe que fiquei muito bem impressionado com a sua eficiência.

— Obrigada — disse Lucy, um pouco surpresa.

— Acho que está desperdiçando seus talentos aqui, desperdiçando-os totalmente.

— O senhor acha? Pois eu não.

“Pelo menos ele não pode me pedir em casamento”, pensou Lucy, “Já tem esposa.”

— Posso sugerir que, depois de nos ter ajudado tão delicadamente a transpor essa crise, a senhorita me procure em Londres? Telefone e marque uma entrevista, deixarei instruções com a minha secretária. A verdade é que podemos utilizar em nossa firma uma pessoa com a sua eficiência. Poderemos discutir mais tarde em que campo os seus talentos serão mais bem empregados. Posso lhe oferecer um ótimo salário, com um futuro brilhante. Creio que a minha proposta irá lhe agradar.

Ele sorriu, magnânimo.

— Obrigada, Mr. Crackenthorpe — respondeu Lucy recatadamente. — Pensarei no caso.

— Não espere muito. Uma jovem desejosa de progredir no mundo não deve perder uma oportunidade dessas.

Os dentes dele reluziram outra vez.

— Boa noite, Mr. Crackenthorpe. Durma bem.

“Bem, bem”, disse Lucy para si mesma. “Isto é muito interessante.”

Ao dirigir-se para o seu quarto, Lucy encontrou Cedric nas escadas.

— Escute aqui, Lucy. Preciso lhe perguntar uma coisa.

— Quer que eu me case com você e vá para Ibiza tomar conta do seu chalé?

Cedric desconcertou-se e pareceu mesmo alarmar-se.

— Nunca pensei em tal coisa.

— Desculpe. Eu me enganei.

— Eu só queria saber se há algum horário de trens aqui em casa.

— Só isso? Há, sim, na mesa do vestíbulo.

— Sabe — disse Cedric, num tom de reprovação — não devia achar que todo mundo quer casar com você. É uma moça atraente, mas não tanto assim.

Essa sua mania tem um nome, e tende a piorar, sabe? Na verdade você é a última moça do mundo com quem eu pensaria em me casar. A última.

— Verdade? Não está exagerando? — disse Lucy. — Mas talvez você me prefira no papel de madrasta.

— O quê? — replicou Cedric, olhando-a estupefato.

— Você ouviu — disse Lucy, e, entrando no seu quarto, fechou a porta.

Capítulo 14



Dermot Craddock confraternizava com Armand Dessin, da prefeitura de Paris. Os dois homens já haviam se encontrado em outras suas ocasiões e tinham se dado muito bem. Como Craddock falava francês com razoável fluência, a maior parte da conversação se desenrolava nessa língua.

— É apenas uma hipótese — ressaltou Dessin. — Veja este é um retrato do corpo de baile. Esta aqui é ela, a quarta a partir da esquerda. O rosto lhe diz alguma coisa.

O Inspetor Craddock retrucou que, para falar a verdade, não lhe dizia nada. Uma mulher estrangulada é difícil de identificar, e naquela fotografia todas as dançarinas usavam maquiagem pesada e um extravagante toucado de penas.

— Pode ser ela — disse. — Não posso ir mais longe. Quem era essa moça? O que sabe sobre ela?

— Quase nada — respondeu o outro, alegremente. — Ela não era importante, sabe? E esse Ballet Maritski também não é importante, exhibe-se em pequenos teatros e faz *tournées*. Não tem nomes conhecidos, nenhuma estrela, nenhuma bailarina famosa. Levá-lo-ei para ver a diretora, Mme Joliet.

Mme Joliet

Era uma francesa astuta, uma mulher de negócios com um olhar vivo, um pequeno bigode e boa quantidade de tecido adiposo.

— Não gosto de policiais! — Ela olhou-o de testa franzida, sem dissimular o descontentamento. — Eles sempre causam aborrecimentos.

— Não, não madame. A senhora não deve dizer uma coisa dessas — retrucou Dessin, um homem alto e magro, de expressão melancólica. — Quando foi que lhe causei algum aborrecimento?

— Quando aquela tolinha tomou ácido fênico — replicou prontamente Mme Joliet — só porque se apaixonara pelo *chef d'orchestre*, que tinha outras inclinações e não gostava de mulheres. O senhor fez um espalhafato por causa disso, o que foi muito mau para o meu lindo balé.

— Muito pelo contrario, a publicidade aumentou a bilheteria — disse Dessin.

— Mas isso foi há três anos, a senhora não devia guardar ressentimento. Agora, fale-me dessa jovem, Anna Stravinska

— Bem, o que quer saber?

— Ela era russa? — perguntou o Inspetor Craddock.

— Não, não era. Essas garotas todas inventam nomes assim. Ela não era importante, não dançava muito bem, nem era muito bonita. *Elle était assez bien, c'est tout*. Dançava razoavelmente, servia para o corpo de baile, mas não para solos.

— Ela era francesa?

— Talvez. O seu passaporte era francês. Mas uma vez me disse que era casada com um inglês.

— Disse que era casada com um inglês? O marido dela estava vivo ou já tinha morrido?

Mme Joliet deu de ombros.

— Ou tinha morrido ou a tinha abandonado, como é que vou saber? Essas garotas... têm sempre problemas com algum homem.

— Quando a viu pela última vez?

— A companhia fez uma temporada de seis semanas em Londres.

Dançamos em Torquay, em Bournemouth, em Eastbourne, num outro lugar cujo nome me esqueci e em Hammersmith. Depois voltamos para a França, mas Anna não veio conosco. Mandou um recado dizendo que ia deixar a companhia, que ia viver com a

família do marido ou qualquer bobagem parecida. Achei que não era verdade, que era mais provável que ela tivesse conhecido algum homem, o senhor compreende...

O Inspetor Craddock assentiu. Percebeu que aquela era a conclusão a que Mme Joliet invariavelmente chegava.

— E para mim não faz falta — acrescentou ela. — Posso arranjar garotas iguais ou melhores do que ela com toda a facilidade. Assim dei de ombros e não pensei mais no assunto. Por que iria pensar? Elas todas são iguais, essas moças, loucas por um homem...

— Quando foi isso?

— Quando voltamos para a França? Foi... foi ao domingo antes do Natal.

Anna deve ter sumido uns dois ou três dias antes, não me lembro direito. Mas, naquele fim de semana em Hammersmith, tivemos de dançar sem ela, e foi preciso fazer alterações. Ela não devia ter feito isso, mas essas garotas são assim mesmo: basta conhecer um homem e pronto! Mas eu disse a todo mundo: "Não vou aceitar aquela tola de volta!"

— Deve ter sido uma amolação, não?

— Ora, eu não me importo... Sem dúvida ela passou o Natal com algum homem que arranjou. Não tenho mais nada a ver com isso. Posso arranjar outras dançarinas, garotas que pularão de alegria com a chance de dançar no Ballet Maritski, e que dançam melhor que Anna.

Mme Joliet fez uma pausa e perguntou, com súbito lampejo de interesse:

— Por que querem encontrá-la? Ela herdou algum dinheiro?

— Pelo contrário — explicou cortesmente o Inspetor Craddock.

— Achamos que ela foi assassinada.

Mme Joliet recaiu na indiferença.

— *Ça se peut!* Isso acontece. *Eh bien*, ela era uma boa católica. Ia à missa aos domingos e creio que se confessava.

— *Madame*, alguma vez ela lhe falou a respeito de um filho?

— Filho? Quer saber se ela tinha um filho? Bem, acho que isso era muito pouco provável. Todas essas garotas sabem a quem

recorrer em caso de necessidade. M. Dessin sabe disso tão bem quanto eu.

— Ela pode ter tido um filho antes de entrar para o teatro — sugeriu Craddock. — Durante a guerra, por exemplo.

— *Ah! Dans la guerre!* É possível, mas não sei nada sobre isso.

— Quem eram suas amigas mais íntimas no corpo de baile?

— Posso lhe dar dois ou três nomes, mas ela era muito reservada.

Eles nada mais conseguiram arrancar de útil de Mme Joliet. Ao ver o estojo de pó-de-arroz, ela disse que Anna possuía um semelhante, mas que os das outras dançarinas eram do mesmo tipo. Talvez Anna tivesse comprado um casaco de pele em Londres, ela não sabia.

— Preocupo-me com os ensaios, com a iluminação do palco, com os problemas do meu balé. Não tenho tempo para reparar no que as dançarinas usam.

Depois de falar com Mme Joliet, eles entrevistaram as moças que ela lhes indicou. Duas tinham conhecido Anna razoavelmente, mas disseram que ela não costumava falar sobre si mesma, e quando o fazia eram mentiras a maior parte do tempo.

— Ela gostava de histórias de faz-de-conta, de inventar que fora amante de um grão-duque ou de algum magnata inglês, de que trabalhara para a Resistência durante a guerra, e até mesmo de ter sido artista de cinema em Hollywood.

Outra dançarina disse:

— Acho que na realidade ela teve uma vida burguesa muito recatada.

Gostava de fazer parte do balé porque achava que era uma vida romântica, mas não dançava grande coisa. O senhor compreende, não seria nada romântico se ela dissesse que o pai era tecelão em Amiens, e, assim, ela inventava histórias.

— Até mesmo em Londres — ajuntou a primeira garota — ela insinuou que conhecera um inglês muito rico que ia levá-la num cruzeiro ao redor do mundo, porque parecia com a filha dele que morrera num acidente. *Quelle blague!*

— Ela me contou que ia viajar para a Escócia com um lorde muito rico — disse a segunda. — Eles iam caçar veados.

Nada disso foi de utilidade. Apenas indicava que Anna Stravinska era uma mentirosa contumaz, e que certamente não estava caçando veados na Escócia nem se bronzeando no tombadilho de nenhum transatlântico. Porém também não havia nenhuma razão concreta para se acreditar que fosse o cadáver encontrado no sarcófago em Rutherford Hall. A identificação feita pelas dançarinas e por Mme Joliet fora hesitante, incerta. Parecia Anna, elas concordaram, mas estava tão inchada... Podia ser qualquer outra!

Os únicos fatos inegáveis eram que a 19 de dezembro Anna Stravinska resolvera não voltar para a França, e que no dia 20 uma mulher parecida com ela fora estrangulada no trem das dezesseis e cinquenta e quatro, a caminho de Brackhampton.

Se a mulher do sarcófago não era Anna Stravinska, onde estaria Anna agora?

A essa pergunta, Mme Joliet deu sua resposta simples e inevitável: — Com um homem!

E provavelmente ela tinha razão, concluiu Craddock, pesaroso. Restava apenas uma possibilidade, sugerida pelo comentário casual de Anna de ser casada com um inglês.

Seria esse marido Edmund Crackenthorpe?

Considerando-se o retrato falado de Anna esboçado pelos que a tinham conhecido, isso parecia pouco provável. Hipótese bem mais verossímil era a de que Anna houvesse conhecido a verdadeira Martine e se inteirado do seu passado. Talvez Anna fosse a autora da carta de Emma recebera, o que explicaria o receio de uma investigação. Talvez ela tivesse julgado prudente cortar os seus laços com o Ballet Maritski. Mas a questão se impunha novamente: onde estava ela agora?

E outra vez, inevitavelmente, a resposta de Mme Joliet apresentava-se como a mais provável: com um homem.

II

Antes de deixar Paris, Craddock conversou com Dessin a respeito da carta assinada por Martine Crackenthorpe. Dessin inclinava-se a concordar com o colega inglês em que provavelmente o assunto não tinha ligação com a mulher encontrada no sarcófago, mas mesmo assim ele também achava que devia ser investigado.

Assegurou a Craddock que a Sûreté faria o possível para descobrir se existia algum registro do casamento do Tenente Edmund Crackenthorpe, do 4º

regimento de Southshire, com uma francesa cujo primeiro nome era Martine, pouco antes da evacuação de Dunkerque. Entretanto, Dessin advertiu Craddock de que dificilmente obteriam alguma resposta definitiva. A área em questão não somente fora ocupada pelos alemães em seguida, como sofrera vários danos de guerra por ocasião da invasão. Muitas construções e registros tinham sido destruídos.

— Mas pode ficar certo de que faremos o possível.

Com essas palavras os dois policiais se despediram.

Capítulo 15



O Inspetor Craddock marcara um encontro com Harold Crackenthorpe no escritório deste último e ali chegou pontualmente, acompanhado do Sargento Wetherall. O escritório ficava no quarto andar de um grande edifício comercial.

Dentro, instalações modernas e dispendiosas indicavam prosperidade.

Uma correta recepcionista anotou o nome do inspetor, falou ao interfone num murmúrio discreto e, levantando-se, conduziu-o à sala de Harold Crackenthorpe.

O financista estava sentado atrás de uma mesa forrada de couro, com sua aparência impecável e autoconfiante de sempre. Se estava em dificuldades, como as investigações do inspetor revelavam, não se via o menor indício. Ele ergueu os olhos com um sorriso de boas vindas.

— Bom dia, Inspetor Craddock. Espero que afinal tenha alguma informação precisa para nós.

— Infelizmente não tenho, Mr. Crackenthorpe. Apenas gostaria de fazer-lhe mais perguntas.

— Mais perguntas? Sem dúvida, a esta altura já respondemos todas as perguntas possíveis e imagináveis.

— Acredito que tenha ficado com essa impressão, Mr. Crackenthorpe, mas foi só uma questão de rotina.

— Bem, o que é desta vez? — replicou, impaciente.

— Ficaria satisfeito se o senhor pudesse me dizer exatamente onde antou e o que esteve fazendo na tarde e na noite de 20 de dezembro último, digamos entre as quinze e vinte e quatro horas.

Harold Crackenthorpe ficou roxo de raiva.

— Que pergunta estranha! Gostaria de saber o que significa isso!

Craddock sorriu gentilmente.

— Significa apenas que eu gostaria de saber onde o senhor esteve entre as quinze e as vinte e quatro de sexta-feira, 20 de dezembro.

— Por quê?

— Sua resposta poderia limitar o campo de nossas conjunturas.

— Limitar? Estão o senhor tem novas informações?

— Esperamos estar chegando mais perto de uma solução.

— Não estou bem certo de que deva responder à sua pergunta.

Isto é, não sem a presença do meu advogado.

— Isso, naturalmente, fica a seu critério — disse Craddock. — O senhor não é obrigado a responder qualquer pergunta sem o direito de exigir a presença do seu advogado.

— Por acaso — deixe-me colocar isso bem claro — o senhor está de alguma forma me advertindo?

— Oh, não, senhor — respondeu o Inspetor Craddock com uma expressão adequadamente chocada —, nada disso. Estou fazendo essas perguntas a várias outras pessoas. Não há nada de pessoal nisso. Estou apenas tentando prosseguir por eliminação.

— Bem, naturalmente estou ansioso para ajudá-lo no que for possível. Deixe-me pensar... Não é fácil responder assim de estalo, mas somos muito organizados aqui. Creio que Miss Ellis pode ajudar.

Ele disse algumas palavras em um dos telefones de sua mesa e quase imediatamente uma jovem de belas formas num costume bem-talhado entrou com um bloco de anotações.

— Minha secretária, Miss Ellis... Inspetor Craddock. Senhorita, o inspetor gostaria de saber o que fez na tarde e na noite de... qual é mesmo o dia?

— Na sexta-feira, 20 de dezembro.

— Sexta-feira, 20 de dezembro. Espero que tenha anotado os meus compromissos na agenda.

— Oh, sim.

Miss Ellis saiu da sala e voltou folheando uma agenda comercial.

— Na manhã do dia 20 o senhor estava aqui no escritório, numa reunião com Mr. Goldie sobre a fusão da Gromartie. Almoçou com Lorde Forthville no Berkeley...

— Ah, sim. Então foi nesse dia...

— O senhor voltou ao escritório por volta das 3 horas e ditou algumas cartas.

Depois saiu para o leilão da Sotheby, pois estava interessado em uns manuscritos raros que iam ser leiloados naquele dia. O senhor não voltou mais ao escritório, mas tenho aqui uma anotação para lembrá-lo de um jantar no Catering Club naquela noite. — Ela olhou para ele interrogativamente.

— Obrigado, Miss Ellis.

Miss Ellis deslizou para fora da sala.

— Agora lembro-me de tudo claramente — disse Harold. — Fui ao leilão, mas os itens que me interessavam estavam cotados a preços muito altos. Tomei um chá numa pequena confeitaria da Jermyn Street, creio que se chama Russell's, assisti a uma meia hora de cine-jornais num desses cinemas que só passam atualidades, e então fui para casa. Moro em Cardigan Gardens, 43. Compareci ao jantar do Catering Club, que foi servido às dezenove e trinta em Caterers Hall, e depois fui para casa dormir. Isso responde à sua pergunta?

— Está tudo muito claro, Mr. Crackenthorpe. A que horas o senhor foi para casa trocar de roupa?

— Não me lembro exatamente. Creio que pouco depois das seis.

— E a que horas voltou?

— Acho que cheguei em casa por volta das onze e meia da noite.

— Foi o seu criado de quarto que abriu a porta? Ou talvez Lady Alice Crackenthorpe?

— Minha esposa está no sul da França desde o início de dezembro. Eu mesmo abri a porta, com a minha chave.

— Então não há ninguém que possa confirmar a hora de sua volta?

Harold olhou-o com frieza.

— Creio que os empregados ouviram-me entrar. Tenho um casal a meu serviço. Mas realmente, inspetor...

— Por favor, Mr. Crackenthorpe, sei que estas perguntas são aborrecidas, mas já estou quase terminando. O senhor tem carro?

— Tenho. Um Humber Hawk.

— É o senhor mesmo quem dirige?

— Sim. Uso-o apenas nos fins de semana. Dirigir em Londres hoje em dia é quase impossível.

— Suponho que o utiliza quando vai ver seu pai e sua irmã em Brackhampton. Só quando fico lá mais tempo. Quando vou apenas passar uma noite, como da última vez, sempre vou de trem. O serviço de trens é excelente e muito mais rápido que o carro. Minha irmã costuma mandar um carro me apanhar na estação.

— Onde o senhor guarda o seu automóvel?

— Alugo uma vaga nas cavalariças, bem atrás de Cardigan Gardens. Mais alguma pergunta?

— Acho que por ora é tudo — disse o inspetor, sorrindo e levantando-se. — Sinto muito tê-lo incomodado.

Quando deixou o escritório, o Sargento Wetherall, que suspeitava permanentemente de todo mundo, comentou num tom sinistro.

— Ele não gostou das perguntas, não gostou nada. Ficou desconcertado.

— Se um homem é inocente, é natural que se aborreça quando o julgam culpado — retrucou calmamente o Inspetor Craddock. — Principalmente um homem ultra-respeitável como Harold Crackenthorpe. Isso não quer dizer nada. O que temos de descobrir agora é se alguém o viu no leilão daquela tarde ou no salão de chá. Ele poderia facilmente ter apanhado o 16h45, matado a mulher e apanhado um trem de volta a tempo de ir ao jantar. Da mesma forma poderia ter voltado lá de carro à noite, levado o cadáver para o sarcófago e voltado. Investigue nas cavalariças.

— Sim, senhor. Acha que foi isso que ele fez?

— Como posso saber? — retrucou o Inspetor Craddock. — Ele é alto e moreno, poderia ter estado naquele trem, e tem laços com Rutherford Hall; portanto, é um possível suspeito. Agora vamos ao mano Alfred.

II

Alfred Crackenthorpe tinha um apartamento em West Hampstead, num grande prédio moderno e mal-acabado, com um espaçoso pátio em que os condôminos estacionavam os seus carros com certa falta de consideração pelos vizinhos.

O moderno apartamento tinha um armário embutido, uma comprida mesa de madeira compensada rebatível contra a parede, um sofá-cama e várias cadeiras de proporções estranhas.

Alfred Crackenthorpe recebeu-os com muita amabilidade. Mas estava nervoso, pensou Craddock.

— Estou curioso — disse ele. — Posso oferecer-lhe uma bebida, inspetor? — Indicou várias garrafas hospitaleiramente.

— Não, obrigado, Mr. Crackenthorpe.

— É tão sério assim? — replicou ele, rindo do próprio gracejo, e perguntou do que se tratava.

O inspetor explicou a que viera.

— O que eu fiz na tarde e na noite de 20 de dezembro? Como posso saber?

Ora, já faz... deixe ver... três semanas.

— Seu irmão Harold pôde dar conta de todos os seus movimentos com exatidão.

— O meu irmãozinho, talvez, mas eu não — disse ele, e acrescentou com certo toque de inveja maldosa: — Harold é o homem de sucesso da família: diligente, útil, ativo, com tempo para tudo, e com tudo a seu tempo. Mesmo que tivesse de cometer um assassinato, por exemplo, planejaria e executaria tudo cuidadosamente.

— Tem algum motivo particular para dar logo esse exemplo.

— Oh, não. Utilizei-o porque é um completo absurdo.

— Mas, voltando ao seu caso...

Alfred deu de ombros.

— Como já lhe disse, não tenho boa memória para datas e lugares. Se me perguntasse, entretanto, o que eu fiz no Natal, eu saberia responder, pois há um ponto de referência. Passei o dia em Brackhampton, com meu pai. Não sei nem por quê; ele resmunga por ter de gastar para nos receber, como também resmungaria que não nos importamos com ele se não fôssemos lá. Na verdade, acho que vamos mais para dar prazer a nossa irmã.

— E este ano estiveram lá?

— Sim.

— Mas infelizmente seu pai adoeceu, não foi? — perguntou Craddock, desviando deliberadamente a conversa, levado por um instinto nascido da experiência.

— Ele teve uma perturbação digestiva. Normalmente come como um passarinho, em nome da economia, e o súbito banquete tirou-o dos eixos.

— Foi apenas isso?

— Naturalmente. O que mais poderia ter sido?

— Soube que o médico ficou... preocupado.

— Ora, aquele tolo do Quimper — retrucou Alfred com desprezo.

— Não deve dar-lhe ouvidos, inspetor. É um alarmista da pior espécie.

— Verdade? Pareceu-me um homem sensato.

— É um tolo. Papai não tem nada de inválido, não há nada errado com seu coração, mas ele enrola Quimper direitinho. Naturalmente, quando o velho se sentiu realmente mal, fez aquele escândalo e Quimper se afobou. Começou a fazer perguntas e a querer saber o que ele ingerira. A coisa toda foi ridícula — acrescentou Alfred com um calor fora do comum.

Craddock ficou em silêncio por alguns instantes. Alfred ficou inquieto, lançou-lhe um olhar desconfiado e perguntou com ar petulante:

— Bom, o que há? Por que está querendo saber onde estive numa determinada sexta-feira, há três ou quatro semanas.

— Então recorda-se que o dia 20 foi uma sexta-feira?

- Creio que o senhor mencionou o fato.
- Talvez — disse Craddock. — De qualquer forma, é mesmo na sexta-feira, 20 de dezembro, que estou interessado.
- Por quê?
- Uma investigação de rotina.
- Isso é tolice. Descobriu mais alguma coisa sobre aquela mulher? Sabe de onde ela veio?
- Nossas informações ainda estão incompletas. Alfred endereçou-lhe um olhar preocupado.
- Espero que não esteja sendo influenciado por aquela ideia maluca de Emma de que a morta poderia ser a viúva de Edmund. Isso é bobagem.
- Essa tal de Martine nunca o procurou?
- A mim? Deus meu, não! Teria sido até engraçado.
- Acha mais plausível que ela procurasse seu irmão Harold.
- Bem mais. O nome dele aparece com frequência nos jornais, ele tem uma posição de destaque. Não me surpreenderia que ela o tivesse procurado; não que essa opção lhe tivesse dado algum proveito, pois ele é tão sovina quanto o velho.
- Emma naturalmente é o coração-mole da família, e Edmund era o seu irmão favorito. Mesmo assim, ela não é crédula, percebeu muito bem que essa mulher podia ser uma impostora. Ela havia preparado as coisas para que toda a família estivesse presente em sua recepção, inclusive o nosso sagaz advogado.
- Muito prudente da parte dela — disse Craddock. — Chegaram a marcar uma data para essa reunião?
- Deveria ser logo depois do Natal, talvez no sábado, 27...
- Ah — fez Craddock, sorridente. — Vejo que o senhor é capaz de guardar algumas datas.
- Já lhe disse que a data não tinha sido fixada.
- Mas discutiram essa possibilidade, não foi? Quando?
- Realmente não consigo me lembrar.
- E não pode me dizer o que fez na sexta-feira, 20?
- Lamento, mas há um vazio em minha memória.
- O senhor não tem uma agenda?
- Não consigo suportá-las.

— A sexta-feira anterior ao Natal... Não deve ser muito difícil.

— Andei jogando golfe uma tarde com um cliente em perspectiva — disse Alfred, e sacudiu a cabeça: — Não, isso foi na semana anterior. Ora, provavelmente apenas perambulei por aí. Faço isso grande parte do tempo, sabe? A maioria dos meus negócios é feita em bares.

— Talvez os seus vizinhos ou seus amigos possam ajudar.

— Talvez. Perguntarei a eles. Farei o possível — disse Alfred, parecendo agora menos inseguro. — Não posso dizer-lhe o que fiz naquele dia, mas posso dizer-lhe o que não fiz. Não matei ninguém no celeiro velho.

— Por que diz isso, Mr. Crackenthorpe?

— Vamos, vamos, caro inspetor... O senhor está investigando o crime, não está? E se começa a perguntar: "Onde estava o senhor em tal dia e tal hora", é porque está esquentando. Gostaria muito de saber por que está tão interessado na sexta-feira, 20, entre... que horas, mesmo?... o meio-dia e a meia-noite? Não pode ser pelas conclusões do legista, não a essa altura. Alguém viu a morta esgueirando-se na direção do celeiro nesta noite? Ela entrou lá e não tornou a sair, foi isso?

Os sagazes olhos escuros observavam-no, mas o Inspetor Craddock era por demais experiente para mostrar qualquer reação.

— Receio que terei de deixá-lo adivinhar — disse amavelmente.

— A polícia gosta de guardar os seus segredos, não?

— Não apenas a polícia, Mr. Crackenthorpe. Acho que, se tentasse, o senhor poderia se recordar do que fez no dia 20. Naturalmente, talvez tenha motivos para não lembrar...

— Não é desse jeito que vai me pegar, inspetor. Sem dúvida é suspeito, muito suspeito mesmo, que eu não possa me lembrar, mas é verdade. Ei, espere aí! Fui a Leeds naquela semana. Hospedei-me num hotel junto à prefeitura. Não me lembro o nome agora, mas isso o senhor pode descobrir facilmente. Talvez tenha sido na sexta-feira.

— Vamos averiguar — retrucou calmamente o inspetor, levantando-se. — Sinto que não tenha podido cooperar mais conosco, Mr. Crackenthorpe.

— É realmente lamentável, não? Cedric certamente tem um álibi seguro lá em Ibiza e Harold estava sempre cheio de compromissos comerciais e jantares de cerimônia, enquanto eu, pobre de mim, não tenho álibi nenhum. É triste. E uma idiotice, também. Já lhe disse que não costumo matar gente. Pra quê? E por que iria eu matar uma mulher desconhecida. Mesmo que ela tenha sido esposa de Edmund, por que algum de nós a mataria? Agora, se fosse Harold quem tivesse casado com ela durante a guerra... uma acusação de bigamia poderia ser muito embaraçosa para ele. Mas Edmund? Ora, todos nós acharíamos divertido ver papai pular de raiva por ter de desembolsar uma mesada para ela e mandar o garoto para um colégio decente. Por mais indignado que ficasse, por questão de decência ele não poderia recusar-se a soltar o dinheiro. Não que tomar uma bebida antes de sair, inspetor? Tem certeza? É uma pena que eu não tenha podido ajudá-lo.

III

— Senhor, sabe de uma coisa?

O inspetor olhou para o excitado sargento.

— O que é, Whetherall?

— Localizei aquele camarada. O tempo todo eu estava tentando identificá-lo, e de repente me lembrei. Ele esteve envolvido naquela trama dos enlatados com Dick Rogers. Foi esperto, nunca conseguimos provar nada contra ele. Já se meteu também em outras duas confusões com o bando do Soho: contrabando de relógios e o caso dos soberanos italianos.

Ora, naturalmente! Craddock compreendeu por que o rosto de Alfred desde o início lhe parecera vagamente familiar. Fora sempre coisa de pouco vulto, e nada se havia provado contra ele. Seu nome fora mencionado em várias negociatas, mas Alfred sempre tivera um motivo plausível e inocente para justificar seu envolvimento. A polícia, entretanto, estava certa de que ele obtinha dali um lucro pequeno, mas constante.

— Isso esclarece muita coisa — disse Craddock.

— Acha que ele é o assassino?

— Não me parece que ele seja do tipo capaz de matar, mas isso explica outros fatos: o motivo por que ele não apresentou um álibi, por exemplo.

— É, a situação está preta para ele.

— Nem tanto — retrucou Craddock. — É até uma boa saída alegar falta de memória. Muita gente não consegue lembrar do que fez há uma semana. É uma desculpa muito útil quando não queremos chamar a atenção para a nossa maneira de passar o tempo... em expedições com o bando de Dick, por exemplo.

— Então acha que ele está inocente?

— Ainda não estou preparado para afirmar nada — disse o inspetor Craddock.

— Você tem que continuar as investigações, Whetherall.

De volta a sua mesa, com a testa franzida, Craddock fez algumas anotações num bloco:

"Assassino (escreveu) ... Um homem alto e moreno!!!

Vítima...? talvez Martine, namorada ou viúva de Edmund.

Talvez Anna Stravinska: saiu de circulação na época apropriada, idade e aparência conferem, roupa idem, nenhuma ligação com Rutherford Hall, que se saiba.

Podia ser a primeira esposa de Harold: bigamia!

Podia ser amante de Harold: chantagem?

Alguém que estava fazendo chantagem com Alfred porque podia mandá-lo para prisão?

Alguém que tinha ligações com Cedric no estrangeiro (Paris? Ilhas Baleares?)

Ou:

A vítima pode ser Anna Stravinska fazendo-se passar por Martine. Ou ainda: A vítima é uma mulher desconhecida, morta por um assassino desconhecido!"

— E a hipótese mais provável é a última! — exclamou Craddock em voz alta.

Desanimado, refletiu sobre a situação. Uma investigação nunca progredia antes que o motivo fosse encontrado. E todos os motivos sugeridos até então eram fracos ou forçados.

Agora, se a vítima fosse o velho Crackenthorpe, motivos é que não faltariam.

Uma lembrança agitou-se no fundo de sua mente.

Ele apanhou o bloco e escreveu:

"Falar ao Dr. Quimper sobre a indisposição no Natal.

Cedric: álibi.

Perguntar a Miss Marple quais os últimos mexericos".

Capítulo 16



Ao chegar ao número 4 da Madison road, Craddock encontrou Lucy Eyelesbarrow em companhia de Miss Marple.

Ele hesitou um instante, reexaminando seu plano de campanha, e por fim decidiu que Lucy podia tornar-se uma aliada valiosa. Depois dos cumprimentos, ele tirou a carteira do bolso com ar solene, extraiu três notas de uma libra, acrescentou três xelins, e colocou o dinheiro na mesa em frente a Miss Marple.

— O que é isso, inspetor?

— É o pagamento da consulta. A senhorita é uma especialista em assassinatos, capaz de fornecer o pulso, temperatura, reações locais, e possíveis causas de crimes. Eu sou apenas um pobre e apoquentado clínico geral.

Miss Marple fitou-o com um olhar maroto e ele sorriu para ela. Lucy Eyelesbarrow abriu a boca assombrada e então deu uma risada.

— Ora, Inspetor Craddock. O senhor é um ser humano, afinal.

— Bem, esta tarde não estou aqui oficialmente.

— Já lhe contei que nos conhecemos, não é? — disse Miss Marple a Lucy. — Meu velho e bom amigo Sir Henry Clithering é padrinho dele.

— Miss Eyelesbarrow, quer saber o que o meu padrinho disse sobre ela quando a conheci? Descreveu-a como a melhor detetive que Deus criara — um gênio natural que brotara espontaneamente em solo fértil. E ensinou-me a nunca desprezar uma sabedoria dessas... (Dermot calou-se uma fração de segundo para procurar um substituto adequado para “velhotas”)... senhoras de idade. Ele achava que em geral elas eram capazes de dizer o que podia ter acontecido, o que devia ter acontecido e mesmo o que realmente acontecera! E acrescentou que essa...

velha senhora, em particular, era a campeã de sua classe.

— Bem — replicou Lucy —, isso é que é uma homenagem.

Miss Marple, confusa e ruborizada, parecia mais trêmula do que o normal.

— Querido Sir Henry — murmurou —, sempre tão bondoso! Na verdade não sou nem particularmente inteligente, talvez tenha algum conhecimento da natureza humana... pelo fato de morar, como sabe, numa aldeia.

E, com maior domínio acrescentou:

— Naturalmente sinto-me em desvantagem por não poder ter estado no local do crime. Acho que é de grande ajuda quando as pessoas me fazem lembrar outras, pois os tipos humanos são iguais em toda parte, e isso pode ser um guia valioso.

Lucy parecia um pouco perplexa, mas Craddock fez um gesto de assentimento.

— Mas a senhorita já esteve lá tomando chá, não foi?

— É verdade. Foi muito agradável. Fiquei um pouco desapontada por não ter visto o velho Crackenthorpe, mas não se pode ter tudo.

— Acho que se visse a pessoa que cometeu o assassinato saberia que era o criminoso? — perguntou Lucy.

— Oh, não, eu não diria isso, minha querida. Temos uma tendência para a adivinhação, e isso é muito perigoso quando se trata de algo sério como um assassinato. Tudo o que podemos fazer é observar as pessoas ligadas ao crime, ou que podiam ter alguma ligação com ele, e ver quem nos lembram.

— Como Cedric e o gerente do banco?

— O filho do gerente do banco, querida — corrigiu-a Miss Marple. — Mr. Eade era mais parecido com Harold, conservador, mas talvez excessivamente amigo do dinheiro — o tipo de homem que iria bem longe para evitar um escândalo.

Craddock sorriu e perguntou: — E Alfred?

— Parece o Jenkins da garagem — replicou prontamente Miss Marple. — Não que ele propriamente roubasse as ferramentas, mas costumava trocar as boas por outras quebradas ou de qualidade inferior. E acho que ele também não era muito honesto com as baterias, mas não entendo muito bem dessas coisas. O que sei é que Raymond deixou de consertar o carro com ele e passou para um mecânico de Milchester Road. Quanto a Emma — continuou, pensativa, Miss Marple —, ela me lembra muito Geraldine Webb: sempre discreta, quase malvestida, e bastante oprimida pela mãe idosa. Foi uma surpresa para todos quando a mãe morreu inesperadamente e lhe deixou uma bela quantia. Ela cortou e arrumou os cabelos, fez uma viagem marítima e voltou casada com um advogado muito simpático.

Tiveram dois filhos.

O paralelo era bastante claro. Lucy disse, um tanto incerta.

— A senhorita acha mesmo que devia ter falado sobre a possibilidade de Emma se casar? Os irmãos não gostaram muito.

— É — concordou Miss Marple. — Os homens quase nunca são capazes de ver o que está bem embaixo dos seus narizes. Acho que nem você percebeu.

— Tem razão — admitiu Lucy. — Nunca pensei em tal coisa. Os dois me pareciam...

— Velhos demais para isso? — perguntou Miss Marple com um leve sorriso. —

Mas o Dr. Quimper deve ter pouco mais de quarenta, embora tenha as têmporas grisalhas, e é óbvio que sente a falta de um lar, e Emma Crackenthorpe tem menos de quarenta, não está velha demais para casar-se e ter uma família. Ouvi dizer que a mulher do doutor morreu muito jovem, de parto.

— Creio que sim. Emma falou algo a esse respeito.

— Ele deve se sentir solitário — tornou Miss Marple. — Um médico ativo e trabalhador precisa de uma esposa, uma mulher compreensiva, não muito jovem.

— Escute, minha querida — replicou Lucy —, estamos investigando um crime ou promovendo casamentos?

Miss Marple pestanejou. — Receio ser muito romântica, talvez por ser solteirona. Sabe, minha cara Lucy, o seu contrato comigo está terminado. Se realmente deseja umas duas semanas de férias no estrangeiro antes de iniciar o seu próximo compromisso, você ainda tem tempo para uma pequena excursão.

— E deixar Rutherford Hall? Nunca! A esta altura sinto-me a própria detetive, peguei o vírus quase com tanta violência quanto os garotos. Os dois passam o tempo todo atrás de pistas. Ontem reviraram as latas de lixo, operação extremamente malcheirosa, e nem mesmo sabiam o que estavam procurando. Inspetor, se eles o procurarem, triunfantes, com algum pedaço de papel escrito: “Martine, se dá valor a sua vida, afaste-se de Ruherford Hall!”, saberá que me apiedeí deles e deixei o papel lá no chiqueiro!

— Por que no chiqueiro? — perguntou Miss Marple, interessada. — Eles criam porcos?

— Oh, não. A construção está abandonada. É que eu vou lá às vezes.

Por algum motivo Lucy corou. Miss Marple olhou-a com atenção.

— Quem está na casa agora? — perguntou Craddock.

— Cedric ainda está lá e Bryan vem para o fim de semana. Harold e Alfred chegarão amanhã, telefonaram avisando. De alguma forma, fiquei com a impressão de que eles estão alvoroçados, e que isso é obra sua, não é verdade, inspetor?

Craddock riu.

— Assustei-os um pouco. Quis saber onde andaram na sexta-feira, 20 de dezembro.

— E eles?

— Harold lembrou-se. Alfred não conseguiu, ou não quis.

— Acho que não deve ser nada fácil averiguar a veracidade de um álibi — disse Lucy: — checar data, hora, lugar...

— É preciso tempo e paciência, mas chegaremos lá — disse o inspetor, e olhou o relógio. — Daqui a pouco terei de ir a Rutherford Hall, falar com Cedric. Mas primeiro quero ver o Dr. Quimper.

— O senhor vai chegar numa boa hora. Ele começa suas cirurgias às seis e geralmente termina às seis e trinta. Agora preciso voltar para preparar o jantar.

— Gostaria de saber a sua opinião sobre mais uma questão, Ms. Eyelesbarrow. Como é que a família encara o caso da tal Martine, na intimidade?

Lucy respondeu prontamente: — Eles todos estão furiosos com Emma por ter lhe falado sobre o assunto, e também o com o Dr. Quimper, que pelo jeito a encorajou a tomar essa atitude. Harold e Alfred acham que a mulher era uma farsante. Emma não tem certeza. Cedric também acha que ela era uma impostora, mas não leva o caso tão a sério quando os outros. Bryan, por outro lado, parece convicto de que a carta era verdadeira.

— E por quê?, eu me pergunto.

— Bem, Bryan é assim, aceita as coisas como elas se lhe apresentam. Acha que a carta foi escrita pela esposa, ou melhor, pela viúva de Edmund, e que ela precisou voltar inesperadamente para a França, mas que futuramente eles tornarão a ouvir falar nela. O fato de ela não ter mandado notícia até agora parece-lhe natural, por ele mesmo nunca escreve cartas. Sabe, na realidade Bryan é cativante, é como um cãozinho que quer ser levado para um passeio.

— E você leva-o para passear, querida? — perguntou Miss Marple. — Talvez até o chiqueiro.

Lucy lançou-lhe um olhar penetrante.

— Há tantos cavalheiros naquela casa... — murmurou Miss Marple.

Na boca de Miss Marple, a palavra “cavalheiros” sempre tinha um sabor vitoriano, eco de uma era anterior à sua própria. O ouvinte evocava imediatamente a imagem de vários intrépidos e apaixonados, ocasionalmente cruéis, mas sempre galantes.

— Você é uma bela moça — acrescentou Miss Marple, observando Lucy. — Acho que eles lhe dedicam bastante atenção,

não?

Lucy corou levemente. Fragmentos de lembranças passaram por sua mente.

Cedric encostado no muro do chiqueiro. Bryan sentado na mesa da cozinha com ar desconsolado. Os dedos de Alfred roçando os seus enquanto a ajudava a recolher as xícaras de café.

— Os cavalheiros — começou Miss Marple, num tom de quem falava de uma espécie desconhecida e perigosa — são todos muito semelhantes, de certa forma... mesmo quando já bastante velhos...

— Querida! — exclamou Lucy —, todos eles me fizeram o que se poderia chamar de “propostas”. Harold foi muito correto, ofereceu-me um lugar vantajoso em sua firma. Mas não deve ter sido pela minha boa aparência; creio que eles pensam que sei alguma coisa.

Ela deu uma risada, mas o inspetor Craddock permaneceu sério.

— Cuidado — disse. — Eles podem matá-la, em vez de fazer propostas.

— É, suponho que seria mais simples — retrucou Lucy, e estremeceu. — A gente se esquece... Os garotos andam se divertindo tanto que quase chego a pensar que se trata de uma brincadeira. Mas não é.

— Não — concordou Miss Marple —, assassinato não é brincadeira.

Ela ficou em silêncio alguns instantes e perguntou:

— Os garotos não vão voltar para o colégio?

— Sim, na próxima semana. Amanhã deverão ir para a casa de James Stoddart-West, onde passarão os últimos dias de férias.

— Alegro-me com isso — retrucou Miss Marple com ar grave. — Não gostaria que acontecesse nada enquanto eles estão aqui.

— Está insinuando que vai acontecer alguma coisa ao velho Mr. Crackenthorpe? Acha que ele será o próximo a ser assassinado?

— Oh, não — disse Miss Marple. — Estava pensando nos garotos.

— Nos garotos?

— Bem, em Alexander...

— Mas certamente...

— Eles podem estar esmiuçando demais, à procura dessas pistas. Meninos adoram esse tipo de coisa, mas isso pode ser perigoso.

Craddock olhou para ela, pensativo.

— Então a senhora não acredita que se trate do caso de uma mulher desconhecida assassinada por um homem desconhecido, não é? Acredita que o crime tenha ligação com Rutherford Hall?

— Acredito que exista uma ligação, sim, sem dúvida alguma.

— Tudo o que sabemos é que o assassino é um homem alto e moreno. É o que diz a sua amiga, e é só o que se pode afirmar. Existem três homens altos e morenos em Rutherford Hall. No dia do inquérito, quando saí do prédio, vi os três irmãos em pé na calçada esperando pelo carro. Estavam de costas para mim, e o que me surpreendeu foi que eles eram muito semelhantes em seus pesados sobretudos: *três homens altos e morenos*. E na realidade, entretanto, são de tipos bem diferentes — disse o inspetor, e acrescentou com um suspiro: — Isso dificulta muito o caso.

— Não sei... — retrucou Miss Marple. — Tenho me perguntado se não é, talvez, muito mais simples do que supomos. Os homicídios são frequentemente muito simples, com motivos óbvios e sórdidos...

— Acredita na existência dessa misteriosa Martine, Miss Marple?

— Estou pronta para acreditar que Edmund Crackenthorpe ou se casou ou teve a intenção de se casar com uma moça chamada Martine. Se não me engano, Emma Crackenthorpe mostrou-lhe a carta dele, e pela impressão que tive dela e pelo que Lucy me conta, eu diria que Emma Crackenthorpe é incapaz de inventar uma coisa desse tipo. Na verdade, por que ela inventaria?

— Se admitirmos a existência de Martine — disse Craddock, pensativo —, passa a existir um motivo. O reaparecimento de Martine com um filho iria diminuir a herança dos Crackenthorpe, embora não a um ponto que, a meu ver, explicasse um homicídio, embora todos eles estejam em dificuldades financeiras.

— Até mesmo Harold? — perguntou Lucy, incrédula.

— Até o aparentemente próspero Harold Crackenthorpe não é o financista sóbrio e conservador que pretende ser. Parece que andou

especulando demasiadamente, envolvendo-se em aventuras desastrosas. Uma grande soma em dinheiro, sem demora, poderia evitar a falência.

— Mas nesse caso... — pensou Lucy, e hesitou.

— Sim, Miss Eyelesbarrow?

— Morreu a pessoa errada — acudiu Miss Marple. — Não era isso que ia dizer, querida?

— Sim. A morte de Martine não traria nenhum proveito a Harold ou para os outros. Só depois que...

— Só depois que Luther Crackenthorpe morrer. Exatamente! Isso já me ocorreu. E o velho Crackenthorpe, segundo seu médico, está em muito melhor forma do que qualquer estranho poderia supor.

— Ele ainda vai durar anos — disse Lucy, e franziu a testa.

— Sim?

— Ele passou mal durante o Natal — disse Lucy. — E disse que o médico fez muito estardalhaço sobre o caso. “Qualquer um pensaria que eu tinha sido envenenado”, foi o que me disse.

Ela olhou interrogativamente para Craddock.

— É — ele assentiu —, é sobre isso mesmo que quero falar com Quimper.

— Bem, preciso ir — disse Lucy. — Céus, já é tarde.

Miss Marple largou o tricô e apanhou o *Times*, para acabar suas palavras cruzadas.

— Gostaria de ter um dicionário aqui — murmurou. — Tontina e Tócai, sempre misturo essas duas palavras. Acho que uma delas é um vinho húngaro.

— É Tocai — disse Lucy da porta. — Mas uma delas tem cinco letras e a outra tem sete. Qual é a pista?

— Oh, isso não está nas palavras cruzadas — retrucou Miss Marple. — Está aqui na minha cabeça.

O Inspetor Craddock endereçou-lhe um olhar atento. Em seguida despediu-se e saiu.

Capítulo 17



Craddock teve de esperar alguns minutos até que Quimper terminasse sua sessão vespertina de cirurgia e pudesse recebê-lo. O médico parecia cansado e deprimido. Ofereceu uma bebida a Craddock e, quando esse aceitou, preparou uma dose para si mesmo.

— Pobres-diabos — ele comentou, ao sentar-se numa poltrona surrada. — Tão apavorados e tão estúpidos, não têm um pingão de sensatez! Tive um caso doloroso esta tarde. Uma mulher que devia ter me procurado há um ano. Nessa época poderia ter sido operada com êxito, agora é tarde demais. Casos assim deixam-me furioso. A verdade é que as pessoas são uma extraordinária mistura de heroísmo e covardia. Ela tem sofrido horrores calada só porque tinha pavor de descobrir que seus receios podiam ter fundamento. No outro prato da balança ficam as pessoas que desperdiçam o meu tempo por causa de uma “perigosa” inchação no dedo mínimo que nada mais é que uma frieira comum. Bem, não me leve a sério. Já desabafei o suficiente. Por que veio me procurar?

— Em primeiro lugar quero agradecer-lhe por ter aconselhado Emma Crackenthorpe a mostrar-me a carta que lhe teria sido enviada por uma viúva de seu irmão.

— Ah, isso? Era verdadeira? Sabe, eu não aconselhei exatamente a procurá-lo. Ela é que pretendia fazê-lo, estava

preocupada. Mas seus queridos irmãozinhos a estavam impedindo, naturalmente.

— Por que fariam isso?

O médico deu de ombros.

— Suponho que tinham medo que a polícia descobrisse que a carta era genuína.

— O senhor é dessa opinião?

— Não posso afirmar nada, nem vi a carta. Eu diria antes que era de alguém que conhecia os fatos e estava experimentando o terreno, esperando tirar partido dos sentimentos de Emma. Mas aí esse alguém errou redondamente: Emma não é nenhuma tola. Não acolheria uma cunhada desconhecida no seio da família sem primeiro fazer algumas perguntas de ordem prática.

O médico acrescentou com curiosidade:

— Mas por que quer a minha opinião? Eu nada tenho a ver com isso.

— Na verdade vim aqui lhe perguntar algo bem diferente, mas não sei ao certo como formular a questão.

O Dr. Quimper mostrou-se interessado.

— Soube que há pouco tempo, creio que no Natal, Mr. Crackenthorpe teve uma forte indisposição — disse Craddock.

O rosto do médico alterou-se. Sua expressão endureceu.

— É verdade.

— Foi uma perturbação gástrica?

— Sim.

— Não estou entendendo bem a situação, Mr. Crackenthorpe vangloria-se de sua saúde e afirma que sobreviverá a quase toda a família. Ao referir-se ao senhor, doutor, se me permite...

— Ora, vá em frente. Não sou assim tão sensível. Estou acostumado a que meus pacientes reclamem de mim.

— Ele acusou-o de ser muito exagerado e espalhafatoso.

Quimper sorriu.

— E contou-me que o senhor bombardeara de perguntas, querendo saber o que ele tinha comido, quem preparara a comida e quem a servira.

O médico não estava mais sorrindo. Sua expressão endurecera novamente.

— Continue.

— Ele disse-me mais ou menos que o senhor se comportara como se acreditasse que alguém o envenenara — acrescentou Craddock, e depois de uma pausa continuou: — O senhor teve alguma suspeita desse tipo?

Quimper não respondeu imediatamente. Levantou-se e começou a andar de um lado para o outro. Finalmente voltou-se para Craddock.

— Que diabos espera que eu diga? Acha que um médico pode fazer acusações de envenenamento sem provas concretas?

— Eu apenas gostaria de saber, extra-oficialmente, se a ideia lhe passou pela cabeça.

O Dr. Quimper respondeu evasivamente.

— O velho Crackenthorpe mantém normalmente uma dieta muito frugal.

Quando a família se reúne, Emma capricha na comida. Resultado: uma forte crise de gastroenterite. Os sintomas justificam esse diagnóstico.

— Compreendo — disse Craddock, e insistiu:— Essa explicação o satisfaz? Não se sentiu nem um pouco... intrigado?

— Está certo. Está certo. Sim, fiquei intrigado, sim. Está satisfeito agora?

— Estou interessado — disse Craddock. — Na verdade, do que o senhor suspeitava, ou temia?

— Existem diversos tipos de problemas gástricos, naturalmente, mas ele apresentava sintomas que se ajustavam mais a um envenenamento por arsênico do que a uma simples gastroenterite. Mas, veja bem, as duas coisas podem ser muito semelhantes. Homens mais argutos do que eu já atestara, de boa fé, morte natural em casos de envenenamento por arsênico.

— E qual foi o resultado de suas investigações?

— Aparentemente as minhas suspeitas não tinham possibilidades de ser verdadeiras. Mr. Crackenthorpe assegurou-me

que já tivera crises semelhantes antes que eu começasse a atendê-lo, e pelos mesmo motivos, acrescentou.

Sempre apareciam quando comia coisas pesadas.

— O que coincidia com a presença de hóspedes ou da família em casa.

— Sim, o que é bastante plausível. Mas, para ser franco, Craddock, a explicação não me satisfez. Cheguei a escrever ao velho Dr. Morris. Ele era meu sócio nesta clínica, e aposentou-se logo depois que nos associamos.

Inicialmente Crackenthorpe fora seu paciente, e perguntei-lhe se o velho já tivera outras crises semelhantes.

— E que resposta obteve?

— Levei um pito. *Grosso modo*, ele me disse para deixar de bobagens — disse Quimper, e deu de ombros: — Provavelmente portei-me mesmo como um tolo.

— Tenho minhas dúvidas — retrucou Craddock, pensativo, e, decidindo ser franco, perguntou: — Deixando de lado a discricção, doutor, existem pessoas que aferirão lucros consideráveis coma morte de Luther Crackenthorpe, não é mesmo?

O médico assentiu.

— E, apesar de ser um homem velho, ele está em boas condições de saúde e talvez passe dos noventa, não é?

— É provável. Ele se cuida muito bem e tem uma constituição rija.

— E seus filhos já estão envelhecendo e têm problemas de dinheiro.

— Deixe Emma fora disso. Ela não é uma envenenadora. Esses crises só acontecem quando os outros estão aqui, nunca quando ela está só com o pai.

“Uma precaução elementar se ela fosse a culpada”, pensou o inspetor, mas conservou a boca fechada. Depois de uma pausa, escolhendo as palavras com cuidado, disse:

— Sem dúvida sou meio ignorante nesse assunto, mas, admitindo-se a hipótese de que ele tenha mesmo ingerido arsênico, não teve muita sorte de ter sobrevivido?

— Aí o senhor tocou no ponto crítico — disse o médico. — Foi exatamente esse fato que me convenceu de que eu me portara como um tolo, conforme a insinuação do velho Morris. Compreenda, obviamente não se tratava de um caso de pequenas doses de arsênico administradas regularmente, que é o que se pode chamar de caso clássico de envenenamento por arsênico. Crackenthorpe, nunca sofrera gastrite crônica, e de certa forma foi isso que me fez estranhar esses ataques violentos. Mas, se admitirmos que eles não tenham uma causa natural, parece que o envenenador está errando a dose todas as vezes.

— Administrando uma dose insuficiente, é isso?

— Sim. Por outro lado, Crackenthorpe tem uma constituição vigorosa, que talvez aguente o que derrubaria outro homem. Sempre temos que considerar as idiossincrasias pessoais. Mas seria razoável supor que a esta altura o envenenador — a menos que seja incomumente timorato — já tivesse aumentado a dose, não é? Por que não o fez? Isto é, se existe mesmo um envenenador — ressalvou Quimper. — Provavelmente tudo não passou de uma criação de minha fértil imaginação.

— Sim, é realmente esquisito — concordou o inspetor. — Parece não ter sentido.

II

— Inspetor Craddock!

O sussurro ansioso fez o inspetor pular quando já ia tocar a sineta.

Alexander e seu amigo Stoddart-West emergiram cautelosamente das sombras.

— Ouvimos o seu carro. Queríamos falar com o senhor.

— Bem, então vamos entrar.

A mão de Craddock ergueu-se novamente em direção à sineta, mas Alexander puxou-lhe o paletó com a impaciência de um cãozinho guloso.

— Encontramos uma pista — ele sussurrou.

— Sim, encontramos uma pista — disse Stoddart-West, como um eco.

“Ora, aquela garota diabólica”, pensou Craddock, aborrecido. E, sem entusiasmo, disse: — Esplêndido. Vamos entrar e dar uma olhada.

— Não — protestou Alexander. — Com toda a certeza vai aparecer alguém para atrapalhar. Vamos para a sala dos arreios. Nós mostraremos o caminho.

Um tanto a contragosto, Craddock permitiu que o conduzissem ao longo da casa, na direção dos estábulos. Stoddart-West empurrou uma porta pesada, esticou o braço e acendeu uma lampadazinha fraca. A sala dos arreios, outrora um refulgente exemplo do apuro vitoriano, era agora um patético depósito de refugos. Cadeiras de jardim quebradas, ferramentas enferrujadas, um decrépito cortador de grama, colchões de mola fora de uso, balanços e redes de tênis rasgadas.

— Nos utilizamos muito esta sala — disse Alexander. — Aqui ninguém nos incomoda.

A sala tinha indícios de ocupação. Os colchões velhos tinham sido empilhados numa espécie de divã, e numa velha mesa enferrujada viam-se uma lata de biscoitos de chocolate, uma pilha de maçãs, uma caixa de balas e um quebra-cabeça.

— É uma pista importante, senhor — disse Stoddart-West com os olhos brilhando por trás das lentes. — Nós a encontramos esta tarde.

— Há dois dias estávamos revolvendo tudo. Entre os arbustos...

— Dentro das árvores ocas...

— E até nas latas de lixo.

— E, sabe, encontramos umas coisas bem interessantes.

— Mas então fomos ao quarto da caldeira.

— O velho Hillman guarda um monte de papéis velhos numa banheira de ferro antiga que há lá.

— Para, quando a caldeira se apagar, ele poder reacendê-la outra vez.

— Ele apanha tudo o que é papel usado que anda dando sopa por aí e leva para lá.

— E foi lá que encontramos isto.

— Isso *o quê?* — perguntou Craddock, interrompendo o dueto.

— A pista. Ei, tenha cuidado, Stodders, enfie as luvas.

Com um ar de importante, na melhor tradição detetivesca, Stoddart-West enfiou um par de luvas um tanto encardidas e tirou do bolso um desses envelopes em que os laboratórios fotográficos colocam os negativos e as ampliações. Lá de dentro, retirou, com o maior cuidado, um envelope sujo e amarrotado e entregou-o ao inspetor, com ar importante.

De tão excitados, os garotos prenderam a respiração. Craddock recebeu o envelope com a devida solenidade; gostava dos meninos e estava decidido a entrar no espírito da brincadeira.

A carta passara pelo correio, mas seu conteúdo se perdera. Restara apenas o envelope rasgado, endereçado para Mrs. Martine Crackenthorpe, Elvers Crescent, 126, Caixa 10.

— Está vendo? — disse Alexander ofegante. — Isso prova que ela esteve aqui, a tal mulher de tio Edmund, essa tal de quem eles falam tanto... Ela deve ter estado aqui e deixado isso cair em algum lugar. Não acha que foi o que aconteceu?

Stoddart-West interveio: — Parece que foi ela mesma que foi assassinada... O senhor não acha que a mulher do sarcófago só pode ser ela?

Os dois esperaram ansiosamente a resposta.

— É possível, é bem possível — disse Craddock, concordando com eles.

— Isso aí é importante, não é?

— O senhor vai ver se tem impressões digitais aí, não vai?

— Naturalmente — retrucou Craddock.

Stoddart-West soltou um suspiro.

— Foi uma tremenda sorte, não foi? — ele disse. — E logo no nosso último dia aqui.

— Último dia?

— Sim — disse Alexander. — Amanhã vou para a casa de Stodders passar o resto das férias. Os pais de Stoddart têm uma casa fenomenal... é do tempo da Rainha Ana, não é?

— De Guilherme III e Maria II — corrigiu Stoddart-West.

- Pensei ter ouvido sua mãe dizer...
- Mamãe é francesa. Não entende muito de arquitetura inglesa.
- Mas seu pai disse que a casa foi construída...

Craddock estava examinando o envelope.

Aquela Lucy Eyelesbarrow era bem esperta. Como tinha conseguido falsificar o carimbo? Ele olhou mais de perto, mas a luz era muito fraca. A descoberta fora muito divertida para os garotos, mas para ele era um problema. Aquela enxada da Lucy não tinha considerado esse ângulo. Se aceitasse o envelope como genuíno, ficava obrigado a tomar certas providências. Teria de...

Ao seu lado travava-se um acalorado debate arquitetônico sem que ele prestasse atenção.

— Vamos, garotos — disse ele —, vamos entrar. Vocês foram muito úteis.

Capítulo 18



Ladeado pelos meninos, Craddock seguiu para a porta dos fundos. Pelo jeito, era por ali que costumavam entrar. A cozinha era clara e alegre. Com um grande avental branco, Lucy estava abrindo massa. Encostado num aparador, observando-a com atenção canina, estava Bryan Eastley, cofiando o seu basto bigode louro.

— Olá, papai — disse Alexander amavelmente. — Você está por aqui outra vez?

— Gosto daqui — disse Bryan, e acrescentou: — Miss Eyelesbarrow não se incomoda com a minha presença.

— Não, não me incomoda — anuiu Lucy. — Boa tarde, inspetor Craddock.

— Veio investigar a cozinha? — perguntou Bryan, interessado.

— Não exatamente. Mr. Cedric Crackenthorpe ainda está aqui, não está?

— Oh, sim. Cedric está aqui, sim. Quer falar com ele?

— Gostaria de dar uma palavra com ele, sim, por favor.

— Vou ver se ele está lá dentro. Pode ter ido dar um passeio até o bar próximo — disse Bryan, desencostando-se do aparador.

— Muito obrigada — retrucou Lucy. — Eu iria, se minhas mãos não estivessem tão sujas de farinha.

— O que você está fazendo? — perguntou ansiosamente Stoddart-West.

— Torta de pêssegos.

— Fenomenal!
— Já está perto da hora do jantar? — perguntou Alexander.
— Ainda não.
— Puxa! Estou morrendo de fome.
— Tem um resto de bolo de gengibre lá na despensa.
— Os garotos correram para lá ao mesmo tempo e colidiram junto à porta.
— Eles parecem gafanhotos — disse Lucy.
— Minhas congratulações — disse Craddock.
— Por quê?
— Pelo seu engenho.
— Meu engenho?
Craddock mostrou-lhe o invólucro do laboratório.
— É uma imitação perfeita — disse ele.
— Do que é que você está falando?
— Disto, minha cara, disto!
Ele puxou uma ponta do envelope para fora.
Ela fitou-o, perplexa. Craddock sentiu uma súbita vertigem.
— Você não falsificou esse envelope e o escondeu no quarto da caldeira para os garotos o encontrassem? Vamos, depressa, responda!
— Não tenho a mínima ideia do que está falando — retrucou Lucy. — Está querendo dizer que...
Ao ver Bryan voltar, Craddock guardou o envelope rapidamente no bolso.
— Cedric está na biblioteca — disse Bryan. — Pode entrar.
O ex-piloto retomou seu lugar junto ao aparador, enquanto o Inspetor Craddock tomava o rumo da biblioteca.

II

Cedric Crackenthorpe pareceu encantado por ver o inspetor.
— Continua investigando? — perguntou. — Fez algum progresso?

— Acho que estamos um pouco mais adiantados, Mr. Crackenthorpe.

— Descobriu quem era a morta?

— Ainda não fizemos uma identificação definitiva, mas temos um bom palpite.

— Que bom para os senhores.

— Devido às nossas últimas informações, precisamos de alguns esclarecimentos. Começarei pelo senhor, Mr. Crackenthorpe, já que está aqui.

— Mas não ficarei aqui muito tempo. Vou voltar para Ibiza daqui a uns dois dias.

— Então cheguei bem a tempo.

— Pergunte.

— Gostaria de saber com detalhes onde o senhor esteve, e o que fez, na sexta-feira, 20 de dezembro.

Cedric lançou-lhe um olhar arguto. Em seguida recostou-se, bocejou, assumiu uma expressão de indiferença e fingiu absorver-se num esforço de memória.

— Bem, como já lhe disse antes, eu estava em Ibiza. O problema é que meus dias por lá são muito parecidos. Pinto de manhã, faço a sesta das três às cinco da tarde, desenho um pouco se a luz está boa, como um *apéritif*, às vezes com o prefeito, às vezes com o médico local, no café da praça. Depois faço uma refeição ligeira e termino a noite no Scotty's Bar, com alguns amigos da malandragem.

Isso é suficiente?

— Eu preferia a verdade, Mr. Crackenthorpe.

Cedric empertigou-se.

— Está sendo ofensivo, inspetor.

— O senhora acha? Contou-me que saiu de Ibiza no dia 21 e chegou à Inglaterra nesse mesmo dia, não foi?

— Sim, foi isso mesmo. Eu, Em! Venha cá, Em!

Emma, que estava na sala ao lado, apareceu na porta de comunicação e olhou interrogativamente para os dois homens.

— Escute aqui, Em, cheguei aqui no sábado antes do Natal, não foi? Vim direto do aeroporto.

— Foi isso mesmo — respondeu Emma, intrigada. — Você chegou na hora do almoço.

— Ouviu? — disse Cedric ao inspetor.

— O senhor deve nos julgar muito tolos, Mr. Crackenthorpe — retrucou Craddock amavelmente. — Temos meios de averiguar esses detalhes, sabe? Acho que se me mostrar seu passaporte...

Ele deixou a frase no ar.

— Não sei onde é que está aquela droga — disse Cedric. — Hoje mesmo estava procurando por ele. Queria mandá-lo para a Agência Cook.

— Acho que acabará por encontrá-lo, Mr. Crackenthorpe. Mas isso não é necessário. Os registros mostram que na verdade o senhor entrou neste país na noite de 19 de dezembro. Talvez agora queira me contar onde esteve entre a sua chegada e a hora do almoço no dia 21, quando chegou aqui.

A expressão de Cedric era de raiva.

— Essa vida moderna é uma porcaria! — disse ele, encolerizado. — Todos esses formulários e essa burocracia! Não se pode mais andar por aí à vontade. Alguém está sempre fazendo perguntas. Mas, de qualquer forma, por que esse espalhafato todo sobre o dia 20? O que houve de tão especial no dia 20?

— Acontece que acreditamos que esse foi o dia do assassinato. Naturalmente o senhor pode se recusar a responder, mas...

— Quem disse que não vou responder? Dê-me algum tempo. Os senhores foram bem vagos a respeito da data do crime no inquérito. O que descobriram desde então?

Craddock não respondeu. Olhando de soslaio para Emma, Cedric disse: — Podemos ir para a outra sala?

Emma interveio rapidamente: — Vou deixá-los à vontade.

Na porta, ela deteve-se e virou-se para Cedric.

— Isso é sério, Cedric, e você sabe disso. Se o crime foi cometido no dia 20 é preciso que você conte ao Inspetor Craddock tudo o que andou fazendo.

Ela passou para a sala anexa e fechou a porta atrás de si.

— Em é mesmo inigualável! — exclamou Cedric. — Bem, aqui vamos. Sim, eu saí de Ibiza no dia 19. Planejava fazer escala em

Paris e passar uns dois dias com velhos amigos. Mas a verdade é que conheci uma garota muito atraente no avião. Uma garota realmente fantástica. Resumindo, descemos aqui juntos. Ela estava a caminho dos Estados Unidos, mas tinha de passar uns dois dias em Londres para tratar de um assunto qualquer. Chegamos a Londres no dia 19 e hospedamo-nos no Kingsway Palace, se é que os seus espiões ainda não descobriram isso! Registreime com o nome de John Brown. Não é recomendável usar o próprio nome em tais ocasiões...

— E no dia 20, o que fez?

Cedric fez uma careta. — Passei a manhã inteira com uma terrível ressaca!

— E à tarde, das três em diante?

— Deixe-me ver... Bem, perambulei por aí, como se diz... Fui à National Gallery, uma atividade bem respeitável, não? E vi o filme *Rowenna do rancho*. Sempre tive paixão por westerns e esse é ótimo... Depois tomei uns drinques num bar, tirei uma soneca no meu quarto e saí às dez com a tal garota. Corremos as boates da moda. Não me lembro do nome da maioria. Acho que uma delas chamava-se A Rã Saltadora. Ela conhecia todas. Fiquei completamente exausto e acordei na manhã seguinte com uma ressaca pior que a da véspera. A minha amiga se mandou para apanhar o avião, e eu meti a cabeça na água fria, mandei buscar na farmácia um coquetel cura-ressaca e vim para cá, fingindo ter acabado de descer em Heathow. Achei que não havia necessidade de aborrecer Emma. O senhor sabe como são as mulheres, ficam magoadas quando a gente não vem direto para casa. Tive de pedir-lhe dinheiro emprestado para pagar o táxi, estava completamente liso e não adiantava recorrer ao velho. Ele não solta nem um centavo. É um tremendo sovina. Bem, inspetor, está satisfeito?

— Isso tudo pode ser confirmado, Mr. Crackenthorpe? Especialmente entre as três e as sete da tarde?

— Acho que é muito pouco provável — respondeu alegremente Cedric. — Na National Gallery os funcionários estão sempre com cara de peixe morto, e o cinema estava lotado. Não, não é nada provável.

Emma retornou com uma pequena agenda na mão.

— O senhor quer saber o que todos nós fizemos no dia 20 de dezembro, não é, inspetor?

— Bem... sim, Miss Crackenthorpe.

— Estive olhando em minha agenda. No dia 20 fui à cidade, a uma reunião do Fundo de Restauração da Igreja. A reunião acabou às quinze para a uma, e fui almoçar com Lady Adington e Miss Bartlett, que também faz parte do comitê, no Café Cadena. Depois do almoço, fiz algumas compras, mantimentos para o Natal e também alguns presentes. Fui às lojas Greenfold, Lyall e Swift, e a uma porção de outras, provavelmente. Tomei um chá da Shammock e depois fui à estação apanhar Bryan, que vinha de trem. Cheguei a casa por volta das seis e encontrei meu pai de muito mau humor. Eu deixara o almoço pronto, mas Mrs. Hart, que ficara de vir à tarde servir-lhe o chá, não aparecera. Ele estava tão zangado que se fechara em seu quarto e não queria me deixar entrar, nem falar comigo. Ele não gosta que eu saia à tarde, mas faço questão de contrariá-lo uma vez ou outra.

— Provavelmente faz muito bem. Obrigado, Miss Crackenthorpe.

Craddock não podia dizer a ela que, por ser uma mulher e ter um metro e sessenta e cinco, seus movimentos daquela tarde não tinham grande importância.

Em vez disso, perguntou: — Seus dois irmãos chegaram depois, não foi?

— Alfred chegou já tarde da noite de sábado. Ele disse que tentou falar comigo ao telefone na tarde em que saí, mas quando meu pai está aborrecido nunca atende ao telefone. Meu irmão Harold só chegou na véspera do Natal.

— Obrigado, Miss Crackenthorpe.

— Suponho que não deveria perguntar... — ela hesitou ligeiramente — o que provocou essas novas indagações?

Craddock tirou o invólucro do bolso. Com a ponta dos dedos extraiu o envelope.

— Veja isto, mas não toque, por favor. Reconhece-o?

Emma olhou-o, perplexa.

— Mas... esta é a minha letra. Esta é a carta que escrevi para Martine.

— Foi o que pensei.

— Mas como a conseguiu? Ela...? Encontrou-a...?

— É possível que a tenhamos encontrado. Este envelope estava vazio aqui.

— Nesta casa?

— Na propriedade.

— Então ela veio até aqui! Ela... o senhor está querendo dizer que a mulher do sarcófago é Martine?

— Parece-me bem provável, Miss Crackenthorpe — disse Craddock gentilmente.

Pareceu-lhe ainda mais provável quando chegou à cidade. Uma mensagem de Armand Dessin estava sobre a mesa.

"Uma das amigas de Anna Stravinska recebeu um cartão-postal dela.

Aparentemente a história do cruzeiro era verdadeira! Ela chegou à Jamaica e pelo jeito está se divertindo à grande!"

Craddock amassou o recado e jogou-o na cesta de lixo.

III

— Este foi um dia sensacional! — exclamou Alexander, sentado na cama, saboreando pensativo uma barra de chocolate. — Imagine, encontramos mesmo uma pista importante!

E estava maravilhado.

— Na verdade, estas férias todas foram sensacionais — acrescentou, satisfeito.

— Creio que uma coisa dessas nunca tornará a nos acontecer.

— Pois eu espero que não aconteça mesmo — disse Lucy, que de joelhos arrumava a mala dele. — Você vai levar todos esses livros de ficção científica?

— Esses dois de cima, não. Já os li. A bola de futebol, as chuteiras e os tênis podem ir separados.

— Que bagagem complicada essa de vocês.

— Não vai ser problema. Eles vão mandar o Rolls-Royce nos apanhar. Eles têm um Rolls sensacional, e têm um desses Mercedes Benz novos também.

— Eles devem ser ricos.

— Podres de ricos. Que ótimo, não? Mesmo assim, gostaria de ficar aqui.

Pode aparecer outro cadáver.

— Sinceramente, espero que não.

— Bem, nos livros quase sempre isso acontece. Alguém que sabe demais ou que ouviu demais também entra pelo cano. Talvez seja você, sabia? —

acrescentou ele, desembrulhando uma segunda barra.

— Muito obrigada!

— Não que eu queira que seja você — tranquilizou-a Alexander. — Gosto muito de você, e Stodders também. Achamos que você é uma cozinheira estupenda.

Sua comida é sensacional. Você é uma pessoa muito sensata também.

A última frase era evidentemente um grande elogio. Lucy interpretou-o corretamente e retrucou:

— Obrigada, mas não pretendo me deixar matar só para satisfazê-lo.

— Bem, então é melhor tomar cuidado — aconselhou Alexander e, depois de uma pausa para ingerir mais algumas calorias, disse num tom diferente: — Se papai aparecer por aqui de vez em quando, você quer dar uma olhada nele, por favor?

— Pois não, naturalmente — disse Lucy, um pouco surpresa.

— O problema de papai — disse Alexander — é que a vida de Londres não é boa para ele. Ele se mete com o tipo errado de mulheres.

O garoto sacudiu a cabeça com, uma expressão preocupada e acrescentou:

— Gosto muito dele, mas ele precisa de alguém que tome conta dele. Está muito perdido e metido com as pessoas erradas. Foi uma pena mamãe ter morrido tão cedo. Bryan precisa de um lar.

Ele olhou para Lucy com um ar solene e pegou outra barra de chocolate.

— Quatro é demais, Alexander — advertiu Lucy. — Você vai passar mal.

— Ah, acho que não. Já comi seis de uma vez e não senti nada. Meu fígado é bom — disse o garoto, fazendo uma pausa acrescentou: — Bryan gosta muito de você, sabe?

— É muita bondade dele.

— Ele é meio errado em algumas coisas — comentou ele —, mas foi um piloto de caça de primeira classe. É tremendamente corajoso, e tremendamente bem-humorado.

Ele fez uma pausa e, erguendo os olhos para o teto, disse meio constrangido:

— Sabe, acho que seria ótimo se ele se casasse outra vez, com alguém decente. Eu não me importaria de ter uma madrasta, se ela fosse legal!

Como um choque, Lucy percebeu aonde Alexander estava querendo chegar.

— Essa baboseira de dizer que madrastas não prestam está fora de moda — prosseguiu Alexander. — Um bocado de rapazes que nós conhecemos têm madrastas, com tanto divórcio por aí, e eles se dão muito bem. Depende da madrasta, é claro. E naturalmente isso também cria um bocado de confusão em dias de saída, feriados e coisas assim, se os dois se casam outra vez, mas é muito último quando a gente precisa de algum dinheiro!

Ele calou-se outra vez, refletindo sobre os problemas da vida moderna.

— É bem melhor quando se tem a casa da gente e os pais de verdade, mas quando não se tem mãe... Entende o que eu quero dizer? Se a madrasta for uma pessoa legal... — insinuou Alexander pela terceira vez.

Lucy ficou comovida.

— Acho que você é muito sensato, Alexander — disse ela. — Vamos tentar arranjar uma boa esposa para o seu pai.

— Vamos, sim — disse Alexander, evasivo, e com um ar indiferente acrescentou: — Achei que devia mencionar o assunto.

Bryan me disse que gosta muito de você.

Realmente, pensou Lucy, havia muita gente casamenteira por ali. Primeiro Miss Marple, e agora Alexander! Por algum motivo, lembrou-se do chiqueiro...

Lucy levantou-se disse.

— Boa noite, Alexander. Agora só falta guardar a escova de dentes e o pijama. Boa noite.

— Boa noite — respondeu Alexander. Enfiando-se embaixo das cobertas, ele pousou a cabeça no travesseiro, fechou os olhos e mergulhou imediatamente no sono, a imagem perfeita de um anjo adormecido.

Capítulo 19



— Nada que o senhor consideraria conclusivo — disse o Sargento Wetherall, com seu habitual ar de desânimo.

Craddock estava lendo o relatório sobre o álibi de Harold Crackenthorpe para o dia 20 de dezembro.

Ele fora visto no leilão por volta das quinze e trinta, mas parecia que saíra pouco depois. Seu retrato não fora reconhecido na confeitaria Russell, mas, como o estabelecimento estava sempre cheio à hora do chá e ele não era um freguês assíduo, isso não era de admirar. Seu criado confirmara sua volta a Cardigan Gardens para preparar-se para o jantar: chegara às sete e trinta, e talvez por isso estivesse um tanto irritado. O criado achava que não o tinha ouvido entrar à noite, mas não podia afirmar nada, pois já fazia bastante tempo e quase nunca ele ouvia Mr. Crackenthorpe entrar. Ele e a mulher gostavam de recolher-se cedo, sempre que possível. A vaga nas cavalariças onde Harold guardava o carro era uma garagem particular que ele alugava. Não havia nenhum guardador para lembrar-se de quem chegava ou saía, nem um motivo para que alguém se lembrasse daquela noite em particular.

— Só testemunhos negativos — disse Craddock, com um suspiro.

— Ele esteve no jantar do clube, mas saiu cedo, antes que os discursos terminassem.

— E quanto às estações de estrada de ferro?

— Nenhuma informação, nem em Brackhampton, nem em Paddington. Já se passaram quase quatro semanas e era altamente improvável que alguém se lembrasse de tê-lo visto.

Craddock suspirou e estendeu a mão para pegar os relatórios sobre Cedric.

Esses também eram negativos, embora um motorista de táxi tivesse feito uma identificação duvidosa; lembrava-se de ter levado um passageiro para Paddington durante a tarde que “parecia um pouco com aquele camarada — tinha calças sujas e uma imensa cabeleira”. O passageiro tinha reclamado um bocado porque o preço da corrida subira desde a última vez que estivera na Inglaterra. Lembrava-se do dia porque um cavalo chamado Crawler tinha ganho o páreo das catorze e trinta e ele embolsara uma bela quantia. Pouco depois de largar o passageiro, ouvira a notícia no rádio do táxi e fora para casa celebrar.

— Bem, pelo menos as corridas servem para alguma coisa — disse Craddock colocando o relatório sobre a mesa.

— Este aqui é sobre Alfred — disse o Sargento Wetherall.

Algo no tom de sua voz fez com que Craddock se virasse e olhasse para ele.

Wetherall tinha a expressão satisfeita de um homem que guardara a melhor porção para o final.

Em sua maior parte o relatório era insatisfatório. Alfred vivia sozinho em seu apartamento e suas idas e vindas não tinham um horário fixo. Seus vizinhos não eram curiosos e além disso trabalhavam no horário comercial. Quando Craddock chegara ao final do relatório, o dedo grosso de Wetherall indicou o último Parágrafo.

O Sargento Leakie, designado para um caso de roubo de cargas de caminhões, estivera no Carga e Tijolos, bar de parada de caminhões na estrada Paddington-Brackhampton, observando certos motoristas. Numa mesa próxima, ele vira Chick Evans, um dos membros do bando de Dick Rogers. A seu lado, estava Alfred Crackenthorpe, que o sargento conhecia de vista por ter sido testemunha no caso de Dicky Rogers. O sargento se perguntara o

que é que os dois andariam tramando. Hora: vinte e uma e trinta da sexta-feira, 20 de dezembro. Pouco depois, Alfred Crackenthorpe tomara um ônibus na direção de Brackhampton. William Baker, bilheteiro da Estação de Brackhampton, perfurara a passagem de um cavalheiro que conhecia de vista por ser um dos irmãos de Miss Crackenthorpe, pouco antes da partida do trem das vinte e três e cinquenta e cinco para Paddington. Lembrava-se da data porque uma velhota maluca jurara ter visto alguém estrangulando alguém num trem naquela tarde.

— Alfred? — perguntou-se Craddock, ao deixar o relatório de lato. — Alfred? Será?

— Ele esteve lá — disse Wetherall.

Craddock assentiu. Alfred podia ter ido no trem das dezesseis e trinta e três para Brackhampton, cometido o crime no caminho, e em seguida pegado um ônibus até o Carga e Tijolos. Podia ter saído de lá às vinte e uma e trinta e ter tido tempo suficiente para ir a Rutherford Hall, levar o cadáver do aterro para o sarcófago e voltar a tempo de pegar o trem das vinte e três e cinquenta e cinco para Londres. Alguém do bando de Dicky Rogers podia até tê-lo ajudado a carregar o corpo, mas Craddock duvidava disso. Eles eram uns pilantras, mas não assassinos.

— Alfred? — perguntou-se Craddock outra vez.

II

Em Rutherford Hall, a família Crackenthorpe reunira-se outra vez. Harold e Alfred tinham chegado de Londres, e logo as vozes elevaram-se e os ânimos ficaram agitados.

Por sua própria iniciativa, Lucy preparou uma jarra de coquetéis com delo e levou-a para a biblioteca. As vozes ressoavam claramente no vestíbulo, revelando que grande parte da animosidade era dirigida contra Emma.

— A culpa é toda sua, Emma — a voz de baixo-profundo de Harold elevou-se, raivosa. — Não compreendo como pode ter sido

tão tola e imprudente. Se não tivesse levado aquela carta para a Scotland Yard, nada disse teria acontecido.

A voz mais aguda de Alfred ajuntou:

— Você devia estar fora de si.

— Ora, deixem-na em paz — apartou Cedric. — O que está feito está feito.

Muito pior seria se eles tivessem identificado a morta como sendo essa tal Martine sem que tivéssemos dito nada.

— Para você está tudo bem, Cedric — interveio, encolerizado, Harold. — Você não estava no país no dia 20, que parece ser o dia que lhe está interessando. Mas para mim e para Alfred a situação é embaraçosa. Felizmente pude me lembrar de onde estive naquela tarde.

— Aposto que sim — disse Alfred. — Se você cometesse um crime, Harold, tenho certeza de que prepararia um álibi com muito cuidado.

— Pelo jeito você não teve a mesma sorte — retrucou Harold, com frieza.

— Isso depende — replicou Alfred. — Não é aconselhável tentar impingir um álibi perfeito para a polícia se não for tão perfeito assim. Eles têm muita experiência em descobrir falhas.

— Se você está insinuando que eu matei aquela mulher...

— Ora, parem com isso vocês todos — exclamou Emma. — Naturalmente nenhum de vocês é um assassino!

— E para a sua informação, eu não estava no estrangeiro no dia 20 — disse Cedric. — E a polícia sabe disso. De modo que estamos todos sobre suspeita.

— Se não fosse Emma...

— Ora, não comece outra vez, Harold! — protestou Emma.

O Dr. Quimper deixou o escritório, onde estivera examinando o velho Mr. Crackenthorpe. Seu olhar bateu na jarra que Lucy levava.

— Para que é isso? Alguma comemoração?

— Não, é mais óleo para acalmar águas turbulentas. Eles estão se digladiando lá dentro.

— Recriminações?

— A maioria contra Emma.

As sobrancelhas do Dr. Quimper arquearam-se.

— É mesmo?

Ele apanhou as jarras das mãos de Lucy, abriu a porta da biblioteca e entrou.

— Boa noite.

— Ah, Dr. Quimper, quero dar uma palavrinha com o senhor — disse a voz irritada de Harold. — Gostaria de saber o que pretendia interferindo num assunto privado da família e aconselhando minha irmã a procurar a Scotland Yard.

Calmamente, o Dr. Quimper retrucou:

— Miss Crackenthorpe pediu a minha opinião. Eu a atendi. E creio que ela agiu corretamente.

— O senhor ousa dizer...

— Ei! Moca!

Era o chamamento habitual do velho Mr. Crackenthorpe. Lucy voltou-se com relutância. Ele estava espiando pela porta do escritório, bem atrás dela.

— Sim, Mr. Crackenthorpe?

— O que teremos para o jantar esta noite? Eu quero galinha ensopada com *curry*. A sua é ótima. Há anos que não como *curry*.

— É que os garotos não gostam muito de *curry*, senhor.

— Os garotos! Os garotos! O que importam eles? Eu é que importo. E de qualquer forma eles já se foram, estamos livres deles. Quero *curry* esta noite, e bem gostoso e quentinho, ouviu?

— Está certo, Mr. Crackenthorpe. O senhor terá o seu *curry*.

— Ótimo. Você é uma boa moça, Lucy. Olhe por mim que eu olharei por você.

Lucy voltou à cozinha. Abandonando seus planos de fazer um fricassê de galinha, ela começou a preparar os ingredientes do *curry*. A porta da frente bateu e, pela janela, ela viu o Dr. Quimper dirigir-se com passos raivosos para o carro e deixar a propriedade.

Lucy suspirou. Sentia falta dos garotos! De certa forma, sentia falta de Bryan, também.

Bem, não tem jeito. Sentou-se e começou a tirar a pele dos cogumelos. Pelo menos daria à família um jantar de primeira.

Encheria a barriga daqueles brutos!

III

Eram três horas da madrugada quando o Dr. Quimper guardou o carro em sua garagem, fechou a porta e entrou em casa, com um andar cansado. Bem, Mrs. Josh Simpkins ganhara um belo e saudável casal de gêmeos para fazer companhia aos seus outros oito filhos. Mr. Simpkins não se mostrara entusiasmado com o acontecimento. “Gêmeos”, ele comentara, desanimado, “para que servem gêmeos? Quádruplos, sim, já são alguma coisa. A gente recebe um monte de presentes, a imprensa se interessa, sai o nosso retrato no jornal. Dizem até que a rainha manda um telegrama. Mas o que são gêmeos, a não ser mais duas bocas para alimentar? Nunca houve gêmeos na minha família, nem na da patroa. Não me parece justo.”

O Dr. Quimper subiu para o quarto e começou a despir-se. Olhou o relógio.

Três e cinco. Trazer aqueles gêmeos ao mundo fora uma tarefa inesperadamente complicada, mas tudo acabara bem. Bocejou. Estava cansado, muito cansado.

Olhou com prazer para a cama. Então o telefone tocou.

O Dr. Quimper soltou um palavrão e atendeu.

— É o Dr. Quimper?

— Ele mesmo.

— Aqui é Lucy Eyelesbarrow, de Rutherford Hall. Acho melhor o senhor vir até aqui. Todos estão passando mal.

— Passando mal? Como assim? Quais são os sintomas?

Lucy descreveu-os.

— Já estou indo. Enquanto isso...

Ele deu instruções concisas e rápidas, enfiou outra vez a roupa, colocou alguns medicamentos extras na maleta de emergência e correu para o carro.

IV

Umás três horas depois, o médico e Lucy, igualmente exaustos, sentaram-se à mesa da cozinha para tomar uma grande xícara de café forte.

O Dr. Quimper esvaziou a sua e pousou-a sobre o pires.

— Bem que eu precisava disso. Agora, Miss Eyelesbarrow, vamos examinar os fatos.

Lucy olhou para ele. Linhas de fadiga cortavam o seu rosto, fazendo-o parecer mais velho do que os seus quarenta e quatro anos. Os cabelos começavam a ficar grisalhos nas têmporas e havia rugas sobre os olhos.

— Se não surgiram complicações, eles ficarão bons — disse o médico. — Mas como aconteceu isso? É o que eu queria saber. Quem preparou o jantar?

— Fui eu — disse Lucy.

— E o que eles comeram? Com detalhes, por favor.

— Sopa de cogumelos, galinha ensopada com *curry*, musse de ameixas, antepasto de galinha com *bacon*.

— Canapés Diane — disse o Dr. Quimper inesperadamente.

Lucy deu um leve sorriso.

— Sim, canapés Diane.

— Certo, prossigamos. Sopa de cogumelos em lata, suponho?

— Claro que não. Eu mesma fiz.

— Você fez? Com que ingredientes?

— Duzentos e cinquenta gramas de cogumelos, caldo de galinha, leite, farinha de trigo torrada na manteiga e suco de limão.

— Ah! Suponho que devíamos dizer “devem ter sido os cogumelos”...

— Mas não foram os cogumelos. Eu também tomei a sopa e estou me sentindo muito bem.

— Sim, você está bem. Tinha me esquecido disso.

Lucy corou.

— Se está insinuando...

— Não estou insinuando nada. Você é uma moça muito inteligente. Estaria lá em cima gemendo se tivesse qualquer coisa a ver com isso. De qualquer forma, sei tudo a seu respeito. Dei-me o trabalho de investigar.

— Por que diabos fez isso?

A boca do Dr. Quimper adquiriu uma expressão decidida.

— Porque tomei a mim a responsabilidade de averiguar o passado das pessoas que aparecem aqui e vão se instalando. Você é uma jovem de bons antecedentes que vive desse tipo de trabalho e que parece não ter tido contatos anteriores com nenhum membro da família. Portanto, não é a namorada de Cedric, nem de Harold ou Alfred, ajudando o seu homem a realizar um trabalho sujo.

— Acha possível uma coisa dessas?

— Acho possíveis muitas coisas — disse Quimper. — Mas tenho de ser cuidadoso. É um dos inconvenientes da minha profissão. Agora prossigamos: ensopado de galinha ao *curry*. Você comeu também?

— Não. Só o cheiro já me satisfez, mas eu o provei, naturalmente. Tomei a sopa e a musse de ameixas.

— Como serviu a musse?

— Em taças individuais.

— E a louça suja?

— Está toda lavada e guardada.

O Dr. Quimper gemeu.

— Isso já é excesso de eficiência — disse ele.

— É, nesse caso o senhor tem toda razão, mas não tem mais remédio.

— Sobrou alguma coisa?

— Há uma tigela com um resto do ensopado na despensa. Eu planejava utilizá-lo como base para uma sopa indiana amanhã. Sobrou um pouco de sopa de cogumelo, também. Nada da musse, nem dos canapés.

— Vou levar o ensopado e a sopa — disse ele, levantando-se. — Vou dar uma olhada no pessoal outra vez. Será que pode aguentar o rojão até amanhã? Pode ficar de olho neles? A enfermeira estará aqui com minhas instruções às oito horas.

— Gostaria que me dissesse de uma vez: acha que foi uma intoxicação alimentar ou... envenenamento?

— Eu já disse que os médicos não podem achar nada, têm de se certificar primeiro. Se o exame de laboratório revelar a presença de

arsênico nessas amostras, eu tomarei as providencias. Senão...

— Senão... — repetiu Lucy.

O Dr. Quimper colocou a mão no ombro dela.

— Quero que olhe especialmente por duas pessoas. Tome conta de Emma.

Não deixe que nada aconteça a ela... — disse o Dr. Quimper, numa voz que não conseguia ocultar a emoção. — Ela ainda nem começou a viver. Pessoas como Emma Crackenthorpe são o sal da terra. Emma... bem, Emma significa muito para mim. Nunca lhe disse nada, mas ainda o farei.

— Pode ficar descansado — disse Lucy.

— E tome conta do velho. Não posso dizer que ele seja um dos meus pacientes preferidos, mas é meu paciente, e que os diabos me levem se eu permitir que ele seja despachado para outro mundo só porque um dos seus desagradáveis filhos — ou talvez os três — querem tirá-lo do caminho para herdar o seu dinheiro.

Ele lançou-lhe um olhar brejeiro.

— Pronto, abri demais a boca. Mas conserve os olhos abertos, você é uma boa moça. E fique de boca fechada.

V

O Inspetor Bacon estava aborrecido.

— Arsênico? — disse. — Arsênico?

— Sim, estava no ensopado. Aqui está o resto, se o seu pessoal quiser examinar. Fiz um teste numa porção pequena, mas o resultado não admite dúvidas.

— Então há um envenenador em ação?

— É, parece — retrucou, conciso, o Dr. Quimper.

— E o senhor diz que todos foram envenenados, com exceção de Miss Eyelesbarrow? Isso a coloca numa posição suspeita, não?

— Que motivo ela poderia ter?

— Pode ser maluca — sugeriu Bacon. — Gente assim pode ter uma aparência normal e ser completamente louca.

— Miss Eyelesbarrow não é louca. Como profissional, digo que mentalmente ela é tão sadia quando eu. Se ela deu arsênico àquela família, é porque tem algum motivo para isso. Além do mais, sendo uma mulher inteligente, ela teria o cuidado de não ser a única pessoa a escapar de ser envenenada. Faria o que qualquer envenenador astuto faz: comeria um pouco do ensopado e exageraria nos sintomas.

— E o senhor não descobriria?

— Que ela ingerira menos veneno que os outros? Provavelmente não. As pessoas não reagem da mesma maneira aos venenos: a mesma quantidade afeta as pessoas de formas diferentes. Naturalmente — acrescentou o doutor, em tom jovial —, quando o paciente morre, é possível descobrir, com uma boa aproximação, a quantidade ingerida.

— Então é possível que... — o Inspetor Bacon fez uma pausa para consolidar suas ideias — é possível que agora um membro da família esteja fazendo mais estardalhaço do que deveria, alguém está representando para não despertar suspeitas, é isso?

— Essa ideia já me ocorreu. É por isso que o procurei. Agora o problema está em suas mãos. Coloquei lá uma enfermeira de confiança, mas ela não pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo. Em minha opinião, ninguém chegou a ingerir uma dose mortal.

— O envenenador terá se enganado?

— Não, parece-me mais provável que ele tenha colocado no ensopado apenas uma quantidade de arsênico suficiente para provocar sintomas de intoxicação que provavelmente seria atribuída aos cogumelos. As pessoas estão sempre preocupadas com a possibilidade de comer cogumelos venenosos. Mas então um dos doentes teria uma complicação e morreria.

— Porque lhe administrariam uma segunda dose?

O médico assentiu.

— É por isso que o procurei imediatamente e coloque lá uma enfermeira especial.

— Ela sabe do arsênico?

— É claro. Ela e Miss Eyelesbarrow. Sei que o senhor conhece bem o seu trabalho, mas, se eu estivesse em seu lugar, iria lá e informaria a todos que tinham sido envenenados com arsênico. Isso provavelmente amedrontaria o assassino e impedi-lo-ia de prosseguir com os seus planos. É possível que ele esteja contando com a teoria da intoxicação alimentar.

O telefone da mesa do inspetor tocou. Ele atendeu e disse: — Está certo. Faça a ligação. — Virou-se para Quimper: — É a sua enfermeira. Alô, é ele... o que foi? Uma recaída grave... sim... o Dr. Quimper está aqui comigo. Quer falar com ele?...

Ele entregou o fone ao médico.

— É Quimper... Sim... Sim... Está certo... Já estamos indo para aí.

Desligou o aparelho e virou-se para Bacon.

— O que foi? — perguntou o inspetor.

— Alfred — retrucou o Dr. Quimper. — Está morto.

Capítulo 20



Do outro lado do fio, a voz de Craddock soava incrédula.

— Alfred? — ele perguntou. — Alfred?

Mudando o fone de posição, o Inspetor Bacon perguntou: — O senhor não esperava por isso?

— Não, de modo algum. Para falar a verdade, pensava que ele era o assassino.

— Eu soube que ele tinha sido visto por um funcionário da ferrovia. Parecia mesmo suspeito. Também pensei que ele fosse o homem.

— Bem — retrucou Craddock, categórico —, estávamos errados.

Depois de um momento de silêncio, Craddock disse:

— Não havia uma enfermeira de plantão? Como ela deixou que isso acontecesse?

— Não podemos culpá-la. Miss Eyelesbarrow estava exausta e tinha ido se deitar um pouco. A enfermeira ficou cuidado de cinco pacientes: o velho, Emma, Cedric, Harold e Alfred. Não podia estar em toda parte ao mesmo tempo. Parece que o velho Crackenthorpe começou a fazer um estardalhaço dizendo que estava morrendo, ela correu para acalmá-lo e depois levou chá com glicose para Alfred.

Ele bebeu e foi a conta.

— Arsênico outra vez?

— Parece. Naturalmente pode ter sido uma recaída, mas Quimper não acredita nisso, e Johnson concorda com ele.

— Será que o envenenador pretendia mesmo matar Alfred? — tornou Craddock, num tom de dúvida. Bacon ouvia-o com interesse.

— Está sugerindo que a morte de Alfred não daria lucro a ninguém, ao passo que a do velho beneficiaria a todos? É... pode ter sido um engano, alguém pode ter pensado que o chá era para o velho.

— Eles têm certeza de que o veneno foi administrado no chá?

— Não, naturalmente não. Como uma boa profissional, a enfermeira lavou toda a louca: a xícara, colheres, bule, tudo. Mas parece-me o único método plausível.

— E isso significa que um dos pacientes não estava tão mal quanto os outros

— retrucou Craddock, pensativo. — Ele aproveitou a oportunidade e colocou arsênico na xícara.

— Mas não haverá mais nenhuma complicação — disse o Inspetor Bacon, carrancudo. — Temos duas enfermeiras lá agora, para não falar de Miss Eyelesbarrow e em dois homens nossos. Quer ir comigo até lá?

— O mais depressa possível.

II

Lucy Eyelesbarrow atravessou o vestíbulo para receber o Inspetor Craddock.

Estava pálida e abatida.

— Você tem passado um mau pedaço, não é? — disse Craddock.

— Isso está me parecendo um longo e pavoroso pesadelo — disse Lucy. — Ontem à noite pensei que iam todos morrer.

— Quando ao *curry* de galinha...?

— Foi o *curry*?

— Sim, estava temperado com arsênico. Um toque digno dos Bórgia.

— Se é verdade — disse Lucy —, então foi... só pode ter sido... alguém da família.

— Não há outra possibilidade?

— Não. Compreenda, eu só comecei a fazer aquele maldito ensopado muito tarde, já depois das seis, porque Mr. Crackenthorpe insistiu. E tive de abrir uma lata nova de *curry*, portanto ela não estava envenenada. Suponho que o *curry* disfarçou o gosto do arsênico, não foi?

— Arsênico não tem gosto — disse Craddock distraidamente. — Agora, quanto à oportunidade, quem teve chance de colocar arsênico no ensopado enquanto ele estava cozinhando?

Lucy refletiu.

— Na verdade, creio que qualquer um deles podia ter se esgueirado até a cozinha enquanto eu arrumava a sala de jantar.

— Entendo. Mas quem estava na sala? O velho Crackenthorpe, Emma, Cedric...

— Harold e Alfred. Eles vieram de Londres ontem à tarde. Ah, e Bryan Eastley. Mas ele foi embora pouco antes do jantar, tinha de encontrar com alguém na cidade.

— Tudo isso se ajusta à indisposição do velho no Natal — disse Craddock, pensativo. — Quimper pensou que fosse arsênico. Ontem à noite todos pareciam igualmente indispostos?

Lucy refletiu um pouco. — Acho que o pior era o velho Mr. Crackenthorpe. O Dr. Quimper teve um trabalhão para salvá-lo, ele é mesmo um bom médico. Mas foi Cedric quem fez mais espalhafato; porém, creio que isso é comum em pessoas que normalmente gozam de boa saúde.

— E quanto a Emma?

— Ela esteve bem mal.

— Mas por que logo Alfred? — tornou Craddock.

— É — disse Lucy —, será que ele era mesmo para ser a vítima?

— Engraçado! Essa pergunta também me ocorreu.

— A morte dele parece tão sem sentido...

— Se ao menos eu descobrisse o motivo de tudo isso — disse Craddock. — Os fatos não se ajustam. Vamos admitir que a mulher do sarcófago seja Martine, a viúva de Edmund. Há bastantes provas disso. Tem de haver uma ligação entre a morte dela e o envenenamento de Alfred, e a solução está bem aqui, na família,

em algum lugar. Mesmo supor que um deles seja louco não resolve nada.

— Tem razão — disse Lucy.

— Bem, cuide-se — advertiu-a Craddock. — Lembre-se de que há um envenenador nesta casa. Um dos seus pacientes lá em cima provavelmente não está tão mal quanto aparenta.

Depois da saída de Craddock, Lucy subiu as escadas devagar. Ao passar em frente ao quarto do velho Mr. Crackenthorpe, uma voz enfraquecida pela doença chamou-a.

— Ei, mocinha, é você? Venha cá!

Lucy entrou no quarto. O velho Mr. Crackenthorpe estava deitado na cama, amparado por vários travesseiros. Para um homem doente, tinha uma expressão bem animada.

— A casa está cheia de enfermeiras horrorosas — queixou-se ele. — Ficam andando por aí de um lado para outro com ares importantes, tomando a minha temperatura a toda hora, e não me trazem o que eu peço para comer. Devem estar me custando um dinheirão! Diga a Emma para mandá-las embora. Você poderá muito bem tomar conta de mim.

— Estão todos doentes, Mr. Crackenthorpe — disse Lucy. — O senhor sabe que não posso tomar conta de todos ao mesmo tempo.

— Foram aqueles cogumelos — disse Mr. Crackenthorpe. — Cogumelos são perigosos. Foi aquela sopa que tomamos ontem à noite. E foi você quem a preparou — acrescentou acusadoramente.

— Não havia nada de errado com aqueles cogumelos, Mr. Crackenthorpe.

— Eu não a estou culpando, mocinha, não a estou culpando. Isso já aconteceu com outras pessoas. Basta um único cogumelo venenoso no meio dos outros para causar o estrago. Sei que você é uma boa moça, não faria isso de propósito. Como está Emma?

— Ela está se sentindo bem melhor agora à tarde.

— Ah... e Harold?

— Também está melhor.

— Que história é essa de Alfred ter esticado as canelas?

— Isso não devia ter chegado aos seus ouvidos, Mr. Crackenthorpe.

O velho deu uma risada aguda e prolongada, de puro prazer.

— Eu ouvi as enfermeiras comentando — ele disse. — Vocês não conseguem esconder as coisas de mim, por mais que tentem. Então Alfred morreu, hein? Ele não vai mais me explorar, não vai mais ficar com o meu dinheiro! Eles estavam todos esperando que eu morresse, principalmente Alfred. E agora ele está morto. Isso é uma boa piada!

— O senhor não está sendo bondoso, Mr. Crackenthorpe.

O velho Mr. Crackenthorpe deu nova risada. — Eu sobreviverei a todos eles — disse, exultante. — Você vai ver, mocinha. Vai ver só.

Lucy foi para seu quarto, pegou o dicionário e procurou a palavra “tontina”.

Depois fechou o volume, pensativa, e ficou um tempo imóvel, refletindo.

III

— Não sei o que o senhor pode querer comigo — disse o Dr. Morris, irritado.

— Faz muito tempo que o senhor conhece a família Crackenthorpe, não é? — retrucou o Inspetor Craddock.

— Sim, conheci toda a família. Lembro-me do velho Josiah Crackenthorpe, era duro de roer, mas um homem astuto. Fez uma bela fortuna.

Ele acomodou melhor sua velha carcaça na poltrona e olhou para o Inspetor Craddock por baixo das cerradas sobancelhas.

— Ah, o senhor deve ter dado ouvidos àquele jovem tolo, Quimper — disse ele.

— O zelo desses jovens médicos é excessivo. Eles estão sempre imaginando coisas. Quimper cismou que alguém tentou envenenar Luther Crackenthorpe. Tolice! Melodrama! Ele apenas costumam ter distúrbios gastrointestinais. Já tive de medicá-lo diversas vezes por esse motivo. As crises não aconteciam com muita frequência, nem nada havia de peculiar nelas.

— O Dr. Quimper parece acreditar que havia — retorquiu Craddock.

— Um médico não pode ficar imaginando coisas. Afinal, creio que sou capaz de reconhecer um envenenamento por arsênico quando o vejo.

— Muitos médicos de boa reputação já se enganaram — redarguiu Craddock, e fez um esforço de memória — Posso citar o caso de Greenbarrow, Mrs. Reney, Charles Leeds, três membros da família Westbury, todos eles lindamente enterrados sem que os médicos que os atenderam tivessem a menor suspeita. E esses médicos eram bons e experientes profissionais.

— Está certo, está certo — rendeu-se o Dr. Morris —, o senhor está querendo me dizer que eu poderia ter cometido um erro, não é? Pois bem, continuo acreditando que não cometi — disse ele e, depois de um minuto de silêncio, acrescentou: — Quem Quimper achava que estava administrando o arsênico, se é que isso é verdade?

— Ele não sabia — disse Craddock —, e estava preocupado. Afinal, há muito dinheiro envolvido nisso.

— Sim, eu sei. Eles só o receberão com a morte de Luther Crackenthorpe. E devem estar precisando bastante dele. Mas isso não significa necessariamente que sejam capazes de matar o velho para consegui-lo.

— Não necessariamente — anuiu o Inspetor Craddock.

— De qualquer forma — disse o Dr. Morris —, tenho por princípio não nutrir suspeitas sem causa justa. Admito que o que acabou de me dizer abalou um pouco as minhas convicções. Parece que se trata de envenenamento por arsênico em larga escala, mas ainda não percebo o que quer de mim. Tudo o que posso lhe dizer é que nunca suspeitei de nada. Talvez devesse ter suspeitado. Talvez devesse ter levado mais a sério aquelas perturbações digestivas de Luther Crackenthorpe. Mas tudo isso agora já ficou para trás.

Craddock anuiu.

— O que realmente quero — disse ele — é saber mais um pouco sobre a família Crackenthorpe. Algum deles já teve algum problema mental, ou tem alguma excentricidade?

Sob as sobancelhas cerradas, os olhos do Dr. Morris fitaram-no com atenção.

— Estou compreendendo aonde quer chegar. Bem, o velho Josiah era mentalmente são. Sem dúvida alguma: era duro e inflexível, um realista. A esposa era neurótica com tendências para a melancolia. Vinha de uma família onde eram comuns os casamentos entre parentes próximos. Ela morreu logo depois do nascimento de Luther. Sabe, eu diria que Luther herdou dela uma certa... hum... instabilidade. Foi um jovem razoavelmente normal, mas sempre em atritos com o pai. Este deixava transparecer o seu desapontamento com o filho, e creio que ele se ressentia disso a ponto de ficar obcecado. Se conversar com ele, o senhor perceberá que ele nutre forte aversão pelos filhos. Das filhas ele gostava, tanto de Emma como de Eddie, a que morreu.

— Por que ele antipatiza tanto com os filhos? — perguntou Craddock.

— Terá de perguntar a um desses psiquiatras modernos. Eu diria que Luther nunca se sentiu realizado como homem e ressentia-se amargamente da sua posição financeira. Recebe os rendimentos, mas não pode tocar no capital. Se estivesse em seu poder deserdar os filhos, talvez ele não sentisse tanta aversão. Sua impotência nesse campo faz-lhe sentir-se humilhado.

— É possível. Acho que essa também é a raiz de sua sovinice. Creio que ele conseguiu economizar uma boa parte dos seus amplos rendimentos — a maior parte, naturalmente, antes de os impostos chegarem aos excessos atuais.

Uma nova ideia brotou no cérebro do Inspetor Craddock.

— Ele deve ter feito um testamento deixando as suas economias para alguém, não é? Ele tem poderes para isso.

— Ah, certamente, embora só Deus saiba para quem ele deixará o dinheiro. Talvez para Emma, mas duvido. Ela receberá a sua parte do dinheiro do avô. Talvez para o neto, Alexander.

— Ele gosta do garoto, não é? — perguntou Craddock.

— Pelo menos costumava gostar. Naturalmente, o menino é o fruto de uma de suas filhas, e não de um dos filhos, o que pode ter feito a diferença. E ele também gostava do marido de Eddie, Bryan

Eastley. Mas eu não conheço bem Bryan, já faz alguns anos que estive com a família. Porém pareceu-me que ele iria ficar meio perdido quando a guerra terminasse. Ele tem qualidades úteis em tempo de guerra: coragem, arrojo, uma tendência para não se preocupar com o dia de amanhã. Mas não creio que possua estabilidade. Provavelmente nunca irá fixar-se em coisa alguma.

— Que o senhor saiba, algum dos filhos de Luther Crackenthorpe possui alguma esquisitice, alguma singularidade?

— Cedric é um excêntrico, um desses rebeldes por natureza. Talvez não seja perfeitamente normal, mas quem o é? Já Harold é um tipo ortodoxo, mas não é uma pessoa agradável, é frio, ávido. Alfred tem características de delinquente, sempre foi um mau elemento. Uma vez vi-o tirando o dinheiro de uma caixa de donativos para as missões que costumava haver na prefeitura. Ora, o pobre está morto, suponho que não deveria estar falando mal dele.

— E quanto a... Emma Crackenthorpe? — perguntou Craddock com certa hesitação.

— Boa moça. É muito calma, nunca deixa transparecer o que está pensando.

Tem suas ideias e seus planos, mas não os discute. Tem mais caráter do que sua aparência sugere.

— O senhor conheceu Edmund, o filho que foi morto na França?

— Sim. Era o melhor deles, na minha opinião. Bom coração, alegre, simpático.

— Alguma vez ouviu falar que ele pretendesse se casar ou que se casara com uma francesa pouco antes de morrer?

O Dr. Morris franziu a testa.

— Parece-me que ouvi falar nisso — disse —, mas já faz muito tempo.

— Foi logo no começo da guerra, não?

— Sim. Bem, creio que, se ele ainda vivesse, provavelmente teria se arrependido desse casamento com uma estrangeira.

— Há motivos para pensar que esse casamento se realizou — disse Craddock, e em poucas frases fez um resumo dos últimos acontecimentos.

— Lembro-me de ter lido qualquer coisa no jornal sobre uma mulher encontrada em um sarcófago. Então isso foi em Rutherford Hall?

— Sim, e há indícios de que essa mulher seja a viúva de Edmund Crackenthorpe.

— Ora, ora, que coisa estranha. Parece mais ficção do que vida real. Mas quem haveria de querer matar a pobre? Que ligação esse crime pode ter com o envenenamento da família Crackenthorpe?

— Tenho uma ou duas teorias — disse Craddock —, mas são ambas um tanto forçadas. Talvez alguém seja muito ganancioso e queira ficar com toda a fortuna de Josiah Crackenthorpe.

— Pois esse alguém é um idiota — disse o Dr. Morris. — Terá de pagar impostos fantásticos sobre os rendimentos que dela auferir...

Capítulo 21



— Cogumelos são um perigo! — exclamou Mrs. Kidder.

Mrs. Kidder já dissera a mesma coisa pelo menos dez vezes nos últimos dez dias. Lucy não respondeu.

— Não quero nada com eles, morrer envenenada — insistiu Mrs. Kidder. — Foi uma graça divina só ter morrido um. Toda a família podia ter batido as botas, e a senhorita também. Teve uma sorte incrível!

— Não foram os cogumelos — disse Lucy. — Não havia nada de errado com eles.

— Não acredite nisso — disse Mrs. Kidder. — Cogumelos são um perigo. Basta um único venenoso no meio dos bons para dar cabo de uma pessoa. — É esquisito como tudo acontece ao mesmo tempo — continuou Mrs. Kidder, em meio ao barulho da lavagem dos pratos. — Minha irmã mais velha teve sarampo, o nosso Ernie caiu e quebrou o braço e meu marido apareceu cheio de furúnculos, tudo isso numa semana só! É difícil de acreditar, não? E aqui foi a mesma coisa — ela acrescentou —, primeiro aquele horrível assassinato e agora Mr. Alfred morre por causa de cogumelos envenenados. Eu gostaria de saber quem será o próximo...

Com certa inquietação, Lucy pensou que também gostaria de saber.

— Meu marido não queria que eu viesse aqui — disse Mrs. Kidder —, ele acha que este aqui é um lugar azarado, mas eu disse

a ele: “Eu já conheço Miss Crackenthorpe há muito tempo, ela é uma senhora muito distinta, e não vou deixá-la na mão, nem deixar a pobre Miss Eyelesbarrow fazer todo o serviço da casa sozinha”. Essas bandejas todas devem estar dando um trabalhão, não?

Lucy foi forçada a admitir que ultimamente sua vida parecia consistir num interminável desfile de bandejas. Naquele momento ela estava arrumando uma série delas para levar para os doentes.

— Essas enfermeiras não querem saber do serviço pesado — disse Mrs. Kidder —, só sabem pedir bules e mais bules de chá bem forte, e querem as refeições na hora. Estou exausta! — afirmou ela num tom de satisfação, embora na realidade tivesse feito muito pouco além de suas tarefas usuais.

— A senhora nunca se poupa — disse Lucy com um ar solene.

Mrs. Kidder sorriu, satisfeita. Lucy pegou a primeira das bandejas e dirigiu-se para a escada.

— O que é isso? — perguntou Mr. Crackenthorpe com o nariz torcido.

— Suco de carne e mingau de maisena — disse Lucy.

— Leve isso embora — rosnou o velho. — Eu não como esse tipo de coisa. Eu disse à enfermeira que queria um bom bife.

— O Dr. Quimper disse que por enquanto o senhor não deve comer bife — disse Lucy.

Mr. Crackenthorpe resmungou.

— Ora, já estou praticamente bom. Amanhã vou me levantar. E os outros, como estão?

— Mr. Harold está muito melhor — disse Lucy. — Ele vai voltar para Londres amanhã.

— Ora, viva! — disse Mr. Crackenthorpe. — E Cedric? Há alguma esperança de que ele também vá para a ilha amanhã?

— Por enquanto não.

— Que pena. O que Emma está fazendo? Por que ela não vem me ver?

— Ela ainda está acamada, Mr. Crackenthorpe.

— As mulheres são muito molengas — retrucou o velho —, mas não você. Você é uma moça saudável — acrescentou ele com aprovação. — Você corre o dia inteiro, não é?

— Não tem me faltado ocupação.

O velho Crackenthorpe balançou a cabeça em aprovação. — Você é uma moça forte — disse ele —, e não pense que me esqueci daquela nossa conversa. Um dia desses você vai ver. Emma não vai sempre ser a mandachuva aqui. E não dê ouvidos aos que lhe disserem que eu vou um velho pão-duro. Sou apenas cuidadoso com o meu dinheiro. Tenho um belo pé-de-meia guardado e sei com quem vou gastá-lo quando chegar a hora — disse ele, lançando-lhe um olhar malicioso.

Lucy saiu depressa do quarto para evitar as mãos ávidas do velho.

A bandeja seguinte era para Emma.

— Oh, obrigada, Lucy. Já estou me sentindo muito melhor. Estou com fome, o que é um bom sinal, não? Minha querida — ela prosseguiu, quando colocou Lucy colocou a bandeja em seu colo —, estou preocupada com a sua tia. Você não deve ter tido tempo para ir vê-la, não é?

— Bem, para falar a verdade, não.

— Ela deve estar sentindo a sua falta.

— Não se preocupe, Miss Crackenthorpe. Ela sabe que passamos por momentos aflitivos.

— Você tem telefonado para ela?

— Não nesses últimos dias.

— Pois telefone. Fale diariamente com ela. Para as pessoas idosas, ter notícias faz muita diferença.

— É muita bondade sua.

Ao descer para pegar a bandeja seguinte, ela sentia a consciência pesada.

As decorrências do envenenamento tinham-na absorvido inteiramente, e ela não tivera tempo de pensar em mais nada. Decidiu que telefonaria para Miss Marple assim que levasse a refeição de Cedric.

Havia apenas uma enfermeira na casa agora. Ela cruzou com Lucy na escada e cumprimentou-a.

Cedric, com aspecto surpreendentemente limpo e correto, estava sentado em sua cama, ocupado em escrever algo numa

folha de papel.

— Olá, Lucy — disse ele —, que poção mágica você traz aí para mim? Gostaria que despedissem aquela enfermeira horrorosa, ela é afetada demais. Por algum motivo ela diz “nós” quando se refere a mim: “Como estamos essa manhã?”, “Dormimos bem?”, “Oh, meu Deus, mas como somos levados, desarrumamos todos os lençóis!” — ele imitou o tom afetado da enfermeira em voz de falsete.

— O senhor parece muito bem-humorado — disse Lucy. — Com que está se entretendo?

— Estou fazendo planos — retrucou Cedric —, planos para utilizar esta propriedade quando o velho bater as botas. Temos um belo terreno aqui, como já deve ter visto. Não consigo decidir se devo loteá-lo ou vender tudo de uma vez. Este local é excelente para uma indústria, e a casa servirá para uma escola ou uma casa de saúde. Mas tenho vontade de vender só metade do terreno e empregar o dinheiro para fazer qualquer coisa bem escandalosa com a outra metade. O que você acha?

— A propriedade ainda não é sua — replicou Lucy, concisa.

— Mas vai ser — disse Cedric. — Não será dividida como o dinheiro, ficará toda para mim. E se eu a vender por um bom preço, o dinheiro será capital e não renda; não terei que pagar impostos. Terei dinheiro bastante até para queimar. Pense só nisso.

— Eu pensava que o senhor achasse o dinheiro uma coisa desprezível — disse Lucy.

— É natural que eu despreze o dinheiro quando não o tenho — retrucou Cedric. — É a única atitude digna neste caso. Você é mesmo uma moça encantadora, Lucy, ou será que estou com essa impressão só porque há muito tempo não vejo mulheres apresentáveis?

— Deve ser a segunda hipótese — disse Lucy.

— Continua sempre ocupada cuidando de tudo e de todos?

— Pelo que vejo, alguém andou cuidando do senhor — disse Lucy, examinando-o.

— Foi a diaba da enfermeira — retrucou Cedric, aborrecido. — Já houve o inquérito sobre a morte de Alfred? Que decidiram?

— O inquérito foi adiado — disse Lucy.

— A polícia está cautelosa. Envenenamentos em massa mexem com a gente, não é? Falo emocionalmente, não me refiro aos aspectos mais óbvios — acrescentou ele. — É melhor tomar cuidado, moça.

— Estou tomando — disse Lucy.

— Alexander já voltou para a escola?

— Acho que ele ainda está com os Stoddart-West. Creio que as aulas só começam depois de amanhã.



Antes de almoçar, Lucy dirigiu-se ao telefone e ligou para Miss Marple.

— Lamento não ter aparecido, mas tenho estado muito ocupada.

— Naturalmente, querida, naturalmente. Além disso, não há nada que possamos fazer agora, temos de esperar.

— Esperar o quê?

— Elspeth McGillicuddy deve voltar muito breve — disse Miss Marple. — Escrevi pedindo-lhe que viesse imediatamente de avião. Disse-lhe que era o seu dever. Mas não fique preocupada, minha querida — disse ela, numa voz bondosa e tranquilizadora.

— A senhora não acha que...

Lucy calou-se no meio da frase.

— Que os assassinatos continuarão? Oh, espero que não, minha querida. Mas, quando se trata de alguém realmente perverso, não se pode afirmar nada, e creio que há perversidade no caso.

— Ou loucura — disse Lucy.

— Sei que essa é a maneira moderna de encarar tais coisas, mas não concordo com esse diagnóstico.

Lucy desligou, foi até a cozinha e apanhou a bandeja com seu almoço. Mrs. Kidder tirara o avental e ia sair.

— A senhorita tem certeza que ficará bem? — perguntou ela, solícita.

— Naturalmente — disse Lucy.

Ela levou sua bandeja não para a grande e lúgubre sala de refeições, mas para o pequeno gabinete. Estava terminando a refeição quando a porta se abriu e Bryan Eastley entrou.

— Olá — disse Lucy —, que surpresa inesperada!

— É, creio que sim — retrucou Bryan. — Como estão todos?

— Muito melhor. Harold volta para Londres amanhã.

— O que acha de tudo isso? Foi mesmo arsênico?

— Foi arsênico, sim.

— Não vi nada nos jornais.

— Não, a polícia está guardando segredo, por enquanto.

— Alguém deve ter muito pouca simpatia pela família — disse Bryan. — Quem pode ter entrado aqui e envenenado a comida?

— Na verdade, acho que sou a principal suspeita — disse Lucy.

Bryan olhou ansioso e perguntou com ar chocado: — Mas você não é a culpada, é?

— Não, não sou — disse Lucy.

Ninguém poderia ter envenenado a panela do ensopado. Ela o preparara sozinha na cozinha e levava a tigela para a mesa. Apenas uma das cinco pessoas que haviam partilhado a refeição poderia tê-la envenenado.

— É, você não tem nenhum motivo, não é mesmo? — disse Bryan. — Eles não são seus parentes. Espero que não se incomode com a minha presença aqui — acrescentou ele.

— Não, claro que não. O senhor veio para ficar.

— Bem, eu gostaria, se isso não lhe causar aborrecimentos.

— Não, de modo algum. Dá-se um jeito.

— Sabe, estou desempregado no momento e... bem... fico meio chateado.

Tem certeza que não a atrapalho?

— Bem, se qualquer forma não é a mim que deve perguntar, é a Emma.

— Ora, Emma não se importa — disse Bryan. — Ela é sempre muito delicada comigo, mas do jeitão dela, sabe? É muito reservada, é difícil saber o que está pensando. Também, morar aqui

com o velho não deve ser das coisas mais animadoras. É uma pena que ela nunca tenha se casado. Acho que agora já é tarde demais.

— Não acho que seja tarde demais — disse Lucy.

— Bem... — Bryan reconsiderou — talvez um clérigo — admitiu ele. — Ela seria muito útil com os paroquianos e trataria diplomaticamente a Liga das Mães, não acha? Não sei muito bem o que é isso, mas nos livros volta e meia aparece. E ela iria de chapéu à igreja aos domingos.

— Não me parece um futuro muito promissor — comentou Lucy, levantando-se e pegando a bandeja.

— Deixe, que eu levo — disse Bryan tomando-lhe a bandeja e seguindo-a até a cozinha. — Quer que eu a ajude a lavar os pratos? Gosto muito dessa cozinha, sabe? Na verdade, sei que essa casa está fora de moda, mas gosto dela assim mesmo. Creio que é de um terrível mau gosto, mas agrada-me. Um avião poderia aterrizsar facilmente no parque — acrescentou com entusiasmo.

Ele apanhou um pano de prato e começou a enxugar os talheres.

— Acho que é uma pena e um desperdício que ela vá parar nas mãos de Cedric — declarou ele. — A primeira coisa que ele fará é vendê-la e se mandar rapidamente para o estrangeiro. Não consigo perceber o que é que ele acha de errado na Inglaterra. Harold também não iria querer esta casa, e ela é grande demais para Emma, naturalmente. Mas, se Alexander a herdasse, ele e eu poderíamos ser um bocado felizes aqui. Naturalmente seria muito agradável uma presença feminina — disse ele, olhando pensativo para Lucy. — Ora, de que adianta pensar nisso? Para que Alexander herdasse isso aqui seria preciso que todos eles batessem as botas antes, o que não é nada provável, não é? E, pelo que vejo, o velho é capaz de viver cem anos só para aborrecê-los. Imagino que ele não tenha ficado muito pesaroso com a morte de Alfred, não é verdade?

Lucy concordou com concisão:

— Não, não ficou, não.

— Velho ruim aquele — comentou alegremente Bryan Eastley.

Capítulo 22



— Que coisas horríveis andam comentando por aí — disse Mrs. Kidder. — Eu não dou trela, mas o pessoal fala assim mesmo. A senhorita não imagina o que eles estão dizendo.

— É, não imagino mesmo — disse Lucy.

— Estão dizendo que a mulher morta encontrada no celeiro velho foi namorada de Mr. Edmund durante a guerra — continuou Mrs. Kidder, de joelhos, esfregando o chão da cozinha — e que ela veio aqui, e que o marido ciumento descobriu a história e acabou com ela. Pode ser que um estrangeiro fizesse isso, mas depois desse tempo todo... me parece pouco provável, não acha?

— É, muito pouco provável.

— Mas estão dizendo coisas piores — disse Mrs. Kidder. — A senhorita ficaria surpresa se soubesse as coisas que essa gente inventa... Há gente dizendo que Mr. Harold se casou no estrangeiro e que a mulher veio à procura dele, descobriu que ele cometera bigamia com a tal Lady Alice e ameaçou processá-lo, e então ele a estrangulou e escondeu o corpo no sarcófago. Imagine só!

— Incrível — disse Lucy, distraída, pensando em outra coisa.

— Naturalmente não dou trela — afirmou virtuosamente Mrs. Kidder. — Não acredito nessas histórias. Acho incrível que as pessoas possam pensar essas coisas, quanto mais dizê-las! Só espero é que nada disse chegue aos ouvidos de Miss Emma. Ela poderia ficar chocada, e eu não gostaria disso. É uma senhora

muito fina, e não ouvi ninguém dizer nada, nem uma única palavra contra ela. E, naturalmente, depois que Mr. Alfred morreu, ninguém mais fala dele. Nem mesmo para dizer que ele mereceu a sua sorte, o que poderiam falar. Ah, é mesmo horrível o que as pessoas são capazes de dizer, não é mesmo, senhorita?

Mrs. Kidder falava com evidente prazer.

— Deve ser muito desagradável ter de ouvir essas coisas, não é?
— disse Lucy.

— Sem dúvida — retrucou Mrs. Kidder. — Sempre digo ao meu marido: “Mas como é que eles podem dizer uma coisa dessas!”

A sineta da entrada tocou.

— É o doutor, senhorita. Quer que eu vá atender?

— Eu mesma vou — disse Lucy.

Mas não era o médico. No portal, estava uma mulher alta e elegante, com um casaco de *vison*. Na estrada de cascalho, um Rolls Royce esperava, com um correto chofer na direção.

— Eu gostaria de falar com Miss Emma Crackenthorpe, se possível.

A voz era atraente, com os *rr* levemente carregados. A mulher era atraente, também. Tinha uns trinta e cinco anos, cabelos escuros, e vestia-se com muito gosto.

— Sinto muito — disse Lucy. — Miss Crackenthorpe está acamada e não recebe ninguém.

— Eu sei que ela esteve doente, mas é muito importante que eu a veja.

— Receio que... — começou Lucy, mas a visitante interrompeu-a.

— Creio que é Miss Eyelesbarrow, não é? — disse ela, com um sorriso atraente. — Meu filho falou-me a seu respeito. Eu sou Lady Stoddart-West.

Alexander está em minha casa agora.

— Oh, compreendo — disse Lucy.

— E é realmente muito importante que eu fale com Miss Crackenthorpe — continuou a outra. — Sei que ela esteve doente, e esta não é uma visita social.

Estou aqui por causa de algo que os garotos disseram... que o meu filho disse. O assunto que eu gostaria de abordar com Miss

Crackenthorpe é da maior importância. Por favor, quer consultá-la?

— Entre.

Lucy conduziu a visitante até a sala de estar e disse-lhe: — Vou subir e falar com Miss Crackenthorpe.

Ela subiu as escadas e bateu na porta de Emma.

— Lady Stoddart-West está aqui — disse ela. — Insiste em vê-la.

— Lady Stoddart-West? — perguntou Emma, surpresa, com uma expressão de alarme no rosto.— Será que aconteceu alguma coisa aos garotos... a Alexander?

— Não, não — tranquilizou-a Lucy. — Tenho certeza de que eles estão bem.

Parece que ela quer vê-la a respeito de alguma que os garotos contaram a ela.

— Ah, bem... — Emma hesitou. — Talvez eu deva recebê-la. Estou arrumada, Lucy?

— A senhorita está ótima — disse Lucy.

Emma estava recostada nos travesseiros, com um delicado chalé em volta dos ombros, acentuando o tênue rosado de suas faces. Os cabelos tinham sido escovados e penteados pela enfermeira. Na véspera, Lucy colocara um vaso com folhagens outonais sobre a cômoda. O quarto tinha um ar convidativo, em nada sugerindo um quarto de doente.

— Na verdade, eu já podia até me levantar — disse Emma. — O Dr. Quimper disse que amanhã posso sair da cama.

— O seu aspecto já é normal — disse Lucy. — Posso trazer Lady Stoddart-West até aqui?

— Sim, por favor.

Lucy desceu as escadas, convidou a visitante a acompanhá-la e conduziu-a ao quarto de Emma Crackenthorpe. Abriu a porta para que ela entrasse e tornou a fechá-la. Lady Stoddart-West aproximou-se da cama com a mão estendida.

— Miss Crackenthorpe? Peço-lhe desculpas por invadir assim a sua intimidade. Acho que já a conheço das competições do colégio.

— Sim, lembro-me bem da senhora — disse Emma. — Sente-se, por favor.

Lady Stoddart-West sentou-se numa cadeira que fora convenientemente colocada ao lado da cama. Numa voz baixa e pausada, ela disse:

— A senhorita deve estar estranhando muito a minha presença aqui, mas tenho um motivo, um motivo muito forte, cério. Bem, os garotos andaram conversando muito comigo. Deve ter percebido que eles ficaram muito excitados com o crime que houve aqui. Confesso que na ocasião fiquei nervosa e preocupada, e senti vontade de vir buscar James. Mas meu marido achou graça, disse que obviamente o crime nada tinha a ver com a casa e com a família, e que, pelo que se lembrava de sua juventude e pelas cartas de James, os dois garotos estavam se divertindo tanto que seria uma crueldade tirá-los daqui. Assim, cedi e concordei que eles ficassem até o dia combinado.

Emma retrucou: — A senhora acha que deveríamos ter mandado o seu filho para casa mais cedo?

— Não, não é nada disso. Oh, é muito difícil para mim, mas preciso dizer-lhe o que me trouxe aqui. Entenda, os garotos ouviram muita coisa, e me disseram que a mulher assassinada... que a policia acha que ela era uma francesa que o seu irmão mais velho, o que morreu durante a guerra, conheceu na França. Isso é verdade?

— É uma possibilidade que temos de considerar — respondeu Emma, em a voz levemente trêmula. — Pode ser verdade.

— Existem indícios que a levem a pensar que a morta seja essa moça, essa tal Martine?

— Já lhe disse, é uma possibilidade.

— Mas por que... por que eles pensam que ela é Martine? Ela tinha papéis ou cartas em seu poder?

— Não, de forma alguma. Mas eu havia recebido uma carta dessa Martine.

— A senhorita tinha recebido uma carta de Martine?

— Sim, uma carta em que ela dizia que estava na Inglaterra e gostaria de me ver. Convidei-a a vir até aqui, mas recebi um telegrama com a notícia de que ela iria voltar para a França. Talvez tenha voltado, não sabemos. Mas um envelope endereçado a ela foi

encontrado aqui na propriedade. Isso parece demonstrar que ela esteve aqui. Mas eu realmente não entendo... — ela deixou a frase no ar.

Laddy Stoddart-West retrucou prontamente: — A senhorita não entende o que eu tenho a ver com isso, não é? Compreendo, eu também não entenderia, em seu lugar. Mas quando ouvi essa história, ou melhor, uma versão truncada dessa história, vi que teria de me certificar, porque, se fosse verdade...

— Sim? — disse Emma.

— Então eu teria que contar-lhe algo que preferia ocultar. Entenda, *eu* sou Martine.

Emma pregou os olhos na visitante, como se não acreditasse nos seus ouvidos.

— Como? A senhora? A senhora é Martine? — ela disse.

A outra fez um gesto vigoroso de assentimento.

— Sou. Sei que isso a surpreende, mas é a verdade. Conheci o seu irmão Edmund nos primeiros dias da guerra. Na verdade, ele estava alojado em nossa casa. Nós nos apaixonamos. Pretendíamos casar, quando houve a retirada de Dunkerque e Edmund foi dado como desaparecido. Mais tarde confirmaram a sua morte. Não vou lhe falar sobre essa época. Já faz muito tempo e está tudo acabado. Mas quero lhe dizer que amei profundamente o seu irmão.

“Então”, continuou ela, “tive de enfrentar a cruel realidade da guerra. Eu fazia parte do grupo encarregado de repatriar os soldados ingleses que se encontravam na França. Foi assim que conheci meu atual marido. Ele era oficial da Força Aérea e descera em meu país de pára-quadras, em missão especial. Quando a guerra terminou, nós nos casamos. Algumas vezes pensei em lhe escrever ou procurá-la, mas acabei por decidir o contrário. De nada adiantaria revolver velhas lembranças.

Eu tinha uma nova vida e não queria recordar o passado...” disse ela, e acrescentou depois de uma pausa: “Mas senti um estranho prazer quando descobri que o melhor amigo de meu filho James no colégio era sobrinho de Edmund! Alexander, como a senhorita provavelmente já reparou, parece-se muito com Edmund. Para mim

foi uma feliz coincidência que James e Alexander se tornassem tão bons amigos.”

Ela inclinou-se para a frente e colocou a mão no braço de Emma.

— Mas você agora compreende, minha querida Emma, que, quando ouvi falar sobre esse assassinato e sobre a hipótese de a vítima ser a tal Martine que Edmund conhecera, senti que precisava vir aqui contar a verdade. Você ou eu precisamos informar a polícia desse fato. Quem quer que fosse aquela mulher, não era Martine.

— Ainda mal posso acreditar que você — disse Emma — ...que você seja a Martine que meu querido Edmund conheceu.

Ela suspirou, sacudindo a cabeça, e então franziu a testa, perplexa. — Mas não estou entendendo... Foi você que me escreveu?

Lady Stoddart-West sacudiu a cabeça, numa negativa enfática. — Não, não. Claro que não lhe escrevi.

— Então... — Emma calou-se.

— Então talvez tenha sido alguém que pretendia lhe extorquir dinheiro, não? Só pode ter sido isso. Mas quem seria?

Emma perguntou devagar: — Na época deviam saber do seu envolvimento com Edmund, não?

A outra encolheu os ombros. — Provavelmente, mas ninguém com quem eu tivesse intimidade, nenhum parente próximo. E nunca mais toquei no assunto depois que vim para a Inglaterra. E por que esperariam todo esse tempo? É curioso, muito curioso.

— Não entendo — disse Emma. — Teremos de ouvir a opinião do Inspetor Craddock.

Subitamente, ela olhou para a visitante com ternura. — Estou tão feliz por tê-la conhecido, minha querida.

— E eu também. Edmund falava de você com frequência. Ele lhe tinha uma grande afeição. Sou feliz em meu lar, mas mesmo assim nunca o esqueci.

Emma recostou-se e deu um profundo suspiro.

— Sinto um enorme alívio — disse ela. — Enquanto tínhamos que a morta fosse Martine, o crime parecia ter ligação com a nossa família. Mas agora é como se tivessem tirado um peso dos meus

ombros. Não sei quem era aquela pobre mulher, mas ela não devia ter qualquer ligação com nenhum de nós!

Capítulo 23



— A curvilínea secretária entregou a Harold Crackenthorpe a sua xícara de chá da tarde.

— Obrigado, Miss Ellis. Pretendo ir para casa mais cedo hoje.

— O senhor nem devia ter vindo, Mr. Crackenthorpe — disse Miss Ellis. — Ainda está abatido.

— Estou bem — afirmou Harold Crackenthorpe, mas na verdade sentia-se mesmo abatido. Sem dúvida alguma passara por um mau pedaço. Mas ainda bem que tudo já terminara.

Esquisitíssimo, refletiu ele, era que Alfred tivesse sucumbido, enquanto o velho se recuperara. Afinal, ele já tinha... quantos anos mesmo?... setenta e três ou setenta e quatro? E há anos era um inválido. Se havia alguém que se julgaria não ter condições de resistir, esse alguém era o velho. Mas não, teve de ser Alfred. Alfred, que, ao que sabia, era um camarada saudável e rijo. Nada havia de errado com ele.

Harold recostou-se em sua cadeira com um suspiro. A moça tinha razão. Ele não tinha muita disposição ainda, mas precisava ir ao escritório. Queria ver como iam indo os negócios. Estava à beira da falência — um pequeno tropeção e pronto.

Tudo ali — ele olhou ao redor —, o escritório luxuosamente decorado, a madeira clara e encerada, as cadeiras modernas e dispendiosas, tudo indicava prosperidade. Fora aí que Alfred errara. Se aparentamos prosperidade, as pessoas acreditam que somos prósperos. Não havia boatos sobre a sua instabilidade financeira.

Mesmo assim o desastre não poderia ser evitado por muito mais tempo. Agora, se o pai tivesse morrido em vez de Alfred, como deveria ter acontecido... Mas ele parecia ter praticamente ter rejuvenescido com o arsênico. Sim, se o pai tivesse sucumbido, ele não teria mais motivos de preocupação.

Contudo, o principal era não se mostrar preocupado. Uma aparência próspera. Não como o pobre Alfred, sempre malvestido e desalinhado, parecendo exatamente o que era: um desses especuladores que nunca se atrevem a realizar negócios de grane monta. Sempre metido aqui e ali em transações duvidosas, com uma turma suspeita, sem chegar a arriscar o pescoço, mas indo bem perto disso. E aonde isso o levaria? A breves períodos de prosperidade, de depois de novo à penúria e à sordidez. Alfred não tivera uma visão ampla. Mas, num cômputo geral, não se podia dizer que sua morte tivesse sido uma grande perda.

Eles jamais gostara particularmente de Alfred, e, com ele fora do caminho, a herança que lhe caberia com o desaparecimento daquele velho rabugento seria sensivelmente maior, um quarto e não um quinto do total. Muito melhor.

O rosto de Harold desanuviou-se. Levantou-se, pegou o chapéu e o sobretudo e saiu. Era melhor ir com mais calma por um ou dois dias. Ainda não estava se sentindo muito forte. Seu carro o esperava embaixo e, pouco depois, ele abria caminho no tráfego londrino em direção à sua casa.

Darwin, o criado, abriu-lhe a porta.

— Lady Alice acabou de chegar, senhor — disse ele.

Por um instante, Harold olhou-o, estupefato. Alice! Deus do céu! Então era aquele o dia em que Alice deveria voltar? Ele esquecera completamente. Ainda bem que Darwin o avisara. Ficaria muito mal se ele tivesse subido e se mostrado surpreso ao vê-la. Não que isso fosse tão importante assim, nem ele nem Alice tinham muitas ilusões sobre os sentimentos que os uniam. Talvez Alice lhe tivesse afeição, mas ele não saberia dizer.

Tudo em Alice o desapontara. Ele nunca estivera apaixonado por ela, naturalmente, mas, embora ela não fosse bonita, era uma pessoa agradável. E a família e as relações dela tinham sido muito

úteis, sem dúvida alguma. Mas talvez não tão úteis quanto ele calculara, porque, ao casar-se com Alice, ele previra o futuro dos seus prováveis filhos. Seus meninos teriam boas relações. Mas não houvera menino algum, ou menina, e tudo o que lhe restara fora ele e Alice envelhecendo juntos, sem que um tivesse qualquer prazer especial na companhia do outro.

Ela passava longas temporadas com parentes e geralmente ia para a Riviera no inverno. Ela gostava disso, e ele não se incomodava.

Subiu para a saleta de estar e cumprimentou-a formalmente.

— Então você está de volta, querida. Sinto não ter ido esperá-la, mas não pude sair do escritório. Voltei o mais cedo possível. Como estava San Rafael?

Alice contou-lhe sobre San Rafael. Ela era uma mulher magra, de cabelos claros, nariz bem arqueado e olhos castanhos e distantes. Falava numa voz educada, monótona e algo deprimente. A viagem de volta corra bem, embora o canal estivesse um pouco agitado, e a alfândega em Dover, como sempre, uma maçada.

— Você devia ter vindo de avião — disse Harold, como sempre dizia em tais ocasiões. — É muito mais simples.

— É possível, mas não gosto de viajar de avião. Fico nervosa.

— Economiza-se muito tempo — disse Harold.

Lady Alice Crackenthorpe não respondeu. Talvez porque o seu problema não fosse economizar tempo, e sim fazê-lo passar mais depressa. Perguntou polidamente pela saúde do marido.

— O telegrama de Emma alarmou-me — disse ela. — A família adoeceu, não foi?

— Sim, foi — respondeu Harold.

— Outro dia — disse Alice —, li no jornal que quarenta pessoas sofreram uma forte intoxicação alimentar num hotel. Essa mania de refrigeração é perigosa. As pessoas guardam os alimentos tempo demais.

— É possível — retrucou Harold. Ele devia ou não mencionar o arsênico? No mundo de Alice não havia lugar para envenenamentos, isso era coisa que apenas se lia nos jornais,

nunca acontecia a ninguém da família. Mas acontecera com a família Crackenthorpe.

Ele subiu para o seu quarto e deitou-se por uma ou duas horas antes de vestir-se para o jantar. Na mesa, *tête-à-tête* com a esposa, a conversa prosseguiu sobre os mesmo tópicos, desconexa, cortês. Mencionaram conhecidos e amigos de San Rafael.

— Há um pacote para você na mesa do vestíbulo, um pacote pequeno — disse Alice.

— É? Eu não vi.

— Que coisa estranha, outro dia alguém me falou que haviam encontrado uma mulher estrangulada num celeiro, ou coisa parecida, e que isso acontecera em Rutherford Hall. Suponho que se trate de uma outra Rutherford Hall.

— Não — disse Harold. — Para falar a verdade, foi mesmo em nosso celeiro.

— Que coisa incrível, Harold! Uma mulher assassinada no celeiro de Rutherford Hall e você não me diz nada?

— Bem, ainda não houve tempo — retrucou Harold —, e o caso foi muito desagradável. Nada teve a ver conosco, naturalmente, mas a imprensa explorou ao máximo o assunto, e é claro que tivemos de chamar a polícia e tudo o mais.

— Que desagradável! — disse Alice. — Eles descobriram quem matou a mulher? — acrescentou ela, mais por polidez que por interesse.

— Ainda não — disse Harold.

— Que espécie de mulher era ela?

— Ninguém sabe. Parece que era francesa.

— Ah... francesa... — disse Alice, num tom que, levando-se em conta as diferenças de classe, assemelhava-se bastante ao do Inspetor Bacon. — Deve ter sido constrangedor para todos — acrescentou.

Os dois deixaram a sala de jantar e dirigiram-se para o pequeno gabinete onde costumavam sentar-se quando sozinhos. A essa altura uma forte lassidão envolvera Harold. "Vou dormir cedo", pensou.

Ele apanhara o pequeno embrulho que estava em cima da mesa do vestíbulo. Era um volume pequeno, meticulosamente embalado em papel encerado. Na etiqueta, lia-se: "Aviado a pedido do Dr. Quimper".

Harold Crackenthorpe franziu a testa e, abrindo a caixa, examinou os comprimidos. Pareciam iguais aos que estivera tomando. Mas o Dr. Quimper não lhe dissera que podia interromper a medicação? Tinha certeza que sim! "O senhor não precisa mais disso", dissera Quimper.

— O que é, querido? — perguntou Alice. — Você parece preocupado.

— Oh, são apenas comprimidos. Eu estava tomando esse remédio à noite, mas julguei que o médico tinha dito que eu não precisava mais deles.

A mulher retrucou placidamente: — Provavelmente o que ele lhe disse foi que não se esquecesse de tomá-los.

— É, talvez tenha sido isso — admitiu Harold, num tom de dúvida.

Ele olhou para a esposa. Ela o observava. Por um instante ele se perguntou

— o que era raro — o que ela estaria pensando. Aquele olhar tranquilo não revelava nada. Os olhos de Alice eram como janelas de uma casa vazia. O que Alice pensava e sentia a seu respeito? Alguma vez estivera apaixonada por ele? Ele acreditava que sim. Ou será que ela se casara com ele porque achara que sua situação financeira era boa e ela estava cansada de uma vida medíocre? Bem, no cômputo geral, ela não podia se queixar. Tinha uma casa em Londres, um carro, podia viajar quando tinha vontade, e comprar roupas caras, embora elas perdessem toda a graça quando Alice as usava. Sim, ela não podia se queixar.

Ele se perguntou se ela seria da mesma opinião. Alice não gostava realmente dele, mas ele também não gostava dela. Eles nada tinham em comum, nenhum assunto para conversar, nem lembranças a compartilhar. Se tivessem tido filhos...

Mas eles não tinham vindo. Estanho como não havia crianças na família, exceto o menino de Eddie. A pequena Eddie. Fora uma

tolice aquele seu casamento apressado em tempo de guerra. Bem que ele a aconselhara. Ele dissera: “Esses jovens pilotos arrojados e glamourosos... Agora está tudo bem, mas em tempo de paz ele será um fracasso, você verá. Provavelmente mal conseguirá garantir o seu sustento”. E Eddie redarguia: “O que importa isso?” Ela amava Bryan e Bryan a amava, e provavelmente o avião dele seria abatido. Por que os dois não deveriam desfrutar de alguma felicidade? De que adiantava se preocupar com o futuro quando uma bomba podia cair sobre eles a qualquer minuto? E depois, dissera Eddie, o futuro realmente não importava, porque algum dia eles iriam receber todo aquele dinheiro do avô.

Harold remexeu-se na poltrona, inquieto. Realmente aquele testamento do avô fora injusto! Mantinha-os todos presos como marionetes. Não agradara aos netos e deixara o filho lívido de raiva. Agora o velho estava decidido a não morrer breve. Sem dúvida iria morrer breve. De outra forma... As preocupações de Harold envolveram-no outra vez e ele sentiu-se mal, tonto e cansado. Percebeu que Alice ainda o observava. Aqueles olhos claros, pensativos, deixavam-no pouco à vontade.

— Acho que vou dormir — disse ele. — Este foi meu primeiro dia no escritório.

— É uma boa ideia — concordou Alice. — Estou certa de que o médico recomendou que você não se esforçasse muito no início.

— Os médicos sempre dizem isso — retrucou Harold.

— E não esqueça os seus comprimidos, querido — disse Alice, apanhando a caixa e entregando-a a Harold.

Ele disse boa-noite e subiu. Sim, precisava mesmo daqueles comprimidos.

Fora um erro suspendê-los tão cedo. Pegou dois e engoliu-os com um copo d'água.

Capítulo 24



— Creio que ninguém poderia ter embaralhado mais as coisas do que eu — disse Dermot Craddock, desanimado.

Estava sentado com as longas pernas esticadas para a frente, parecendo fora de lugar na atulhada sala de visitas da fiel Florence. Sentia-se completamente exausto, transtornado e desencorajado.

Miss Marple discordou, numa voz suave e tranquilizadora:

— Não, não. Você fez um ótimo trabalho, meu filho. Realmente um ótimo trabalho.

— Um ótimo trabalho? Como? Deixei toda uma família ser envenenada. Alfred Crackenthorpe está morto, e agora Harold também. Eu queria saber que diabos está acontecendo por lá!

— Comprimidos de veneno — disse Miss Marple, pensativa.

— Sim, o criminoso foi infernalmente astuto. Os comprimidos são iguaizinhos aos que ele estava tomando. Na etiqueta estava escrito em maiúsculas: "Aviado a pedido Dr. Quimper". Pois bem, Quimper não mandou aviar nenhuma receita, e o farmacêutico não sabia nada a respeito da encomenda, apesar de a etiqueta ser sua. Não, aquela caixa de comprimidos foi enviada de Rutherford Hall.

— Tem certeza disso?

— Sim, nós verificamos cuidadosamente. Na verdade, a caixa era dos comprimidos sedativos que o doutor receitara para Emma.

— Sim. A caixa tem as impressões digitais nela, das duas enfermeiras e do farmacêutico que aviou a receita. E de mais

ninguém, naturalmente. A pessoa que a enviou foi cuidadosa.

— E substituiu os comprimidos de sedativo por algo bem diferente?

— Sim. Este é que é o mal com essas cápsulas. São todas semelhantes.

— Você tem razão — concordou Miss Marple. — Quando eu era jovem, os remédios vinham sempre em vidros, na forma de xaropes. Havia o preto, o castanho (era o xarope para tosse), o branco, o rosa do Dr. Fulano... Ninguém fazia confusão com eles. Na verdade, na minha aldeia de St. Mary Mead a população ainda aprecia esse tipo de remédio. É sempre um líquido que eles querem, não comprimidos. Mas o que continham as tais cápsulas? — perguntou ela.

— Acônito. Do tipo que geralmente se vende em vidros de veneno e é usado em soluções a um por cento, para aplicação externa.

— E Harold engoliu-os e morreu — disse Miss Marple, pensativa.

Dermot Craddock deixou escapar algo parecido com um gemido.

— Espero que meus desabafos não a incomodem — disse ele. — A senhora parece-me tão compreensiva, é como uma tia camarada com quem podemos discutir nossos problemas.

— É muita, muita delicadeza sua — retrucou Miss Marple —, fico envaidecida. Como é afilhado de Sir Henry, sinto-me muito mais à vontade com você do que se fosse com um inspetor-detetive comum.

Dermot Craddock deu um leve sorriso.

— Mas é inegável que fracassei redondamente, com horríveis consequências

— disse ele. — O chefe de polícia local chama a Scotland Yard, e o que acontece? Eu venho e me porto como um idiota!

— Não, nada disse — protestou Miss Marple.

— É isso mesmo. Não sei quem envenenou Alfred, não sei quem envenenou Harold e, para cúmulo, não tenho a mínima ideia de quem seja a primeira vítima! A hipótese de que fosse Martine parecia tão plausível! Tudo parecia se ajustar. E agora, onde estamos? A verdadeira Martine se apresenta, e, por mais incrível

que pareça, é a própria esposa de Sir Robert Stoddart-West. E então quem é a mulher do celeiro? Só Deus sabe! A princípio amarrei-me na ideia de que ela era Anna Stravinska, para depois descobrir que ela nada teve a ver com o caso.

Miss Marple deu uma de suas pequenas e significativas tossidelas.

— Será que não teve mesmo? — murmurou ela.

Craddock olhou para ela. — Bem, aquele cartão-postal era da Jamaica.

— Sim — disse Miss Marple —, mas isso realmente não prova nada, não é?

Creio que qualquer um pode arranjar para que um cartão-postal seja remetido de um lugar qualquer, não é? Lembro-me de Mrs. Brierly, que teve um sério esgotamento nervoso. Por fim ela precisou se internar para tratamento, ficou tão preocupada querendo esconder isso dos filhos que escreveu uns catorze cartões-postais, providenciou para que fossem enviados de várias cidades do estrangeiro e disse às crianças que a mamãe ia fazer uma viagem de recreio — e, olhando para Dermot Craddock, Miss Marple acrescentou: — Entende o que quero dizer?

— Sim, certamente — retrucou Craddock, olhando-a fixamente. — É claro que teríamos averiguado a procedência daquele cartão-postal, se a história de Martine não se ajustasse tão bem aos fatos.

— É, muito conveniente — murmurou Miss Marple.

— Tudo combinava — disse Craddock. — Mas ainda temos a carta assinada por Martine Crackenthorpe que Emma recebeu. Não foi Lady Stoddart-West quem a mandou, foi alguém que pretendia passar por Martine para tirar proveito. A senhorita não pretende negar isso, não é?

— Não, não.

— E temos também o envelope da carta que Emma escreveu para o endereço londrino dessa pessoa. O envelope foi encontrado em Rutherford Hall, confirmando que essa pessoa esteve lá.

— Mas a mulher assassinada não esteve realmente lá! — retorquiu Miss Marple. — Não sobre as suas próprias pernas! Ela foi

parar em Rutherford Hall depois de morta, empurraram-na do trem e ela caiu na ribanceira que ladeia a estrada de ferro.

— Oh, é verdade.

— O que o envelope realmente prova é que o assassino esteve lá. Provavelmente ele tirou o envelope dela junto com os seus outros documentos e deixou-o cair acidentalmente... ou será o caso de perguntarmos: terá sido mesmo acidentalmente? O Inspetor Bacon e seus homens revistaram todo o local e não encontraram nada. O envelope só foi aparecer mais tarde, no quarto da caldeira.

— Isso é compreensível — disse Craddock. — O velho jardineiro costuma apanhar todo papel usado que encontra para guardar no quarto da caldeira.

— Onde o envelope ficou convenientemente à espera de que os meninos o encontrassem... — disse Miss Marple, pensativa.

— Acha que alguém queria que ele fosse encontrado?

— Bem, não sei... Afinal, seria bem fácil prever onde os meninos iriam procurar em seguida, ou mesmo sugerir algum lugar... Sim, tenho as minhas suspeitas. A descoberta do envelope fez com que você parasse de pensar em Anna Stravinska, não foi?

— E a senhorita acha que a mulher assassinada é mesmo Anna? — perguntou Craddock.

— Eu só acho que alguém se alarmou quando você começou a fazer perguntas sobre ela. Acho que alguém quis deter essas investigações.

— Não vamos esquecer o fato básico de que alguém pretendia representar o papel de Martine — disse Craddock —, mas por alguma razão não o fez. Por quê?

— Essa é uma pergunta muito interessante — retrucou Miss Marple.

— Alguém mandou um telegrama dizendo que Martine ia voltar para a França, deu um jeito de pegar o mesmo trem em que a moça vinha para cá e matou-a no caminho. Até aqui concorda comigo?

— Não completamente — disse Miss Marple. — Creio que o caso é bem mais simples do que você pensa.

— Simples? — exclamou Craddock, e queixou-se: — A senhorita está me confundindo.

Miss Marple replicou, consternada, que essa não fora a sua intenção.

— Vamos, diga-me — tornou Craddock —, a senhorita sabe ou não sabe quem era a mulher assassinada?

Miss Marple suspirou.

— É tão difícil explicar isso direito... Olhe, eu não sei *quem* ela era, mas eu sei quem ela era, se está me entendendo.

— Se eu estou entendendo? — retrucou Craddock, erguendo a cabeça e olhando para fora em seguida: — Absolutamente não.

— Bem, já vou indo — acrescentou ele. — Meu amor-próprio está muito ferido esta tarde, e a companhia de uma jovem que irradia sucesso e eficiência é mais do que eu posso suportar.

Capítulo 25



— Procurei o significado de “tontina” no dicionário — disse Lucy. Elas já haviam se cumprimentado e Lucy agora estava andando distraidamente pela sala, examinando aqui um cachorrinho de *biscut*, ali uma toalhinha de crochê, um vaso na janela.

— Pensei que provavelmente você faria isso — retrucou calmamente Miss Marple.

Lucy citou de memória um verbete: — “De Lorenzo Tonti, banqueiro italiano que em 1653 deu origem a uma forma de anuidade na qual as cotas dos subscritores falecidos são adicionadas às cotas dos sobreviventes” — e acrescentou, depois de uma pausa: — É isso, não é? Isso ajusta-se ao caso, e você já estava pensando nisso mesmo antes dessas duas últimas mortes.

Ela retomou sua peregrinação inquieta, quase sem propósito, em torno da sala. Miss Marple ficou observando-a. Aquela era uma Lucy Eyelesbarrow bem diferente da que conhecia.

— Creio que um testamento desse tipo é quase uma provocação, não? Se só um herdeiro sobrevive, ele recebe o bolo inteiro... Contudo, a herança é bem considerável, não? Todo mundo pensaria que mesmo dividida seria satisfatória...

Lucy calou-se deixando a frase no ar...

— O problema — replicou Miss Marple — é que as pessoas, isto é, algumas pessoas são gananciosas. É assim muitas vezes que as coisas começam. No início a pessoa não pretende cometer um assassinato, nem mesmo pensa nisso.

Começa apenas sendo gananciosa, querendo mais do que lhe está destinado. — Largou o tricô no colo e seu olhar tornou-se distante. — Foi assim que conheci o Inspetor Craddock, sabe, num caso que houve em Medenham. Tudo começou da mesma forma, uma criatura simpática mas fraca, que queria muito dinheiro, dinheiro a que não tinha direito, mas que lhe parecia fácil de obter. A princípio ela não cogitava de assassinar alguém. Só precisava fazer algo tão simples e fácil que nem lhe parecia errado. É assim que as coisas começam. Mas terminou com três mortes.

— O mesmo que aqui — disse Lucy. — Já morreram três pessoas: a mulher que se fazia passar por Martine e que poderia reivindicar uma parte da herança para o seu filho, depois Alfred, e agora Harold. Só ficaram dois, não é?

— Está se referindo a Cedric e Emma? — perguntou Miss Marple.

— A Emma não. Emma não é um homem alto e moreno. Não, refiro-me a Cedric e Bryan Eastley. Eu nunca tinha pensado em Bryan porque ele é louro.

Tem um enorme bigode louro e olhos azuis. Mas outro dia...

Lucy fez uma pausa.

— Continue — disse Miss Marple. — Conte-me. Alguma coisa a está preocupando muito, não é?

— Foi quando Lady Stoddart-West estava se despedindo. Ela ia entrar no carro, quando se virou subitamente e perguntou: “Quem era aquele homem alto, de cabelos escuros, que estava de pé no terraço quando cheguei aqui?” A princípio não consegui atinar quem fosse, porque Cedric ainda estava acamado, e retruquei, perplexa: “Não está se referindo a Bryan Eastley, está?” E ela disse: “Ora, naturalmente, o comandante da esquadra Eastley! Ele se escondeu uma vez em nosso celeiro na França, na época da Resistência. Não esqueci o seu jeitão de ficar em pé, a linha de seus ombros”, e acrescentou: “Gostaria de falar com ele”.

Mas não conseguimos encontrá-lo.

Miss Marple não disse nada, apenas esperou.

— E então — continuou Lucy —, mais tarde, quando olhei para ele... ele estava de pé, de costas para mim, e percebi que já devia ter visto antes, que, mesmo quando um homem tem cabelos claros,

eles parecem escuros por causa da brilhantina que usam. Creio que os cabelos de Bryan são castanho-claros, mas parecem escuros. Portanto pode ter sido Bryan quem sua amiga viu no trem...

— Sim — disse Miss Marple. — Já pensei nisso.

— Você pensa em tudo, não é? — retrucou Lucy com azedume.

— Bem, querida, é preciso.

— Mas não vejo o que Bryan lucraria com isso tudo. O dinheiro iria para Alexander, não para ele. Creio que sua vida ficaria mais fácil, ele poderia se permitir certos luxos, mas não poderia usar o capital para os seus planos, ou qualquer coisa parecida.

— Mas se algo acontece a Alexander antes de ele completar os vinte e um anos, então Bryan receberia o dinheiro por ser seu parente mais próximo — ressaltou Miss Marple.

Lucy lançou-lhe um olhar horrorizado. — Ele não faria uma coisa dessas. Nenhum pai seria capaz disso só... só por causa de dinheiro.

Miss Marple suspirou. — As pessoas são capazes, sim, minha querida. É muito triste, é horrível, mas elas são capazes.

— As pessoas fazem coisas terríveis — continuou Miss Marple. — Conheci uma mulher que envenenou três dos seus filhos só para receber um segurozinho. E também uma velha senhora, aparentemente muito simpática, que envenenou o filho quando ele voltou para casa de licença. E há também o caso da velha Mrs. Stanwich, que saiu nos jornais, você deve ter lido a notícia. A filha dela morreu, e depois o filho, e então ela disse que também fora envenenada. Eles encontraram veneno no mingau, mas descobriram que ela mesma o colocara lá. Sabe, ela já estava planejando envenenar a filha caçula! E não fez isso por dinheiro, não. Ela tinha inveja deles por serem mais jovens e saudáveis que ela, e tinha medo (é uma coisa horrível, mas é verdade) de que eles fossem gozar a vida e divertir-se depois que ela morresse. Ela sempre controlara o dinheiro com mão de ferro. Era um pouco biruta, como dizem por aí, mas não creio que isso desculpe nada. Acho que há várias formas de birutice. Às vezes a pessoa começa a distribuir tudo o que é seu, a passar cheques de contas bancárias inexistentes só para beneficiar os outros. Isso mostra que por baixo da maluquice a pessoa tinha um coração terno. Mas se além da

maluquice a pessoa tem um coração duro, então é o diabo. Bem, Será que isso a ajudou em alguma coisa, minha querida Lucy?

— O que é que me ajudou? — perguntou Lucy, perplexa.

— O que estive lhe contando — disse Miss Marple, e acrescentou com doçura: — Você não deve se preocupar, sabe? Por favor, não se preocupe. Elspeth McGillicuddy estará aqui a qualquer momento.

— Não vejo a importância disso.

— Talvez você não veja, querida. Mas acredito que a vinda dela é importante.

— Não posso deixar de me preocupar — tornou Lucy. — Sabe, acabei me envolvendo com aquela família.

— Eu sei, querida. É muito difícil para você, porque, de maneiras diferentes, sente-se fortemente atraída pelos dois, não é verdade?

— O que quer dizer com isso? — retrucou Lucy com vivacidade.

— Eu estava falando sobre os dois filhos do velho — disse Miss Marple —, ou melhor, sobre o filho e o genro. Foi uma sorte que os dois membros menos atraentes da família tenham morrido e os dois mais simpáticos sobrevivido, não é? Eu percebo a atração de Cedric Crackenthorpe. Ele tem uma tendência para se mostrar pior do que realmente é, e gosta de provocar as pessoas.

— Às vezes ele me deixa furiosa — disse Lucy.

— Sim, e você gosta disso, não? — disse Miss Marple. — Você possui muito entusiasmo, e as disputas lhe dão prazer. Posso ver onde reside a atração. Já Mr. Eastley é do tipo desamparado, parece um garotinho infeliz. Isso também pode ser atraente.

— E um deles é um assassino — disse Lucy com amargura —, e na realidade pode ser qualquer um, não há muita diferença entre os dois. Cedric não está ligando nem um pouco para a morte do irmão Alfred, nem para a de Harold. Ele fica lá sentado, com um ar satisfeito, planejando o que fará com Rutherford Hall e repetindo que vai precisar de muito dinheiro para realizar os seus projetos. Naturalmente eu sei que ele é o tipo de pessoa que exagera a própria insensibilidade e tudo o mais. Mas isso também pode ser um disfarce. O que quero dizer é que todos podem pensar que ele é o menos empedernido do que aparenta, mas na realidade pode ser que ele seja muito mais insensível ainda!

— Minha querida Lucy, lamento muito tudo isso.

— E há Bryan — continuou Lucy. — É estranhíssimo, mas Bryan parece que desejaria realmente morar lá. Ele acha que iria se divertir à grande com Alexander e tem mil projetos.

— Ele está sempre cheio de planos de todos os tipos, não é?

— Sim, acho que sim. Aparentemente são todos ótimos, mas tenho a desagradável impressão de que nunca funcionariam. Não são práticos, sabe? Teoricamente parecem corretos, mas acho que ele não leva em consideração as dificuldades concretas.

— Praticamente são planos no ar, não?

— Sim, em mais de um sentido. No sentido literal também. Talvez um piloto de caça realmente bom não consiga mais descer à terra...

Lucy acrescentou: — Ele gosta muito de Rutherford Hall porque o faz lembrar da grande casa vitoriana em que viveu na sua infância.

— Compreendo — disse Miss Marple, pensativa. — Sim, compreendo.

Então, com um rápido olhar de soslaio para Lucy, fez nova arremetida: — Mas isso não é tudo, não é, querida? Ainda há mais alguma coisa.

— Oh, sim, ainda há mais alguma coisa. Uma coisinha que só percebi há uns dois dias. Sabe, na realidade Bryan esteve naquele trem.

— No trem que sai às dezesseis e trinta e três de Paddington?

— Sim. Emma achou que precisaria prestar contas de seus movimentos do dia 20 de dezembro e relatou-os meticulosamente: uma reunião matutina, compras à tarde, chá no Green Shammock, e depois apanhar Bryan na estação. Fiz um cálculo e concluí que ele deve ter vindo no trem das dezesseis e trinta e três. Perguntei a ele, em tom casual, só para me certificar, e ele respondeu que viera no 16h33, sim, que bateu com o carro e o mandou para o conserto. Teve que vir de trem... uma terrível chateação, disse, ele detesta trens. Falou com muita naturalidade. Acho que ele não é o culpado, mas de alguma forma gostaria que não tivesse vindo naquele trem...

— Então ele estava no trem... — disse Miss Marple, pensativa.

— Isso não prova nada. Essa suspeita é horrível. O fato de não sabermos. E talvez nunca venhamos a saber!

— É claro que saberemos, querida — retrucou Miss Marple com vivacidade. — Isso não vai parar nesse ponto. Uma coisa que aprendi sobre assassinos é que eles não conseguem deixar as coisas como estão. Pelo menos, não depois de cometer o segundo assassinato — afirmou Miss Marple. — Mas não fique assim preocupada, Lucy. A polícia está fazendo o que pode, e tentando proteger a todos. E o que é mais importante: Elspeth McGillicuddy chegará a qualquer momento.

Capítulo 26



— Ouça, Elspeth, compreendeu bem o que quero que você faça?

— Você foi bem clara, Jane — disse Mrs. McGillicuddy —, mas preciso dizer que acho isso muito esquisito.

— Não é nada esquisito, não — retrucou Miss Marple.

— Bem, eu acho. Chegar a uma casa e quase imediatamente pedir para ir... para ir lá em cima?

— Está muito frio — redarguiu Miss Marple —, e afinal você pode ter comido qualquer coisa que tenha lhe feito mal e precisa ir... ir lá em cima, ora. Essas coisas acontecem. Lembro-me de que uma vez a pobre Louisa Felby foi me visitar e precisou pedir para ir lá dentro cinco vezes em meia hora. Foi pro causa de um pastel estragado — acrescentou Miss Marple, num parênteses.

— Se ao menos você me explicasse o que está pretendendo, Jane — protestou Mrs. McGillicuddy.

— É justamente isso o que eu não quero fazer — retrucou Miss Marple.

— Você é irritante, Jane. Primeiro me faz vir até aqui do Ceilão antes do necessário...

— Sinto muito, mas eu não podia deixar de fazer isso. Alguém pode ser assassinado a qualquer momento. Oh, sei que estão todos de sobreaviso e que a polícia está tomando todas as precauções possíveis, mas sempre existe a possibilidade de que o criminoso seja mais esperto do que eles. Assim, você vê, Elspeth, que era o seu dever regressar, não? Afinal, nós duas fomos educadas para cumprirmos o nosso dever, não fomos?

— Certamente — disse Mrs. McGillicuddy —, na época da nossa juventude não existia essa perversidade.

— Então estamos combinadas — disse Miss Marple. — Olhe, o táxi está aí — acrescentou ela ao ouvir uma buzina na frente da casa.

Mrs. McGillicuddy vestiu o seu pesado casaco sal-e-pimenta e Miss Marple envolveu-se num monte de xales e cachecóis. Em seguida as duas senhoras tomaram o táxi e seguiram para Rutherford Hall.

II

— Quem será que está chegando aí? — perguntou Emma, ao ver o táxi passar sob a janela. — Parece que é a velha tia de Lucy.

— Que amolação — disse Cedric, que, sentado numa espreguiçadeira, folheava um exemplar de *Vida Campestre*. — Diga que não estamos em casa.

— Você pretende que eu vá até lá e diga isso a ela, ou acha melhor mandar Lucy despachar a tia?

— Não tinha pensado nisso — retrucou Cedric. — Suponho que estava raciocinando em termos de mordomos e lacaios, se é que eles ainda existem. Lembro-me de um mordomo que tivemos antes da guerra. Ele meteu-se com a copeira e houve um terrível quiproquó. Mas aquela velha faxineira não está aí?

Nesse instante Mrs. Hart, que estivera polindo os metais, abriu a porta e deixou entrar Miss Marple, envolta numa nuvem de xales e cachecóis, seguida por um vulto mais pesado e discreto.

— Espero não estar sendo intrometida, mas vou para casa depois de amanhã e não podia deixar de vir vê-los e agradecer novamente a sua delicadeza com Lucy. Oh, esqueci. Posso apresentar-lhes a minha amiga, Mrs. McGillicuddy, que está hospedada em minha casa?

— Muito prazer — disse Mrs. McGillicuddy, olhando Emma com atenção e em seguida fixando a vista em Cedric, que se levantara.

Nesse momento, Lucy entrou na sala. — Tia Jane, eu não tinha ideia de que...

— Eu precisava vir me despedir de Miss Crackenthorpe — disse Miss Marple, virando-se para ela. — Ela foi tão, mas tão delicada com você, Lucy.

— Lucy é que foi delicada conosco — disse Emma.

— É verdade — juntou Cedric. — Temos feito a pobrezinha trabalhar como uma escrava... cuidando de doentes, subindo e descendo escadas, preparando sopinhas especiais...

Miss Marple interrompeu-o. — Fiquei consternada ao saber que estiveram doentes. Espero que agora já estejam completamente recuperados.

— Oh, já estamos bem, obrigada — disse Emma.

— Lucy contou que esteve muito mal. Intoxicação é uma coisa realmente perigosa. Foram os cogumelos, não?

— A causa continua sendo um mistério — disse Emma.

— Não acredite nisso — atalhou Cedric. — Aposto que ouviu os boatos que correm por aí, Miss...

— Marple — disse Miss Marple.

— Bem, como eu dizia, aposto que ouviu os boatos que correm por aí. Nada como arsênico para alvoroçar uma comunidade.

— Cedric — censurou Emma. — Gostaria que não comentasse isso. Sabe o que o Inspetor Craddock disse...

— Ora, todo mundo já sabe — disse Cedric. — Até as senhoras, não? —

perguntou ele, virando-se para Miss Marple e Mrs. McGillicuddy.

— Acabei de chegar do estrangeiro — disse Mrs. McGillicuddy. — Anteontem —

acrescentou ela.

— Ah, bem, então ainda não está enfronhada nos escândalos locais — disse Cedric. — Havia arsênico no ensopado, foi isso o que aconteceu. Aposto que a tia de Lucy sabe a história toda.

— Bem — disse Miss Marple —, é verdade que ouvi falar... foram apenas umas insinuações, naturalmente, mas eu não queria embará-la, Miss Crackenthorpe.

— Não dê atenção ao meu irmão — disse Emma. — Ele gosta de deixar as pessoas desconcertadas — acrescentou ela, sorrindo com doçura.

A porta abriu-se e Mr. Crackenthorpe entrou, batendo raivosamente com a bengala no chão.

— Onde está o meu chá? Por que o meu chá ainda não está pronto? Ei, você, mocinha — disse ele, dirigindo-se a Lucy: — Por que ainda não serviu o chá?

— O chá está pronto, Mr. Crackenthorpe. Vou servi-lo agora. Eu estava acabando de arrumar a mesa.

Lucy deixou a sala, e Mr. Crackenthorpe foi apresentado a Miss Marple e a Mrs. McGillicuddy.

— Gosto de refeições na hora certa — disse Mr. Crackenthorpe. — Pontualidade e economia, eis os meus lemas.

— Muito apropriados, sem dúvida — retrucou Miss Marple —, especialmente nessa época de impostos elevados e tudo o mais.

Mr. Crackenthorpe fungou.

— Impostos! Ah, não me fale nesses ladrões. Um mísero pobretão, eis o que sou hoje. E isso só vai piorar. Você vai ver, meu rapaz — disse ele para Cedric —, quando a propriedade for sua, aposto que os socialistas vão confiscá-la para transformá-la num centro comunitário ou coisa parecida! E ainda vão ficar com os seus rendimentos para mantê-los!

Lucy reapareceu com a bandeja do chá, seguido por Bryan Eastley, trazendo outra bandeja com sanduíches, pão e manteiga e um bolo.

— O que é isso? O que é isso? — inquiriu Mr. Crackenthorpe, inspecionando a bandeja. — Para que esse bolo confeitado? Há alguma festa aqui hoje? Ninguém contou nada.

Um leve rubor coloriu o rosto de Emma.

— O Dr. Quimper virá para o chá, papai. Hoje é o aniversário dele e eu...

— Aniversário? — resmungou o velho. — Para que ele quer saber de aniversários? Aniversários são para crianças. Eu não festejo os meus aniversários e não deixo que falem nisso.

— Assim fica mais barato — disse Cedric. — O senhor economiza o dinheiro das velas.

— Não quero mais ouvir uma palavra sua, rapaz — rosnou Mr. Crackenthorpe.

Miss Marple apertou a mão de Bryan Eastley.

— Lucy já me falou a seu respeito — disse ela. — Meu Deus, o senhor lembra-me muitíssimo alguém que eu conheci em St. Mary Mead, a aldeia em que vivo há muitos anos, sabe? É muito parecido com Ronnie Wells, o filho do advogado. Ele não conseguiu se ajustar quando começou a trabalhar com o pai. Decidiu ir para a África e iniciar uma linha de barcos de carga num dos lagos de lá, o Victoria ou o Niassa, ou terá sido no Albert? Não sei bem, mas de qualquer forma lamento dizer que ele fracassou e perdeu todo o capital. Foi uma pena! Será que ele não é parente seu? A semelhança é enorme!

— Não — disse Bryan —, acho que não tenho nenhum parente de nome Wells.

— Ele estava noivo de uma moça muito simpática — continuou Miss Marple — e muito sensata. Ela tentou dissuadi-lo, mas ele não lhe deu ouvidos. Estava errado, naturalmente. As mulheres têm muito tino quando se trata de dinheiro. Mas não de altas finanças, naturalmente. Meu pai costumava dizer que nenhuma mulher entende disso, mas em questões mais simples... Mas que linda vista os senhores têm dessa janela! — acrescentou ela, atravessando a sala e olhando para fora.

Emma juntou-se a ela.

— O parque é imenso, não? O gado junto ao arvoredo, que visão pitoresca! Ninguém imaginaria que estamos no meio de uma cidade!

— Esta propriedade na realidade é um anacronismo — disse Emma. — Se as janelas estivessem abertas, a senhorita ouviria o ruído do tráfego.

— Oh, naturalmente — disse Miss Marple. — Hoje em dia em toda parte há ruído, não é? Até mesmo em St. Mary Mead. A aldeia fica bem perto de um aeroporto, sabe? O jeito como aqueles jatos voam sobre nós é realmente assustador. Outro dia, dois vidros da

minha estufa se espatifaram. Parece que um avião atravessou a barreira do som, ou coisa parecida, não sei bem o que seja isso.

— É muito simples — disse Bryan amavelmente, aproximando-se. — Olhe, é assim...

Miss Marple deixou cair a bolsa e Bryan apanhou-a cortesmente. No mesmo instante Mrs. McGillicuddy aproximou-se de Emma e murmurou qualquer coisa, numa voz angustiada. A sua angústia era bem genuína, pois era com o maior desprazer que Mrs. McGillicuddy se desincumbia de sua tarefa.

— Por favor, será que eu poderia ir lá em cima? — perguntou ela.

— Certamente — respondeu Emma.

— Eu a levo até lá — disse Lucy.

Lucy e Mrs. McGillicuddy deixaram a sala juntas.

— O ar lá fora está gelado — disse Miss Marple numa vaga explicação.

— Quanto à barreira do som — continuou Bryan —, o que acontece é que... Oh, lá está Quimper.

O médico saltou do carro e pouco depois entrou, esfregando as mãos e parecendo estar com muito frio.

— Tenho um palpite de que vai nevar — disse ele. — Olá, Emma, como vai você? Meu Deus, o que é isso?

— Fizemos um bolo de aniversário para você — disse Emma. — Não se lembra? Contou-me que hoje era o seu aniversário.

— Eu não esperava tudo isso — disse Quimper. — Sabe, faz muitos anos...

creio que uns dezesseis anos desde a última vez em que alguém lembrou do meu aniversário.

Ele parecia quase desconfortavelmente comovido.

— Você conhece Miss Marple? — disse Emma.

— Oh, sim — acudiu Miss Marple. — Conheci o Dr. Quimper há poucos dias, quando ele foi me ver. Tive um resfriado forte e ele foi muito atencioso.

— A senhorita já está bem, espero — disse o médico.

Ela assegurou-lhe de que estava perfeitamente bem agora.

— Você não tem vindo me ver ultimamente, Quimper — disse Mr. Crackenthorpe. — Eu podia estar morrendo por falta de cuidados.

— Não creio que o senhor vá morrer tão cedo — disse o Dr. Quimper.

— Não tenho nenhuma intenção de fazer isso — retrucou o velho. — Vamos, vamos tomar o chá. O que estamos esperando?

— Oh, por favor — disse Miss Marple —, não esperem pela minha amiga. Ela ficaria consternada se o fizessem.

Todos se sentaram e o chá foi servido. Miss Marple aceitou primeiro uma fatia de pão com manteiga e em seguida pegou um sanduíche.

— Eles são de... — ela hesitou.

— De peixe — disse Bryan. — Eu ajudei a prepará-los.

Mr. Crackenthorpe soltou uma gargalhada.

— Vai ver que o patê de peixe está envenenado — brincou. — Coma-os, mas o risco é seu.

— Papai, por favor!

— É preciso tomar muito cuidado com o que se come nesta casa — disse Mr. Crackenthorpe a Miss Marple. — Dois dos meus filhos já morreram como moscas. O que eu queria saber é quem fez isso!

— Não deixe que ele a perturbe — atalhou Cedric, oferecendo novamente os sanduíches a Miss Marple. — Um pouco de arsênico faz muito bem para a pele, desde que não se exagere na dose.

— Como um também, rapaz — sugeriu o velho Mr. Crackenthorpe.

— Quer que eu seja o provador oficial? — retrucou Cedric. — Pois bem, aqui vai.

Ele apanhou um sanduíche e enfiou-o de uma vez só na boca. Com uma risadinha delicada, Miss Marple pegou outro e deu-lhe uma mordidela.

— Acho que os senhores demonstraram muita coragem com essas brincadeiras. Sim, acho que são realmente corajosos. Admiro a coragem.

Subitamente, ela sufocou um grito, engasgada. — Uma espinha — conseguiu dizer — na minha garganta...

Quimper levantou-se instantaneamente, correu para ela, fez com que recuasse para junto da janela e mandou que abrisse a boca. Tirando um estojo do bolso, escolheu uma pinça e, com perícia profissional, examinou o interior da garganta da velha senhora. Naquele momento a porta se abriu e Mrs. McGillicuddy sufocou um grito ao ver o quadro que se apresentava a seus olhos: Miss Marple curvada para trás e o médico debruçado sobre ela, segurando sua garganta e levantando o queixo.

— Mas... é ele! — gritou Mrs. McGillicuddy. — É o homem do trem...

Com incrível ligeireza, Miss Marple livrou-se das mãos do doutor e dirigiu-se para a amiga.

— Achei que você o reconheceria, Elspeth! — disse ela. — Não, não diga mais nada.

Virando-se com um ar triunfante para o médico ela acrescentou: — O senhor não sabia que alguém o viu estrangular aquela mulher no trem, não, doutor? Este alguém foi aqui a minha amiga, Mrs. McGillicuddy. Ela viu tudo. Está compreendendo? *Ela o viu cometer o assassinato.* Ela estava num outro trem que seguia paralelo ao seu.

— Que diabo... — o Dr. Quimper deu um passo em direção a Mrs. McGillicuddy, mas outra vez com ligeireza Miss Marple interpôs-se entre os dois.

— Sim — disse Miss Marple —, ela o viu e o reconheceu, e irá declarar isso sob juramento no tribunal. Creio que é muito raro — prosseguiu Miss Marple em sua vozinha doce e melodiosa — que alguém presencie um assassinato. Em geral só existem provas circunstanciais. Mas as particularidades desse caso são incomuns: houve uma testemunha ocular.

— Sua bruxa diabólica! — exclamou o Dr. Quimper, lançando-se sobre Miss Marple, mas Cedric o deteve, segurando-o pelos ombros.

— Então você não passa de um assassino sujo! — disse Cedric puxando-o para trás. — Nunca simpatizei com você, sempre pensei que era um mau elemento, mas, por Deus do céu, nunca suspeitei de você!

Bryan Eastley adiantou-se em auxilia de Cedric, ao mesmo tempo em que o Inspetor Craddock e o Inspetor Bacon entraram na

sala pela porta dos fundos.

— Dr. Quimper — disse Bacon —, devo adverti-lo...

— Vá para o inferno com essa lenga-lenga — retrucou o Dr. Quimper. — Acha que alguém vai acreditar nas palavras de duas velhas malucas? Que conversa é essa de trem que elas inventaram?

Miss Marple disse: — No dia 20 de dezembro, Elspeth McGillicuddy informou à polícia que testemunhara um assassinato e descreveu o criminoso.

Os ombros do Dr. Quimper caíram subitamente.

— Mas eu sou mesmo um sujeito azarado... — disse ele.

— Mas... — começou Mrs. McGillicuddy.

— Fique quieta, Elspeth — disse Miss Marple.

— Por que eu haveria de querer matar uma mulher completamente desconhecida?

— Ela não lhe era estranha — replicou o Inspetor Craddock. — Era sua esposa.

Capítulo 27



— Vocês estão vendo — disse Miss Marple — que o crime, como eu suspeitava, era realmente simples, muito simples. O mais simples possível. Há tantos homens que matam as suas mulheres!

Mrs. McGillicuddy olhou para Miss Marple e para o Inspetor Craddock.

— Ficaria muito grata se me explicassem melhor o que aconteceu.

— Ele viu uma chance de casar-se com uma mulher rica — disse Miss Marple —, Emma Crackenthorpe. Só que não podia se casar com Emma porque já tinha uma esposa. Eles estavam separados há anos, mas a mulher se recusava a conceder-lhe o divórcio. Isso ajustava-se perfeitamente ao que o Inspetor Craddock me contara sobre a mulher que se dizia chamar Anna Stravinska. Ela contara a uma amiga que era casada com um inglês e parecia ser uma católica muito devota. Dr. Quimper não podia se arriscar a cometer bigamia e, assim, decidiu-se, homem frio e impiedoso, a livrar-se da esposa. Sua ideia de matá-la no trem e mais tarde esconder o cadáver no sarcófago foi realmente inteligente. Ele pretendia ligar o crime à família Crackenthorpe. Antes disso, escrevera uma carta para Emma fingindo ser a moça que Edmund pretendia desposar, Martine. Emma falara ao Dr. Quimper sobre o romance do irmão. Então, quando chegou o momento, ele encorajou-a a contar a

história à polícia. Ele queria que a morta fosse identificada como sendo Martine. Creio que soube que a polícia parisiense estava investigando o paradeiro de Anna Stravinska e providenciou a remessa de um cartão-postal da Jamaica com a assinatura dela.

“Para ele foi fácil marcar um encontro com a mulher em Londres, convencê-la de que estava disposto a uma reconciliação e convidá-la para “conhecer a sua família” em Brackhampton. Não falaremos no que se seguiu, não vale a pena lembrar essa parte. Mas ele era um homem muito ganancioso, naturalmente, e, quando começou a pensar nos impostos e como reduziriam seus rendimentos, começou a achar que seria ótimo ter um capital maior. Talvez ele já tivesse pensado nisso antes mesmo de matar a esposa. De qualquer forma, começou a espalhar boatos de que alguém estava tentando matar o velho Mr. Crackenthorpe, para preparar o terreno, e mais tarde terminou por administrar arsênico a toda a família. Não muito, naturalmente, pois não queria que o velho Crackenthorpe morresse já.”

— Ainda não entendo como ele fez isso — disse Craddock. — Ele não estava na casa quando o ensopado foi preparado.

— Ah, mas não havia nenhum arsênico no ensopado — disse Miss Marple. — Ele adicionou-o mais tarde, quando levou a amostra para o laboratório. Provavelmente colocou o arsênico na jarra do coquetel. Depois foi-lhe muito fácil, como clínico da família, envenenar Alfred Crackenthorpe e também enviar as cápsulas de acônito para Harold em Londres, tendo a precaução de proteger-se dizendo a este que suspendesse o medicamento. Todos os seus atos foram audaciosos, impudentes, ávidos e cruéis, e realmente fico satisfeita, muito satisfeita — declarou a suave velhinha, com a expressão mais feroz de que era capaz — de que não tenham ainda abolido a pena capital, porque acho que, se alguém merece ser enforcado, esse alguém é o Dr. Quimper.

— Muito bem — disse o Inspetor Craddock.

— Sabem — prosseguiu Miss Marple —, ocorreu-me a ideia de que, mesmo que só tenha visto uma pessoa por trás, as costas de um indivíduo também possuem peculiaridades próprias. Pensei que, se Elspeth visse o Dr. Quimper na mesma posição em que vira o

homem do trem, isto é, de costas para ela, debruçado sobre uma mulher e com as mãos em torno do pescoço dessa mulher, era quase certo que ela o reconheceria, ou pelo menos soltaria alguma exclamação de espanto. Foi por isso que, com a prestimosa ajuda de Lucy, planejei a situação.

— Devo admitir que levei um grande choque — disse Mrs. McGillicuddy. — Eu disse “É ele!” antes de poder me conter. E, na verdade, sabem que eu não tinha visto o rosto do homem...

— Tive um medo terrível de que você dissesse isso, Elspeth — tornou Miss Marple.

— Eu ia dizer mesmo — retrucou Mrs. McGillicuddy —, eu ia dizer que não vi o rosto dele.

— Isso teria sido desastroso — replicou Miss Marple. — Entenda, minha amiga, Dr. Quimper pensou que você realmente o reconheceu, pois não podia saber que você não tinha visto o rosto dele.

— Então foi bom eu ter ficado de boca fechada — disse Mrs. McGillicuddy.

Craddock soltou uma súbita risada. — Vocês duas formam uma dupla maravilhosa! — disse ele. — E agora, Miss Marple, o que vai acontecer? Onde está o final feliz? O que sucederá à pobre Emma Crackenthorpe, por exemplo?

— Ela esquecerá o médico, naturalmente — disse Miss Marple —, e acredito que, quando o pai morrer — ele não é tão robusto quanto pensa —, ela fará um cruzeiro, ou irá para o estrangeiro como Geraldine Webb, e aposto que encontrará alguém. Alguém bem melhor que o Dr. Quimper, espero.

— E quanto a Lucy Eyelesbarrow? Os sinos nupciais também tocarão para ela?

— Talvez — disse Miss Marple. — Não me admiraria nada.

— Quem ela escolherá? — perguntou Dermot Craddock.

— Você não sabe? — retrucou Miss Marple.

— Não, não sei — disse Craddock. — A senhorita sabe?

— Sim, acho que sei, sim — respondeu Miss Marple, fitando-o com um brilho malicioso no olhar.

Fim



O autor e sua obra



Ninguém diria que aquela tímida e inofensiva senhora que caminhava pelos bosques de Devonshire ou pelas margens do Tamisa seria capaz de ideias tão arrepiantes, personagens ora cruéis, ora amáveis, situações insólitas, às vezes hilariantes. Os crimes arquitetados nessas incríveis caminhadas teriam seu desfecho mais tarde, quando, deitada numa banheira comendo maçãs, muitas maçãs, a velha senhora chamada Agatha Christie solucionava magnificamente suas tramas.

Esse ritual foi seguido desde que Agatha Mary Clarissa Miller (o sobrenome Christie é do primeiro marido) conseguiu publicar seu livro de estreia, em 1921, "O misterioso caso de Styles". Tinha trinta anos (nasceu em 15 de setembro de 1890, em Devonshire, sul da Inglaterra), e as vendas lhe renderam somente vinte e cinco libras esterlinas, depois de vários editores terem se negado a publicar o livro. Foi o começo de um dos maiores fenômenos literários do

gênero policial, comparável somente a Conan Doyle e seu Sherlock Holmes.

Mas Agatha Christie, desde o início, já encontrara seu herói, ou anti-herói, já que o tipo físico do Detetive Hercule Poirot lembra muito mais um Sherlock às avessas, com a mesma inteligência. Em sua autobiografia, a autora lembra como criou o belga Poirot: “Podia imaginá-lo como um homenzinho ordeiro, sempre arrumando as coisas, gostando das coisas aos pares, gostando de coisas quadradas e não redondas. E tinha que ser muito inteligente, tinha que ter celulazinhas cinzentas no cérebro — essa era uma boa frase, precisava lembrar-me dela”.

Poirot resolveu trinta e sete crimes, estranhos e aparentemente sem solução.

Dividiu essa honra principalmente com Jane Marple, simpática solteirona, tão sagaz e cerebral como o detetive belga. Nas dezesseis obras de Agatha Christie adaptadas para o cinema — as mais famosas foram “Assassinato no Expresso Oriente” e “Testemunha de Acusação” —, Miss Marple esteve presente em quatro, todas com interpretação de Margaret Rutherford. Para o teatro, doze adaptações.

O maior sucesso: “A ratoeira”.

Se na ficção policial Agatha Christie foi chamada de “rainha do crime”, não menos brilhante foi sua carreira como escritora de histórias de amor. Disfarçada sob o pseudônimo de Mary Westmacott, durante quinze anos publicou seis livros no gênero — “A carga”, “O conflito”, “O retrato”, “O gigante”, “A ausência” e “A filha”

—, os quais ela própria lamenta não terem tido o devido reconhecimento, apesar do mesmo sucesso de público de suas histórias fantásticas de crimes.

Assim era Agatha Christie, uma tranquila dona-de-casa, que escrevia por prazer, detestava publicidade e vivia para as plantas, para o lar e para a família.

Antes de morrer, em 12 de janeiro de 1976, Agatha Christie cuidou também de preparar a morte de Miss Marple; e voltou à

Mansão Styles, cenário de seu primeiro livro, para encerrar a carreira de Hercule Poirot, em "Cai o pano".

Perguntada certa vez sobre o futuro, Agatha — oitenta e seis livros em cento e três idiomas, além de uma autobiografia, mais de trezentos e cinquenta milhões de exemplares impressos até hoje, e um incontável número de leitores — respondeu: "Daqui a alguns anos, só quero ser lembrada como uma boa escritora de casos policiais".

Alguns dos mais famosos títulos da autora: "O portal do destino", "O misterioso Mr. Quinn", "O cavalo amarelo", "Uma dose mortal", "Os treze problemas", "O assassinato de Roger Ackroyd", "O caso dos dez negrinhos", "A testemunha ocular do crime", "Os relógios", "Assassinado no campo de golfe", "A aventura do pudim de Natal", "Passageiro para Frankfurt", "Nêmesis" e "Os elefantes não esquecem", entre outros.